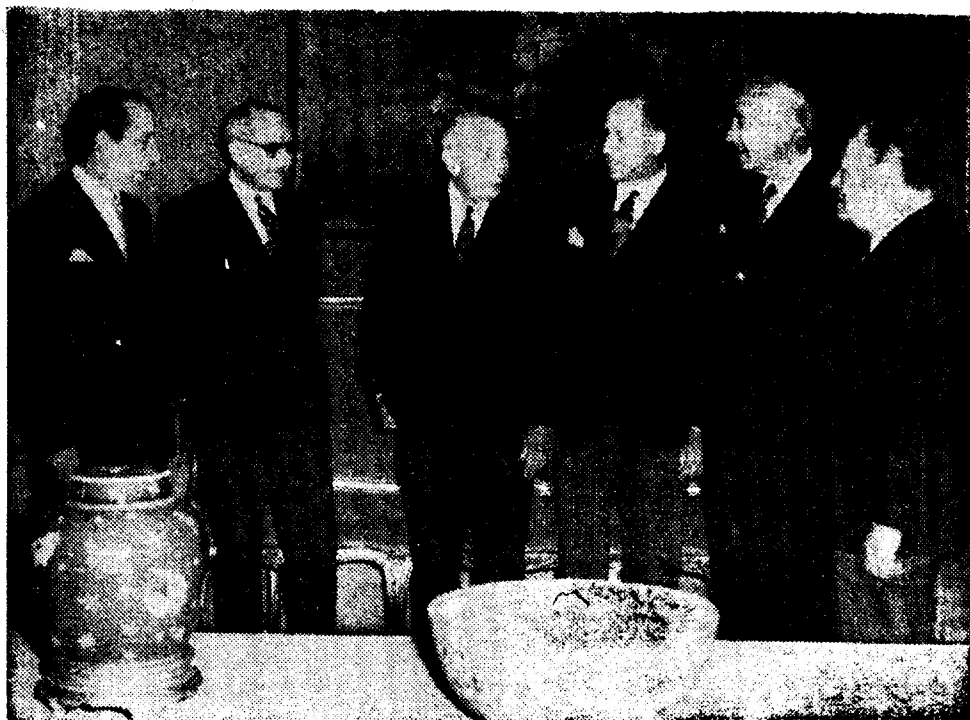
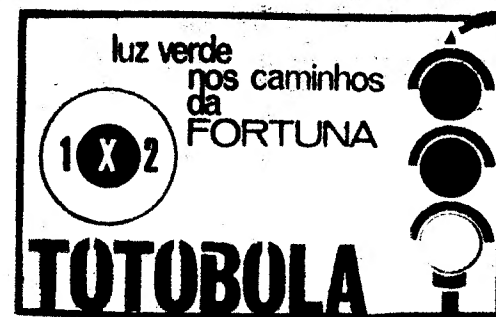


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 894 ANO 49.º PREÇO 1\$50



O Chefe do Estado, tendo a seu lado o Presidente do Conselho, recebe os cumprimentos dos presidentes da Assembleia Nacional, Câmara Corporativa, Supremo Tribunal de Justiça e Câmara Municipal de Lisboa. A foto foi obtida ontem, no Palácio Nacional de Belem, durante as cerimónias de cumprimentos de fim de ano ao Presidente da República, que se prolongaram por toda a manhã. (Ver na página central)

O FIM DA EFTA

— prevê um ministro norueguês no caso da saída da Inglaterra

OSLO, 2 — (R.) — Kaare Willoch, ministro norueguês do Comércio e Navegação, afirmou que a Associação Europeia de Comércio Livre (E.F.T.A.) deixará de existir se a Grã-Bretanha entrar para o Mercado Comum.

Se a Noruega permanecer afastada de uma Comunidade Económica Europeia alargada, «não só ficará

(Continua na 11.ª página)

A MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

INFELIZMENTE A PAZ É UMA META MUITO DIFÍCIL DE ATINGIR

Através da Rádio e da Televisão, o Chefe do Estado dirigiu ontem, pelas 13 horas, a sua habitual mensagem de Ano Novo aos portugueses de todo o mundo. Eis, a seguir, o texto integral das palavras do

sr. almirante Américo Thomaz

A MISÉRIA É PERMANENTE E A GRANDEZA EFÊMERA

Continua o tempo correndo indefinidamente e, na esteira do seu caminho implacável, vão os anos passando e, com eles, vão os homens desaparecendo do palco da vida, uns após outros, e mergulhando na bruma, mais ou me-

nos cerrada, do esquecimento. Perante esta inevitável realidade é de perguntar à Humanidade porquê tanta ambição, tanto egoísmo, tanto orgulho e tanto ódio. Não seria antes preferível mais humildade, mais resignação, mais compreensão e mais caridade?

Com estas primeiras palavras, que são o desabafo duma alma que já viveu o bastante para saber que a miséria é permanente e a

(Continua na 15.ª página)

ABOLIDAS AS RESTRIÇÕES ÀS DESPESAS DE TURISTAS INGLESES

LONDRES, 2 — (R.) — O limite máximo de 50 libras para as despesas que os turistas britânicos podiam fazer no estrangeiro foi abolido a partir da meia-noite de ontem anunciou o Governo de Londres. A restrição foi anposta em Novembro de 1966 no quadro das medidas económicas então decretadas. Um comunicado do Governo anunciou que serão mantidas certas formalida-

des para impedir a exportação não autorizada de capitais. Acrescentava que a decisão agora tomada não se aplica no caso dos cidadãos britânicos que pretendam visitar a Rodésia. Os turistas poderão agora trocar até 300 libras por moedas estrangeiras para cada viagem que façam ao estrangeiro e pedirem ao banco da Inglaterra mais dinheiro se dele necessitarem.

ACELERAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO COM A INTENSIFICAÇÃO DOS INVESTIMENTOS PÚBLICOS

— objectivo do Governo anunciado no Orçamento Geral do Estado (Pág. 8)

«O PRIMEIRO DE JANEIRO»

O nosso querido colega «O Primeiro de Janeiro», dos mais antigos jornais e composição de relevo na imprensa portuguesa, celebrou, ontem, o seu 102.º aniversário. Ao director sr. Manuel Pinto de Azevedo Júnior e aos que trabalham no prestigioso diário português as nossas cordiais felicitações.

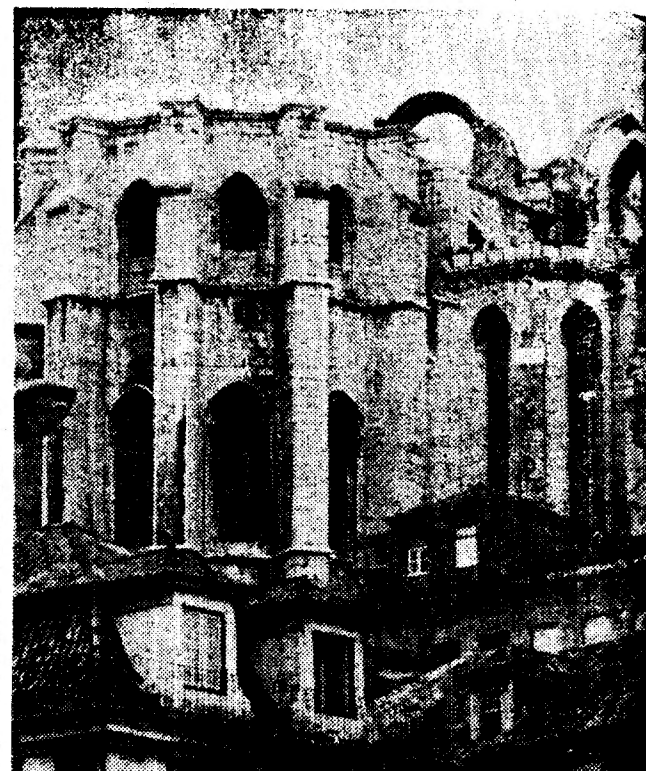
Mundo. Mas é diferente. Cada cidade tem a sua maneira de cativar, o seu modo íntimo de agradar. Lisboa vive do pitoresco, dos panoramas, da cor, da luz, da sua forma e do seu movimento por subidas e descidas, dos becos que acabam em largos e dos seus bairros que se desmoronam para o Tejo, num labirinto de planos. As feições de Lisboa, onde reside o seu carácter e a sua personalidade, decidiram o nosso

Jornal á iniciativa que rapidamente viria a conquistar muitos milhares de con-

De facto, o «Album de Lisboa» documenta aspectos históricos, pitorescos e tradicionais da cidade e, também, as que possui expressões como grande capital do mundo do nosso tempo. Por uma importância ínfima (2\$50) cada con-

(Continua na página seguinte)

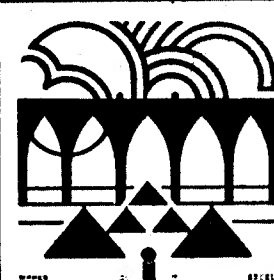
HOJE 36 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA



As ruínas do antigo Convento do Carmo, com os seus arcos, ogivas suspensas, em nave descoberta, são interessantes pela sua singularidade decorativa. Restam da linha monumental do século XIV apenas parte da fachada gótica, alguns arcos de ogiva e uma secção da capela-mor (Reportagem na 2.ª página)

«ÁLBUM DE LISBOA»

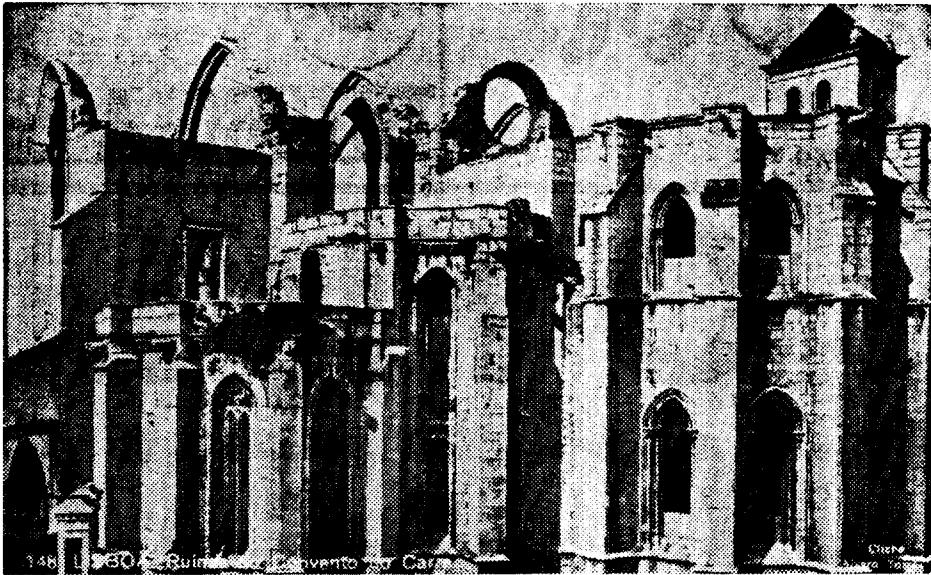
AINDA É POSSÍVEL CONCORRER



PUBLICAMOS NA 2.ª PÁGINA A GRAVURA N.º 2 DO NOSSO CONCURSO

«ÁLBUM DE LISBOA»

AS RUÍNAS DO CARMO



Quando o Convento do Carmo ficou construído, em 1423, D. Nuno Alvares Pereira, «titular de três condados, donatário de trinta e três vilas, senhor de quase tantas terras como tinha o Rei, despiu a armadura, vestiu-se de burel, distribuiu todos os seus senhorios, bens, terras e rendimentos, renunciou a todos os títulos, dignidades e relações» e entrou para o Convento, que o terramoto, séculos mais tarde, viria a destruir quase completamente e onde é hoje um museu arqueológico



Album
de
Lisboa

Diário de Lisboa



Recorte e cole a gravura n.º 21
no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telef.: 65 45 33/65 45 34

AINDA É POSSÍVEL CONCORRER

(Continuação da pág. anterior)

rente possuirá um Album que lhe recordará factos ou o fará conhecer, embora num aspecto geral, a Lisboa que poetas e escritores imortalizaram.

Cada concorrente — que poderá participar na nossa iniciativa com quantos «Albums» quiser —, está, também habilitado ao sorteio de magníficos prémios, entre os quais pomos em relevo o confortável apartamento atraentemente mobi-

lado, num dos blocos de prédios já construídos em Miratejo, a cidade-panorama, pela Realimo, S. A. R. L., o magnífico automóvel Toyota, modelo Corolla 1100, de que são representantes Salvador Caetano, S. A. R. L. e distribuidores em Lisboa e no Porto Transmotor, S. A. R. L.; 5 excelentes televisores Siemens, entre os quais o modelo «Estoril», homenagem da Siemens ao nosso país, uma máquina de lavar, dois frigoríficos, três radioreceptores e muitos aparelhos electrodomésticos da Siemens — a qualidade alemã vem da Siemens — e duas dezenas de álbuns, com discos «long-play», peças dos maiores autores em interpretações de famosas orquestras, da etiqueta Philips.

É possível ainda participar na nossa iniciativa. Basta solicitar directamente aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º em Lisboa, os «Albums» pretendidos e, também os jornais atrasados por se terem esgotado justificaram novas tiragens.

Esclarecem-se os que se surpreendem por ainda não terem recebido as suas remessas que o atraso, embora ligeiro, se verificou pela aglomeração de correio própria da quadra. Garantimos, no entanto, que todos os pedidos serão satisfeitos — para maior êxito da nossa iniciativa.

No entanto, só em 1834, os frades abandonariam definitivamente o Convento. E dois meses antes do decreto de extinção, a biblioteca do Carmo tinha 6880 volumes.

Esta a história, a traços largos, do Convento do Carmo. Ao passar no Rossio, a um domingo, ao fim da tarde, e ao ouvir o clarim do arrear da bandeira no quartel da G. N. R. que ali está instalado agora, quem se lembrará (que saberá?) esta história simples, mas de tão grande valor para as tradições lisboetas?

Hoje as ruínas do Convento do Carmo oferecem aos poucos visitantes que as procuram, uma sensação de austeridade — um imusitado clima de paz, em pleno coração da urbe.

NÃO SÃO AS DO CONVENTO DE D. NUNO

DAS MIL FACES que Lisboa ostenta, qual delas o seu maior galardão de glória? Cidade antiga e moderna, triste e simultaneamente alegre (como lhe chamam os cronistas seus amantes), Lisboa debruça-se das sete colinas e reflecte-se no Tejo, que lhe corre aos pés. Em cada pedra, em cada monumento antigo, a urbe esconde uma história, sempre interessante e, infelizmente, desconhecida dos lisboetas. Ao mirar-se no rio, qual o trecho que a cidade mais estremerá? Nenhum em particular, decerto, e todos em geral. No entanto, as ruínas do Convento do Carmo têm um lugar especial (e conquistado por direito próprio) no coração de Lisboa.

São muito antigas as ruínas? Não. Embora o Convento tenha sido mandado construir por D. Nuno Alvares Pereira e a primeira pedra lançada em 1389,

1423, doava o próprio edifício aos Carmelitas.

Chega o ano trágico de 1755. O terramoto arrasa Lisboa. Aos seus dramáticos efeitos não fugiu o Convento do Carmo, que ficou totalmente destruído, perdendo-se tudo o que ali havia. No sinistro morre-

ram nada menos de 14 religiosos.

Não são pois da construção inicial as ruínas que Lisboa conserva hoje do seu Convento. A reconstrução, iniciada, como dissemos atrás, por frei Pereira de Sant'Anna, jamais viria a concluir-se. E, embora em

OS «STANDS» GAZCIDLA DE LISBOA

Os «stands» da Cidla, integrados na campanha «Gazcidla no seu bairro», e as zonas que servem:

- | | |
|----------------|--|
| ALCANTARA | — Largo do Calvário, 12-C |
| ALECRIM | — Rua do Alecrim, 77 |
| ALFAMA | — Rua de S. Miguel, 5 |
| ALVALADE | — Rua José Duro, 27-C |
| ARROIOS | — L. Mendonça e Costa, 9-C |
| AVENIDAS NOVAS | — Av. Miguel Bombarda, 56,A |
| BAIRRO ALTO | — Rua da Atalaia, 131 |
| BENFICA | — Rua Emilia das Neves, 4-B |
| BOA HORA | — Trav. da Boa Hora, 30-D-E |
| CAMPO | — Rua Infantaria, 16-57-A |
| DE OURIQUE | — Rua de Campolide, 94-C |
| CAMPOLIDE | — Largo da Graça, 63-D |
| GRAÇA | — Pr.º Alexandre Ferreira, 32 |
| LUMIAR | — Rua da Esperança, 134 |
| MADRAGAÇA | — Rua Cidade de João Belo, lote 86-Lj. B |
| OLIVAIS | — Rua da Beneficência, 61 (a inaugurar brevemente) |
| REGO | — Avenida 24 de Julho, 94-A |

24 DE JULHO

Em todos estes «stands» encontrará pessoal especializado para prestar assistência técnica, exposição permanente dos mais modernos modelos de material de queima e pronto fornecimento de gás — com rapidez, eficiência e simpatia.

o que ali se vê hoje não passa de restos de uma reconstrução inacabada, da iniciativa do provincial dos Carmelitas da época (frei José Pereira de Sant'Anna) após o terramoto de 1755.

A história do Convento do Carmo é esta: encontradas enormes dificuldades na construção, devidas sobretudo às irregularidades do terreno, nem por isso D. Nuno Alvares Pereira desistiu do seu intento. E já em 1397 (a data não é rigorosamente exacta, mas a mais aceite pelos historiadores), o Condestável escrevia ao vigário-geral dos Carmelitas, frei Afonso de Alfama, pedindo-lhe que mandasse alguns dos seus religiosos de Moura para o Convento de Lisboa. O primeiro superior chamava-se frei Gomes.

Logo em 28 de Julho de 1404, D. Nuno Alvares Pereira fazia doação de um grande património ao Convento e, passados anos, precisamente no mesmo dia e no mesmo mês de

EXTERNATO NUN'ALVARES

DIURNO — NOCTURNO
Primário - Liceal
LÍNGUAS — LABORATÓRIOS — MÚSICA — TRANSPORTES
PRAÇA JOÃO DO RIO, 2
TEL. 722461

Cofres de aluguer



Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

VINHO DO PORTO BARROS



A QUALIDADE À SUA MESA

NOVO TIPO DE SINDICATOS NA VIDA POLÍTICA DA ITÁLIA

ROMA — A assinatura da convenção colectiva dos metalúrgicos porá termo ao «Outono quente»? Tanto do lado dos industriais como do lado dos sindicatos hesita-se em acreditar que a contenda terminou. A convenção colectiva assinada pelos metalúrgicos, que abrange 1 500 000 operários, e os outros contratos, que interessam a 4 000 000 de trabalhadores, não são, na verdade, mais do que simples quadros gerais no plano nacional. Há que conduzir ainda as convenções próprias de cada empresa, e, segundo toda a verosimilhança, os movimentos de «greves de braços caídos» ou as agitações voltarão a dar-se este mês, ao mesmo tempo que as negociações serão abertas nos escalões particulares.

Nesta perspectiva, dois documentos assumem agora grande interesse. O primeiro deve-se ao sr. Costa, presidente da Confederação Geral da Indústria Italiana, que escreveu ao presidente do conselho, e o outro, ao sr. Bruno Trentin, secretário-geral da Federação dos Metalúrgicos C. G. I. (socialistas-comunistas), que comenta o acordo num editorial de «L'Unità».

«A tarefa do sindicato não se reduz a uma pura ginástica de assinatura de contratos colectivos», nota o sr. Trentin, que faz assim o balanço do «Outono quente», «criou-se um novo tipo de unidade de classe, capaz de vencer, pouco a pouco, as barreiras corporativas, as lógicas específicas das empresas, as diplomacias de mais alto nível. As diferentes fases da luta foram decididas com

os trabalhadores; as mudanças de tática, com as dificuldades e as incógnitas que apresentavam, fo-

ram debatidas nas fábricas e decididas com a participação de todos». O sr. Trentin salienta, por outro lado, que «a unidade entre os sindicatos saiu desta batalha contratual mais forte, mais densa, no fim que no princípio. A unidade sindical de classe já está a bater à porta».

Aludindo, por fim, à pressão dos «esquerdistas» e ao pessimismo de outros

setores da opinião, conclui o sr. Trentin: «O Outono quente não foi a explosão de espontaneidade que alguns esperavam. Não deitou atrás de si traços de azedume. Foi um momento uma etapa na via da construção de um novo tipo de sindicato e de uma transformação da vida política do país».

Estas considerações encontram-se expostas na carta escrita pelo sr. Costa ao presidente do conselho. O presidente da confederação declara que a delega-

boa do que seria de esperar se tivesse havido uma política económica e sindical mais acertada».

«NÃO HÁ LIBERDADE SINDICAL»

Aliás, acrescenta o sr. Costa, as consequências mais graves não são as económicas. «O que fez falta foi a liberdade sindical quando se permite qualquer acto de violência, em nome de um abuso do direito de greve e em detrimento do direito ao trabalho. Não há liberdade sindical, quando o Governo, por intermédio do ministro do Trabalho, intervém na controvérsia, declarando que não pode ser imparcial».

Poderá esta posição do presidente da Confederação ser interpretada como uma intervenção do patronato na vida política? Ela reflecte decerto a opinião da fracção mais moderada desta confederação cuja «filosofia» é contestada pelo grupo dos jovens industriais. Nos meses que se avizinham, o desenlace da crise no seio da Confederação não se revestirá de menos importância do que a evolução das estruturas sindicais na vida económica italiana.

Por JACQUES NOBÉCOURT

Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»

RECTÂNGULOS DA VIDA

O SABIO E A CRIANÇA

Por estas e por outras é que ele se recusa a acreditar. Não que seja um homem incrédulo, nada disso. Acredita nisto, naquilo e naquilo outro do dia a dia, mas recusa-se a acreditar, por assim dizer, a alto nível. Para tranquilidade do seu espírito e também do seu coração, explica. Porque se acreditasse em tudo o que por esse mundo fora é anunciado e receado, saía pela primeira porta que encontrasse, e essas portas — aquelas em que ele estava a pensar quando falou — são portas só de duas passagens (entrada e saída), o que é muitíssimo aborrecido. Por isso recusa-se a acreditar.

Nem pensa nisso. Lê e esquece. Ouve e perde o que ouviu. Não receia o futuro, vive o dia de hoje e pensa que

amanhã está longe e talvez nunca chegue. Para ele, claro.

Sobre do coração, explica: é uma espécie de ginástica, esta que faz. Ou melhor, de yoga. O médico diz-lhe que leve uma vida tranquila e não suba

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO



para carros eléctricos em andamento. Nunca lhe recomendou que não se afliesse com «estas e outras», mas está implícito, não? Daí a sua recusa terminante.

Nesse dia era aquela notícia em todos os jornais. Notícia que logo recusou. Pois como podia ele crer que o dr. Lathan, da Universidade de Columbia, principal cientista experimental do programa Apolo, tivesse proposto a deflagração de uma bomba nuclear na Lua, para ver, entre outras coisas, como ela é por dentro? E ele, o homem em questão, disse que não acreditava porque os sábios que têm todo o saber e todo o poder do mundo nas mãos, e o seu neto mais pequeno, que ainda não sabe falar correctamente e partira dias antes um boneco para ver como ele era feito, não podiam raciocinar do mesmo modo. Então, pronto, não acreditou. Só quando vir, se vir, e mesmo assim...

Nota do dia

SOB O SIGNO DA GRIPE

A PASSAGEM DO ANO fizemo-la todos mais ou menos sob o signo da gripe, que é uma coisa que se passa agora pelo mundo sem passaporte e por itinerários mais ou menos peestabelecidos. A rapidez e a facilidade de comunicações, que, evidentemente, apesar disso, havemos de continuar a festejar, estão afinal na origem da própria facilidade de propagação da enfermidade. Há gripe na Grã-Bretanha? Pois noutros tempos toda a gente achava e bem que isso da Grã-Bretanha era lá longe, coitados, que se arranjasse, que os outros ficavam cá longe à distância e em paz. Mas isso é história antiga. Hoje em dia, com as carreiras aéreas regulares, não há mais embaraços, vai-se buscar a gripe onde ela estiver, no mesmo dia, em viagem de ida e volta.

O aspecto imprevisto das acometidas deste mal está, porventura, no que possa chamar-se o seu aperfeiçoamento. Quer isto dizer, toda a vida se ouviu falar da gripe, que era uma maleitazita assim de certo modo encostada às constipações, mas sem significado de maior. Houve a «espanhola» em 1918, que veio com a característica de certas afecções pneumónicas e fez à sua volta negra sementeira de mortandade. Mais recentemente é que passámos a sofrer as sucessivas visitas das espécies designadas parece que pela origem, a «asiática» e a «italiana». Mas fora isso, era a gripezinha barata, sem certificado de origem nem marca de qualidade.

Se é possível a um profano fazer algumas observações, a primeira delas será que a gripe não poupa os países onde existe instalado e a funcionar um sistema de saúde pública mais evoluído. Parece que, paradoxalmente, é o contrário o que se observa: um milhão de operários ingleses ausentes na reabertura das fábricas depois dos dias de Natal; na Suécia, onde se registaram alguns óbitos, esgotaram-se os medicamentos antigripais. Por essa Europa fora, os hospitais não chegam para acudir a quantos aflitos lhes batem à porta. Os hospitais não chegam, os médicos não chegam, os remédios não chegam. Que força têm então os elementos que no nosso tempo é possível reunir e dominar para deles se fazer uma aplicação útil?

Nem toda a gente sabe que até temos em Portugal um «Centro Nacional de Gripe», que todos os anos tem tido agora que fazer. O seu director, dr. Arnaldo Sampaio, não se poupa a esforços para nos esclarecer e tranquilizar. Ao primeiro sinal, não há que hesitar, é entrar na cama e chamar o médico. Mas, antes do médico saltar a terreiro para intervir ou aconselhar, não seria possível brotar de algures um jacto de bom-senso que tivesse limitado, nestes dias de habituais manifestações natalícias, as grandes aglomerações de crianças, onde o contágio se faz alegremente, sem se dar por isso, mesmo sem dor e sem alarme? Até os empresários dos espectáculos públicos teriam ficado contentes com a sua consciência se alguém se tivesse lembrado a tempo de dar o sinal.

GRIPE

Na profilaxia das epidemias gripais use

ARGOTONE

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

Já pensou em comprar um andar? O seu capital será valorizado dia a dia. Andares nos melhores locais desde 185 contos. Pagamentos até 25 anos.

CONSULTE-NOS

LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.

Praça da Alegria, 58-2.º Sala-E, LISBOA

Tels. 326718/327803/328567



Crédito Universitário

BANCO DO ALENTEJO

LICEU

CICLO LICEAL COMPLETO
CICLO PREPARATÓRIO — LINGUAS
CURSO COMERCIAL — INSTITUTOS

Nocturno: das 19 às 24 h.
Diurno: das 9 às 19 h.

• ESCOLA SÃO VICENTE:

Rua do Paraíso, 28 — Telef. 86 59 04

• EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:

Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 82 02 21

• EXTERNATO ALVARES CABRAL:

Av. Grão Vasco, 1 (f. a Igreja de Benfica) — Tel. 70 69 74

MODERNOS LABORATÓRIOS

o mundo inteiro segue a sua hora CAUNY

CALENDARIO - AUTOMATICO
ANTICHOQUE - ANTIMAGNETICO

Importantes problemas da cidade

numa exposição do presidente da Câmara de Coimbra aos representantes dos órgãos de informação

COIMBRA, 2 — Na sala das sessões da Câmara Municipal, decorreu a reunião anual do presidente, sr. eng. Araujo Vieira, com os representantes dos órgãos de informação, durante a qual foram abordados importantes problemas de interesse cívico. Presentes, ainda, além dos vereadores, srs. António Miranda Veloso, dr. D. Maria José Bacelar, dr. Viriato Namora e António Neves da Costa, todos os chefes de serviços da Câmara e dos Serviços Municipalizados.

A longa exposição feita pelo sr. eng. Araujo Vieira foi objectiva e esclarecedora e o edil respondeu a diversas perguntas.

Acentuando o espírito de cooperação e o esforço dos vereadores e pelos funcionários, o presidente disse que ia mostrar «que está a ser esmeradamente cumprido o nosso programa e que ele constitui a actividade de uma equipa de cerca de 2300 colaboradores, para o quadriénio que termina em 1971».

Obras realizadas em curso e planeadas

Falou, depois, de obras realizadas e em curso e dos vastos planos para outros importantes trabalhos. E disse:

— A inauguração do edifício de Matemática da Faculdade de Ciências pelo Chefe do Estado, as eleições para deputados à Assembleia Nacional e a visita do ministro das Obras Públicas foram os acontecimentos mais relevantes do ano que hoje termina e que tiveram lugar no nosso concelho.

Aquela importante edificação universitária importou em 26 mil contos.

Referiu-se o orador às eleições e à visita daquele membro do Governo, relacionada com a solução de importantes problemas da urbe e do distrito. Estão, como disse, em curso e em bom ritmo as obras do edifício do Instituto Industrial; em andamento urgente as da Escola do Ensino Primário «Eugénio de Castro» e da estrada nacional de Benfante, bem como a escola primária, de oito salas, «Marcelino Carmona», trabalhos que orçam em 96 mil contos. A variante Norte — saída para o Porto — aguarda definição do Plano Regulador e os trabalhos da Avenida Central, cujo anteprojecto será entregue em Abril próximo para se começar a venda de terrenos e elaboração de projectos de construções.

No programa de trabalhos elaborado em 1967 previsto o seu desenvolvimento num período de quatro anos, a partir de 1968, incluíram-se as duas grandes realizações: iluminação do Estádio Municipal e construção do campo de aviação de Cernache, cuja pista deve ficar concluída em fins de 1971.

— A obra de maior importância, concluída durante 1969 — disse — diz respeito às Ruas Dr. António José de Almeida e de Santa Teresa. Incluíram trabalhos de construção das redes de esgotos, água, electricidade e substituição da via dos carros eléctricos. A situação actual destas ruas em breve fará esquecer o estado em que, durante muitos anos, aquelas artérias se mantive-

ram com o piso deplorável. No próximo ano, contamos concluir algumas das maiores realizações no plano urbanístico, como as Ruas dos Combatentes, Dr. Lourenço de Almeida Azevedo, urbanização à volta do Estádio, praças Salazar e Heróis do Ultramar. Algumas delas estão em vias de conclusão, cujos trabalhos constituíram preocupação destes dois últimos anos.

O presidente da Câmara acrescentou:

— Essas obras fazem parte da conclusão do Estádio Municipal e o seu grupo de piscinas ao ar livre e aquecidas. Estas últimas constituem uma das realizações que maior significado tem na vida cívica. Postas à disposição da juventude com a colaboração da Direcção-Geral dos Desportos e orientadas pelo seu ilustre delegado dr. Mendes da Silva, estas instalações têm tido uma utilização total, em regime quase de saturação. Neste sector do desporto nacional, em que se promoveu a aprendizagem gratuita da natação, Coimbra deu um salto no tempo acompanhando as nações mais evoluídas da Europa. No ano decorrente poucas serão as crianças de Coimbra que não tenham passado pelas piscinas municipais.

O sr. eng. Araujo Vieira prosseguindo na sua longa exposição referiu importantes obras realizadas e em curso, às quais vai ser dado grande incremento, incluindo arnuamentos, vias de acesso, saneamento, águas, electricidade, transportes, etc., não só na cidade, mas abrangendo diversas localidades. Agradeceu, por fim, a colaboração dos organismos oficiais e de outras entidades.

Problemas relacionados com as piscinas públicas

Após a leitura da exposição, usou da palavra o nosso

camarada José Maria dos Santos que, depois de saudar o sr. eng. Araujo Vieira, falou do problema das piscinas, um «caso» nesta cidade, dado o incremento que proporcionou à natação, mas lembrou a necessidade de construção de piscinas em bairros, uma vez que as crianças que vivem afastadas não podem frequentar. No Estádio, as escolas de natação, muitas delas por carência de meios para pagamento dos transportes colectivos e ainda, que as piscinas aquecidas fossem postas à disposição do público em geral.

Em resposta, o presidente e o vereador sr. dr. Viriato Namora, esclareceram que está em estudo a construção de piscinas em locais afastados, e que, quanto ao transporte de crianças, se pensa que sejam feitos em autocarros destinados, para o efeito, pela D. G. D. Quanto à utilização das piscinas aquecidas por adultos, elas têm estado ao dispor do público das 8 às 9 e das 19 às 20 horas gratuitamente. O resto do dia são ocupadas pelas crianças dos estabelecimentos escolares que têm prioridade.

Depois, o jornalista Eugénio Dias, tratou do problema do campo de aviação, afirmando que a falta de conclusão das obras causa graves prejuízos, pois — disse — há directores de empresas que têm necessidade de utilizar tal meio de transporte, lembrando o desenvolvimento de construções na região de Setúbal, exactamente por facilidade de transporte. Disse, ainda, que no seu entender, o surto industrial de Coimbra só pode desenvolver-se desde que se verifique essas rápidas condições de transporte.

O presidente deu largas explicações sobre o desenvolvimento de indústrias, comparando o caso de Viseu e outras localidades e afirman-

do que essas indústrias são montadas consoante as condições da região no que diz respeito a matérias-primas, mercados, etc.

Interviu, a seguir, o nosso colega Albano Pato que falou do problema do caminho-de-ferro da Lousã, sobre o qual se fala de vez em quando, para logo cair no esquecimento, mas fala-se sem se ir ao fundo da questão, procurando-se uma solução que os interesses da cidade exigem.

Sobre as obras do campo de aviação acentuou o orador a morosidade com que elas se fazem, afirmando que, antigamente, com mato e arbustos, conseguia-se aterrar e agora, por terem estragado a pista que existia, nenhum avião consegue ali aterrar.

Sobre o assunto travou-se vivo diálogo entre aquele nosso colega e o presidente da Câmara, esclarecendo-se que as obras do campo não competem à Câmara, mas à Direcção-Geral da Aeronáutica e ao proprietário do campo, a Junta Distrital. A Câmara — foi dito — apenas pode dar a sua colaboração.

Houve, ainda, outras intervenções quanto a outros problemas, sobre alguns dos quais a Câmara não tem competência directa. Por fim, o sr. eng. Araujo Vieira agradeceu a presença dos representantes dos órgãos de informação e a forma como a reunião decorreu.

Depois, num restaurante da Baixa, houve um almoço oferecido pelo presidente do Município. Aos brindes, trocaram-se saudações entre os srs. eng. Araujo Vieira e o nosso camarada José Maria dos Santos.

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr. Francisco Valadão Junior

ANGRA DO HEROISMO, 2 — (L.) — Contando 80 anos, faleceu, nesta cidade, o dr. Francisco Valadão Junior.

Nascido em 3 de Outubro de 1889, na freguesia de Vila Nova, na ilha Terceira, formou-se em Direito, em 1912, na Universidade de Coimbra. Assumiu em 1919 a função de secretário do Governo Civil de Angra do Heroísmo, exercendo diversas vezes, por obrigação legal, o cargo de chefe do distrito, em épocas extremamente difíceis.

Foi professor liceal, regendo as disciplinas de Filosofia, História e Latim, durante vários anos.

Deixou uma vasta obra literária, na qual se salientam os livros «O último capitão-general da ilha Terceira», «A emigração colonial», «D. Maria II, Rainha da Terceira», «O Terror», «O julgamento de um guerrilheiro condenado à morte» e «Dois capitães-generais e a 1.ª Revolução Constitucional na ilha Terceira».

O extinto era pai do dr. Ramiro Machado Valadão, presidente do conselho de administração da Radiotelevisão Portuguesa.

FUNERAIS

José da Silva

PORTO, 2 — Realizou-se, hoje, para o cemitério do Prado do Reposo, o funeral do sr. José da Silva, de 76 anos, falecido na Rua de Santa Catarina, 1061.

Era um dos mais fervorosos democratas desta cidade. De condição humilde, iniciou a sua vida como trabalhador manual, mas, desde sempre, se preocupou em cultivar o espírito, o que conseguiu com grande força de vontade. De inteligência aguda e perspicaz e es-

pírito de observação, atingiu um nível cultural raro. Colaborando em jornais operários e, mais tarde, no nosso prezado colega «República».

Gostava de escrever, e em quase todos os seus escritos procurava esclarecer os componentes da classe a que pertenceu, lutando, de maneira geral, pelas classes trabalhadoras. Para ele a abstenção em política não fazia sentido e a sua actuação acarretou-lhe muitos sacrifícios.

Além da colaboração na imprensa, deixou muitos escritos inéditos, que constituirão valiosos elementos para a história do movimento operário português, no qual tomou parte muito activa. Eleito presidente da direcção da Cooperativa Cultural, «S. E. N.», esta ao ser encerrada, motivou uma acção preponderante da sua parte para a reabertura. Distinguiu vibrantes exposições nesse sentido, às entidades superiores, que foram reunidas num volume sob o título «S. E. N. — Cooperativa Cultural (O seu Encerramento)». Deixou, ainda publicados, também Operários Ramos (Um Operário com História), «A Cultura na Valorização dos Trabalhadores» e «Prosas Democráticas».

No préstito funebre, que foi civil, incorporaram-se dezenas de pessoas das mais diversas condições sociais.

REUNIÕES MÉDICAS DE SANTARÉM

SANTARÉM, 2 — Realiza-se amanhã, no salão nobre da Junta Distrital, a 3.ª sessão das Reuniões Médicas de Santarém, na temporada de 1969-70, sendo conferencista o prof. dr. Vaz Serra, da Faculdade de Medicina de Coimbra, que falará sobre «Problemas de Diagnóstico».

ora diga-nos...

— Espera algum acontecimento importante no decorrer deste ano?

Novo ano: alvorece de acontecimentos previstos e imprevisíveis.

● O sr. Armando Areias, funcionário da Sociedade Estoril, hesitou antes de retorquir:

— É tão difícil responder! Surgem tantas coisas inesperadas todos os dias...

— Mas não há nenhum acontecimento especial que deseje particularmente?

— Sim. A resolução do problema ultramarino.

E no plano pessoal?

— Não espero nada.

— Uma pessoa sem ambições?

— Ah! sim, não tenho ambições. Nesta idade...



● Afirmou-nos por último o sr. Luís Mendes Silva, empregado de escritório:

— Surgem sempre acontecimentos novos. O que me preocupa é a questão da evolução da juventude. O resto faz já parte dos anos que passaram. Surgem sempre duplicações.

— E no que respeita à sua vida particular?

— Não sou egoísta nem exigente. Tudo pelo mesmo e está a coisa certa.

● Francamente, não espero nada — confessou-nos o sr. Aristides de Oliveira, agente comercial.

— Nada?

— O mundo está de tal maneira que há a prever muita coisa.

— ...?

— Que as coisas se arranjarem no mundo para bem da paz e da humanidade. A nível pessoal não espero nada de importante.



A REUNIÃO DA CÂMARA

Na reunião da Câmara Municipal, presidida pelo sr. eng. Araujo Vieira, o vereador sr. António Miranda Veloso fez considerações sobre o Decreto-Lei n.º 49438, de 11 do corrente, sobre as taxas a cobrar pelos Governos, Admin. corpos administrativos, administrações de bairros e serviços policiais dependentes das Câmaras Municipais ou dos comandos distritais ou de secções da P. S. P. Afirmou que os máximos aí estabelecidos atingem cifras verdadeiramente alarmantes para o comércio que, por factores de ordem diversa, atravessa um momento difícil e não comporta semelhante aumento.

Disse ainda o orador ser certo que o decreto-lei agora publicado revoga tabelas de muito desactualizadas, mas, os termos em que a sua actualização se processou são demasiado excessivos, muito especialmente para o sector comercial, já bastante sobre-cargado não só no domínio fiscal, mas também no respeitante a outras despesas que o oneram.

Sabia — acrescentou — que a Câmara não tinha fixado

todos os máximos que a nova tabela consigna, mas a verdade é que as alterações efectuadas eram de considerável, pois, julga-se, que tendo em atenção a precária situação que o comércio atravessa, se devia usar da maior prudência na afixação dessas taxas, actualizando-as em moldes acessíveis e no mínimo indispensável.

Proseguindo, disse que o comércio necessita de ser compreendido e amparado, pois só assim poderá desempenhar o papel que lhe cabe na vida económica; e que protegê-lo nos momentos difíceis é um dever que se impõe, pois ao fazê-lo criam-se condições para a expansão de novas potencialidades, de que todos são directos beneficiários.

Fez ainda aquele vereador largas considerações sobre o assunto, citando exemplos e terminando por solicitar que a Câmara proceda à revisão das taxas e rectificações no que for possível; que fiquem em regime experimental e que, com a maior urgência, seja feito novo estudo, tendo este a audiência dos vereadores interessados e responsáveis.

ABRE HOJE A 11.ª TEMPORADA DE TEATRO FRANCÊS NO SÃO LUÍ

O S. Luís volta hoje a abrir as suas portas para mais uma temporada do teatro parisiense, com a representação de «Quarante Carats» pela Companhia de Teatro de La Madeleine. A valiosa iniciativa de

João Ortigão Ramos e de seu filho, João Bello Ortigão Ramos, ao entrar no 11.º ano de existência, continua, assim, a ter o valor de um autêntico e alto serviço prestado ao Teatro. A peça «Quarante Ca-

rats», de Barillet e Grédy, com que se inicia este XI Festival do Teatro Parisiense, tem como figuras principais Gaby Sylvia, Bernard Lavalette, Denise Grey e Philippe Etesse. A esta peça, seguir-se-ão: no dia 13, «L'Aide-Mémoire», de Jean-Claude Carrière; no dia 19, «Le Boulanger, la Boulangère et le Petit Mitron»; no dia 4 de Fevereiro, «La Ville Dont le Prince est un Enfant», de Henry de Montberlant; a 10 de Março, «Le Prix», de

Arthur Miller; no dia 21 de Abril, «La Puce à l'oreille», de Jean-Claude Brialy.

CAPITÓLIO

Telef. 320379

HOJE, ÀS 21.45 HORAS
M/ 17 anos

O PECADO
DE JOÃO AGONIA
de BERNARDO SANTARENO

Amanhã—Tarde às 16 horas

Artes plásticas

Borges Lopes
expõe nas Belas-Artes
Amanhã, às 18 horas, na
Sociedade Nacional de Belas-

-Artes, será inaugurada uma
exposição de pintura de Bor-
ges Lopes, que ficará patente
ao público até ao dia 12.

**NOVO
CASINO
ESTORIL**



SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACBSSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS



**Annie
Bright**

VEDETA INGLESA DA CANÇÃO

The Kims

ORIGINAIS FANTASISTAS

LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW
COM ANGELIKA



PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

FILARMÔNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

NO CINEMA, às 17 e 21.30

OLHOS VERDES, LOIRA
E PERIGOSA

(M. 12-anos)

teatro
VARIEDADES

O ÊXITO DA ALEGRIA
E DO BOM GOSTO

HOJE
ÀS 20.45
E 23 HORAS
DOMINGO
MATINÉE
ÀS 16 HORAS

A REVISTA
POPULAR
DE GRANDE
ESPECTÁCULO!

RIA COM:
AIDA • C. COELHO
ELOINA • SPINA
MAX • ANITA
CARDINALI
ESPADINHA
M. FRANCO
e a grande atracção
nacional ANTONIO
CALVÁRIO
à frente de um
grande elenco

**Peco
Palavra!**

Um espectáculo
"BALLET"
internacional

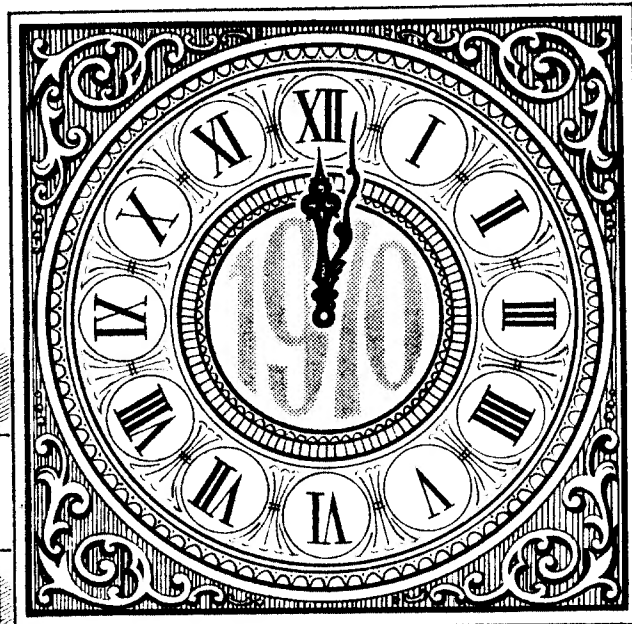
GRACIA
CRITICA!
MONTAGEM
DESUMBRANTE
LINDAS
MULHERES

ADULTOS

Uma produção de Giuseppe Bastos
e Vasco Morgado



pal



Desejamos que
cada minuto do

NOVO ANO

corresponda a um tempo
de progresso e felicidade
para a família portuguesa
no Continente, no Ultramar
ou em qualquer ponto do
Mundo onde labore.

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

PINTO DE MAGALHÃES

COM TODOS OS SEUS AGENTES E CORRESPONDENTES NO PAÍS E NO EXTERIOR



5ª SEMANA

DEPOIS DE
2 semanas no EDEN
2 semanas no EUROPA
A G O R A
SÓ NO **EDEN**

A atribulada vida de um advogado
que por não deixar nada ao acaso...
se vê metido em cada caso...
...que por acaso... é um caso sério!

POSA FILMS INTERNACIONAL, S.A.
Apresenta o seu artista exclusivo
MARIO MORENO

CANTINFLAS



**D. Quixote
sem Mancha**

em Eastmancolor

com
**Angel Garasa
Lupita Ferrer**

DIRIGIDO POR
MIGUEL M. DELGADO
PRODUZIDO POR
JACQUES GELMAN

12 ANOS

**ELE AQUI ESTÁ
O CAMPEÃO DA JUSTIÇA...
E CAVALEIRO ANDANTE DA
BOA DISPOSIÇÃO**

PRIMEIRAS EXIBI ÇÕES

• NO S. JORGE E NO ROMA

TÍTULO — «007 ao Serviço
de Sua Majestade»
REALIZAÇÃO — Peter
Hunt
INTERPRETES — Georges
Lazenby, Diana Rigg e
Telly Savalas.

Poderíamos supor que as vicissitudes diversas por que tem passado o mito James Bond (desistência de Sean Connery, destruição total em «Casino Royal», reaparecimento com um George Lazenby desajeitado, mediocre e cretino) o acabariam por enfraquecer. Tal não acontece. O mito alimenta-se da sua descontinuidade, a diferença provoca o que a rotina anulária. Mais violento e mais duro, James Bond volta — pelo menos é o que diz a publicidade. E todo o filme se prepara para projectar o mito com um poder inigualável. Basta ver o genérico, que subtilmente nos remete para o passado, evocando cenas de filmes anteriores. Basta observar a sequência inicial, em que George Lazenby, falando do «outro», assume plenamente a sua usurpação. Basta olhar para aqueles planos em que Bond persegue Tracy (Diana Rigg) e observar na lenta e ardilosa aproximação do rosto do herói o processo duma cuidadosa mitificação. Lançado com plena intencionalidade e convicção, auxiliado por todos os artificios duma técnica cada vez mais apurada, virilizado por uma câmara que, em sucessões explosivas de planos, procura acentuar a violência dos combates, James Bond tinha todas as condições para vencer. Contudo, o filme é um verdadeiro fracasso. Porquê?

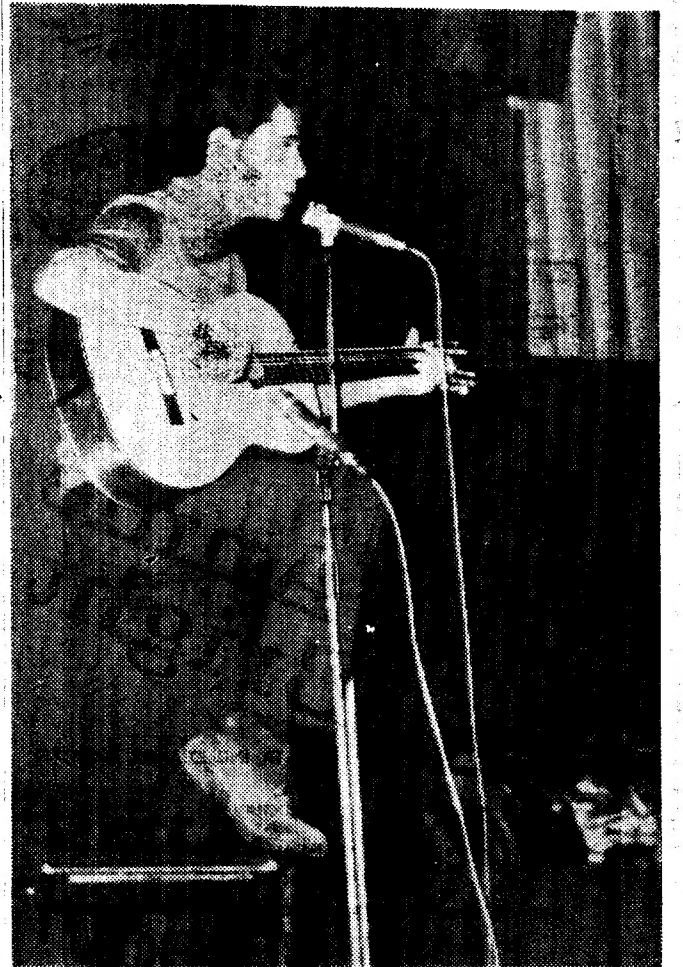
Talvez porque o mito de James Bond vivesse duma determinada simplicidade e que parece agora perdida. Se Bond, e o seu autor, Fleming, eram reacçãoários, isso não se devia, como bem notou Umberto Eco, às alusões políticas da obra e do seu herói, mas ao esquema-

tismo maniqueísta que ia enraizar no mais profundo e conservador do nosso inconsciente social. Explorando a mitologia primária das oposições mais grosseiras (o Mal e o Bem, a Virtude e a Perversão, o Amor e a Morte, etc.), utilizando um completo arsenal de mitos e fetiches, Fleming fornecia-nos o mais agradável dos espectáculos, porque nós nos ajustávamos a ele na total inconsciência das razões que nos moviam.

Em «Ao Serviço de Sua Majestade», o projecto desconjuncta-se. Porquê? Porque George Lazenby, demasiado parvo para a missão que lhe cabe, não tem aquele mínimo de dignidade que seria de exigir. Porque, no plano erótico, o filme desce até à pinda obscena e revistista, sem nunca utilizar uma só ideia nova e interessante. Porque as personagens femininas são inteiramente inspidas (Diana Rigg inclusivé, que melhor fazia voltar aos «vingadores» onde tinha muito melhor trabalho). Porque a personagem que incarna o Mal (Telly Savalas) está muito longe de nos impressionar. E, principalmente, porque o esforço desesperado para intensificar as sequências espectaculares desequilibra o filme até ao limite do ridículo. Nenhum processo, nenhum pormenor fotográfico, nenhum estratagemma sentimental, nenhum ambiente requintado, nenhuma proeza foi esquecida. James Bond estrebucha e morre, esmagado pelos muitos recursos com que o pretendem salvar. O excesso de socorros revela escassez de invenção. Os efeitos matam. O mito fragmenta-se, dilacerado pela própria força que o projecta. Porque só se vive duas vezes, e a segunda é sempre o momento da farsa: Lazenby, o fantoche adequado.

EDUARDO PRADO COELHO

CHICO BUARQUE NO CASINO ESTORIL



Coerente com as suas canções, Chico Buarque de Holanda apresentou-se assim durante o espectáculo de fim do ano no Casino Estoril: calça de flanela xadrez, camisola de gola alta e bota de camurça clara. «Desejo-vos um bom ano e tudo o mais» — começou por dizer. E já aí estava muito do «tudo mais» que encerram os belos poemas das suas suaves baladas — mensagens de esperança que se quadram perfeitamente com os desejos de prosperidade humana sempre renovados nesta época

ANO NOVO, ALEGRIA NOVA!

AR CONDICIONADO
**TEATRO
VILLARET**
o mais moderno e confortável de Lisboa

VASCO MORGADO APRESENTA
HOJE, 2 SESSÕES
As 21 h. e às 23 h.

com

IO APOLONI • ARTUR SEMEDO • FERNANDA BORSATTI • VASCO MORGADO • YOLA • DAVID SILVA • GEORGINA CORDEIRO • ROLANDO ALVES • MARIA • e a colaboração de MARIA PAULA
ESCULTURAS BELEZAS FEMININAS
NO ALEGRE ESPECTACULO DE GARGALHADAS



ABC As 20.45 e 23 h
Adultos
**ENA, JA
FALA!**

VASCO MORGADO informa o seu Ex.^{mo}
Público que embora o original de Henrique Santana «OS ELEFANTES NÃO SENTEM AS PULGAS» se trate de um espectáculo português de alto nível artístico, e ter sido recebido pela Crítica com entusiástica discussão e com as mais elogiosas referências, e o Público ter correspondido, não sendo o mesmo suficiente para os encargos do avultado custo diário do espectáculo, vê-se forçado a retirá-lo dentro de dias. HOJE espectáculo à noite às 21,45 horas. Domingo à tarde às 16 horas (Adultos)

**ESTUDANTES 50% de Desconto
no TEATRO MONUMENTAL**

COLISEU

(Maiores de 6 anos)

A noite podem entrar
crianças. (M. 6 anos)

Amanhã e Domingo, à tarde, às 16 h. com entrada gratuita às crianças até 10 anos. A noite, às 21.30 h. (M. 6 anos)

AS MAIORES
ATRAÇÕES
**GRANDE
COMPANHIA
DE CIRCO**
NÚMEROS
DE SENSACÃO



JOSÉ VIANA
na «Voz da Guitarra»



DORA LEAL
na «Menina do Coro»

• HOJE, ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS, NO

PROSSIGUE A SUA BRILHANTE
CARREIRA, A COLOSSAL REVISTA

ESPERTEZA SALOIA

O TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM
• SALVADOR • JOSÉ VIANA
• MARIEMA • BARROSO LOPES
• DORA LEAL

e as atracções
• HELENA TAVARES
• «THE MELODIES»

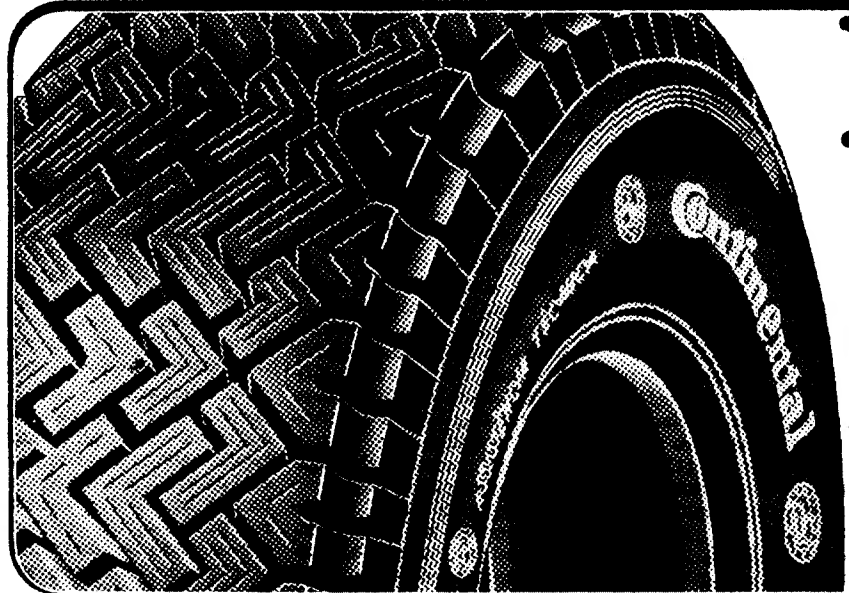
A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!

• DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS •

MARIA VITÓRIA

• UM ESPECTACULO DE
GIUSEPPE BASTOS e
VASCO MORGADO

• UM ENORME EXI-
TO EM SENSACIO-
NAL 3.º MES



Para a sua Agenda...

Estes são os Revendedores Autorizados do novo pneu português de técnica alemã

morison

DISTRITO DE AVEIRO

AGUEDA
António Ribeiro Guerra (Posto Shell)

AROUCÁ
Moreira Pinto & Coelho

AVEIRO
António Batista & C., Lda.

BRANCA
Garagem da Branca

ESPINHO
Abel Correia de Oliveira & F., Lda.

MEALHADA
José Maria Penetra

OLIVEIRA DE AZEMÉIS
Auto Parque

OLIVEIRA DO BAIRRO
Manuel Rocha da Silva

OVAR
Stand São Cristóvão

VALE DE CAMBRA
Auto Ideal do Pinheiro Manão

VILA DA FEIRA
Rodrigo Ferreira Pinto

DISTRITO DE BEJA

ALIUSTREL
Francisco Maria Fialho

BEJA
Costa & Silva, Lda.

CASTRO VERDE
João Caetano da Silva

MOURA
Auto Salúquia, Lda.

SERPA
Copaser

DISTRITO DE BRAGA

BARCELOS
Auto Acessórios Barcelense

BRAGA
Abel de Sousa e Castro
José Ferreira Monteiro da Silva

FAMALICÃO
M. Amorim Alves

GUIMARÃES
José Maria Soares
S. Central de G. de Comb. e Óleos, Lda.

VIEIRA DO MINHO
Aida de Carvalho e Herdeira

DISTRITO DE BRAGANÇA

ALFÂNDEGA DA SÉ
Empresa Alfandeguense, Lda.

BRAGANÇA
Faria Lico & C.

CARRAZEDA DE ANSÍAS
António de Oliveira Chaves

FREIXO DE ESPADA A CINTA
Amadeu de Augusto Lopes

MACEDO DE CAVALHEIROS
A. Alberto Praça Gerónimo

MIRANDA DO DOURO
Raposo & Sales, Lda.

MIRANDELA
Auto Hércules
Vulcanização Vezúvio, Lda.

MOGADOURO
Oliveira Pires & Irmão, Lda.

SENDIM
José Avelino de Castro & Irmão

TORRE DE MONCORVO
M. de Sousa Moreira

VILA FLOR
Eusébio Gaspar Garcia

VIMIOSO
José Nazaré Diz

VINHAI
Francisco Silva

DISTRITO DE CASTELO BRANCO

BELMONTE
Armando Ribeiro Gil

CASTELO BRANCO
Garagem Império, Urbano Nunes & F., Lda.
Stand Leopoldo

COVILHÁ
Auto Representações da Covilhã, Lda.

PROENÇA-A-NOVA
José Lourenço, Agência Comercial de Pneus

SERTA
José Lourenço, Agência Comercial de Pneus

DISTRITO DE COIMBRA

ARGANIL
Auto Mecânica Argus

CASTANHEDE
Ulisses Evangelista Domingues Terrível

COIMBRA

Carvalho & Sobrinho - Com. & Ind., SARL - Est. Velha
Pneulândia - Soc. Com. Pneus, Lda., Av. Brasil, 71-75

FIGUEIRA DA FOZ
Recachutagem Jucar, Lda.
Vulcanizadora do Mondego, Lda.

LOUSA
Anibal Antunes Bandeira

MIRA
Auto Mira, de Herdeiros de António Simões Borralho

PENACOVA
Armindo Marques Amaral

TENTUGAL
Posto de S. João, de Cassiano Alves Bandeira

VENDAS DE GALIZES
Oficina Tical, de Tiberio Cabral

DISTRITO DE ÉVORA

ÉVORA
Bernardino José de Mira

ESTREMOZ
Vitorino Marques Alves

MONTE-MOR-O-NOVO
Vicente A. B. de Almeida Mendes

REDONDO
Faustino F. Gomes & Irmão, Lda.

DISTRITO DE FARO

ALBUFEIRA
Francisco Duarte Pacheco

FARO
Farauto, Lda.

LAGOS
Auto Mecânica Nautex de Lagos, Lda.

LOULE
Garagem Avenida

PORTIMÃO
Farauto, Lda.

S. BARTOLOMEU DE MESSINES
Mário Vargas Mogo

S. BRÁS DE ALPORTEL
Chaveca & Janeiro, Lda.

TAVIRA
Humberto Santos Reis

VILA REAL DE S. ANTONIO
Auto Avenida Acessórios, Lda.

DISTRITO DA GUARDA

CELORICO DA BEIRA
A Renascente, de Patrício & Reis, Lda.

FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO
Luís Henrique Alves da Silva

GUARDA
Automóveis da Beira, Lda.

MANTEIGAS
Transporte de Manteigas, Lda.

MEDA
Auto Medense

PINHEL
Alfredo Amaro

VILA CORTEZ
Patrício & Reis, Lda.

VILA FRANCA DAS NAVES
João Luís da Costa Pena, Sucr.

VILA NOVA DE FOZ COA
Estação de Serviço S. Jorge, de Jorge S. Alonso

VILAR FORMOSO
Romão & Faria, Lda.

DISTRITO DE LEIRIA

BOMBARRAL
Auto Alexandres

CALDAS DA RAINHA
António dos Santos

Auto Leiria, Lda.

CASTANHEIRA DE PERA
Jorge Gil de Oliveira Beirão

FIGUEIRO DOS VINHOS
J. Machado, Lda.

LEIRIA
Auto Leiria, Lda.
Espul
Petroiz

MACEIRA
Arnaldo da Silva Tavares

NAZARÉ
Auto Nazaré

POMBAL
Vitor Manuel Arrais

DISTRITO DE LISBOA

ALHANDRA
Manuel Simões Cordeiro

CASCAIS
Henrique das Neves

CARREGADO
Recachutagem Pinto Marques, Lda.

DAFUNDO

Auto Baterias da Cruz Quebrada, Lda.

LISBOA
António de Sousa Lobo Brandão
Auto Brasília
Auto Stop
Barbosa Júnior & Irmão, SARL
Carlos Ribeiro
Casa dos Pneus do Desterro
Casa Relvas
Garagem João Crisóstomo
José Carlos Figueiredo & Figueiredo, Lda.
J. Pereira & Rocha, Lda.
Matias & Almeida, Lda.
Mini-Motor
Mundo dos Pneus
Recachutagem Triunfo
Technipneus
Vulcanização Auto Alegria
Vulcanizadora Brasil, Lda.
Vulcanização do Campo Pequeno
Vulcanização Imperial, Lda.
Utic

LOURES
Manuel Marques Simões Raso

MOSCAVIDE
Garagem Estrela da Avenida de Moscavide, Lda.

TORRES VEDRAS
Tecauro

VILA FRANCA DE XIRA
Ferreira & Mata, Lda.

DISTRITO DO PORTO

GONDOMAR
Gondomauto, Soc. Com. e Ind. de Automóveis, Lda.

MARCO DE CANAVESES
Recachutagem Marconense
José Augusto Pinto & F., Lda.

MATOSINHOS
Trocol, Transportes de Óleos e Combustíveis, Lda.

PAREDES
José Pinto Meireles Ruão

PORTO
Afonso Themudo & Irmão - Av. Marechal G. Costa, 107
Armando Ferreira Coelho - R. Fernandes Tomás, 940
Artur Coelho - Rua Latino Coelho, 184
Feira dos Pneus, de Aurélio & Silva
Praça Dr. Teotónio Pereira, 28
Gama & Sousa Dias, Lda. - Rua do Amial, 1121
Garagem Central da Arrábida, Lda.
Rua do Campo Alegre, 620
Garagem 5 de Outubro - Rua 5 de Outubro, 596
Garagem Sá da Bandeira - Rua Sá da Bandeira
Garagem Sto. António - Rua da Maternidade, 163
J. Bernardino Ferreira, Lda. - Rua Alex. Herculano, 295
J. Costa Ramos - Rua Alexandre Herculano, 362
Joaquim de S. Marques - Passeio de S. Lázaro, 18-19
Pereira da Silva & Gonçalves - R. de S. André, 24-26
Prata Rádio, Lda. - Rua Formosa
Ripal - Rep. Interna de Peças e Acessórios
Rua Faria Guimarães, 883
Rui Crisóstomo - Rua da Alegria, 545-A
Vulcanização Alegria - Rua da Alegria, 28

PÓVOA DE VARSIM
M. Amorim Alves

RIO TINTO
Garagem Cavada Nova, Lda.

SANTO TIRO
Garagem Machado
Representações Tego, Lda.

VALONGO
Auto Atlantic

VILA DO CONDE
António Lima Pacheco

DISTRITO DE PORTALEGRE

ALPALHÃO
Laurindo Mendes de Matos

ARRONCHES
Marcelino da Cruz Salgueiro

ELVAS
Antunes & Guerra, Lda.

NISA
Joaquim Louro Possidónio

PORTALEGRE
Rodrigues & Figueira, Lda.

SOUSEL
Auto da Boa Vista

DISTRITO DE SANTARÉM

ABRANTES
Auto Acessórios Central de Abrantes, Lda.

ALFARRAREDE
António Alves Pintado

ALPIARÇA
Alpiar

CARTAXO

Recachutagem Iva

CAXARIAS
Fametal - Fábrica Portuguesa de Estruturas Metálicas

CHAMUSCA
Manuel Rodrigues de Almeida

CORUCHE
Alpiar

MINDE
Auto Mindica, Lda.

SANTARÉM
Manuel da Costa Filipe

TOMAR
Aral - Agência de Rep. de Automóveis, Lda.
Recachutagem Rodoviária

TORRES NOVAS
Garagem São Cristóvão

VILA NOVA DE OURÉM
José Lopes Alves

DISTRITO DE SETÚBAL

ALMADA
Auto Monumental de Almada, Lda.

CERCAL DO ALENTEJO
José Marques de Oliveira

GRANDOLA
Grandauto

SETÚBAL
Gesorauto

DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

ARCOS DE VALDEVEZ
Alberto Alves Pereira

MONÇÃO
Garagem Gomes

PAREDES DE COURA
Empresa de Transportes Courense, Lda.

PONTE DE LIMA
Pneus Limiuto
António Fernandes Vilas Boas

VIANA DO CASTELO
Auto Vianense, Lda. (Garagem Zé Pequeno)
Cândido Feio (Bazar dos Caçadores)

DISTRITO DE VILA REAL

ALIJO
António Luís Magalhães & Irmão

CARRAZEDA DE MONTENEGRO
Moraes & C.

CHAVES
Garagem Moderna

MESÃO FRIO
Joaquim Jacinto Portela

MONTALEGRE
F. B. Moraes Caldas

MURÇA
Garagem São João

RÉGUA
Alexandrina Fernandes
José Augusto Rosas Queirós - (Posto Mobil)

PINHÃO
Eduardo Ramiro Lourenço

VALPAÇOS
Garagem Valpacense

VILA POUCA DE AGUIAR
Garagem Borges, de Baltasar Borges

VILA REAL
Francisco Maria Correia (Recachutagem Renort)
Garagem São Cristóvão
Garagem São Pedro

DISTRITO DE VISEU

ARMAMAR
Celso Rogério Mariano d'Almeida

CASTRO D'AIRE
António Augusto Pinto de Oliveira

CINFAS
Manuel Saraiva, Lda.

MORTAGUA
Clotilde Lopes Simões

RESENDE
Garagem São Jorge

SANTA COMBA DÃO
Fábrica de Plásticos Fávri, Lda.

SÃO PEDRO DO SUL
Estação de Serviço São Pedro do Sul, Lda.

TABUAÇO
Alfredo Garcia Balsa

TONDELA
Germano de Sousa & F., Lda.

UIVIA
Eduardo Simões Duarte
Isis & Pereira, Lda. (Stand Viriato)
Recachutagem União

Fapobol-Continental

o pneu da Europa nas estradas de Portugal

O ORÇAMENTO GERAL DO ESTADO PARA 1970

De acordo com os preceitos constitucionais, o Conselho de Ministros, presidido pelo Chefe do Estado, aprovou no dia 29 de Dezembro último o Orçamento Geral do Estado para 1970, apresentado pelo ministro das Finanças, documento que concretiza as bases gerais da chamada Lei de Meios — previamente debatida e aprovada pela Assembleia Nacional.

Na introdução, o Governo afirma ter o Orçamento Geral do Estado obedecido «ao princípio básico do equilíbrio financeiro», facultando «a cobertura integral das despesas ordinárias pelas receitas da mesma natureza», prevendo-se mesmo um «considerável excedente de receitas ordinárias, que, juntamente com o produto da emissão de empréstimos e outras receitas extraordinárias, será utilizado no financiamento das despesas extraordinárias».

Espera que a receita ordinária continue a ultrapassar as previsões, de modo a tornar possível «continuar a financiar com receitas ordinárias uma parcela considerável das despesas extraordinárias, moderando o recurso à emissão de empréstimos».

E acentua-se a seguir:

«Este facto revela-se da maior importância, atendendo à natureza dos encargos com a defesa, de particular projecção nas despesas públicas, mas dificilmente previsíveis, por neles se reflectirem as oscilações da conjuntura política internacional. Acresce que a situação da economia portuguesa impõe ao Governo, como premente objectivo, a aceleração do desenvolvimento socioeconómico, mediante a intensificação dos investimentos públicos.»

O Orçamento Geral do Estado para 1970 pode sintetizar-se com os seguintes números:

	Milhares de contos
Receitas ordinárias	22 033,2
Despesas ordinárias	17 846,6
Saldo	4 186,6
Receitas extraordinárias	6 765,6
	10 952,2
Despesas extraordinárias:	
a) Defesa e segurança	6 349,9
b) III Plano de Fomento	4 372,3
c) Outras	225,5
Superavit orçamental	+ 4,5

Depois da introdução, o diploma contém um capítulo em que são analisados os elementos conjunturais a considerar, afirmando-se a certa altura que «para o próximo ano o nosso país não pode contar com uma conjuntura económica externa tão favorável como a que se atravessou em 1969. As repercussões que daí podem resultar sobre o movimento das nossas exportações e sobre a actividade económica interna terão de ser consideradas com tanta maior atenção quanto é certo que não há sinais de que a economia nacional tenha colhido benefícios sensíveis com o excepcional progresso das trocas internacionais registado em 1969.»

Apesar destas perspectivas pouco tranquilizadoras, afirma-se mais adiante: «Há, no entanto, boas razões para considerar que o ano de 1969 apresentará uma taxa razoável de crescimento do produto nacional. Embora a quebra acentuada nalgumas produções agrícolas importantes tenha sido um factor negativo de grande peso, espera-se, em contrapartida, que a actividade industrial venha a evidenciar, princi-

palmente no decurso dos últimos meses, sinais significativos de fortalecimento do seu ritmo de expansão.»

Acentua-se, mais adiante, continuarem a evidenciar-se tendências de um «crescimento acelerado» dos níveis dos preços e dos salários e esperar-se um crescimento moderado e a ritmo mais lento do que seria de prever das exportações.

A receita ordinária aumentará 3 milhões e meio de contos (em relação a 1969)

No capítulo relativo à receita ordinária começa por dizer-se:

«As estimativas da receita

RECEITAS ORDINÁRIAS (Milhares de contos)

Capítulos	970	1969	Diferenças
I) Impostos directos	6 463,6	5 290,5	+ 1 173,1
II) Impostos indirectos	8 647	7 011	+ 1 636
III) Industrias em regime tributário especial	1 340,3	1 100,1	+ 240,2
IV) Taxas	1 109,3	888,7	+ 220,6
V) Dominio privado	1 241,1	1 029,1	+ 212
VI) Rendimentos de capitais	228,4	210,6	+ 17,8
VII) Reembolsos e reposições	1 496,9	1 440,7	+ 56,2
VIII) Consignações de receita	1 506,6	1 532,6	- 26
	22 033,2	18 503,3	+ 3 529,9

ordinária para o ano económico de 1970 elevam-se a 22 033 200 contos, o que representa em relação a 1969 um aumento de 19,1 por cento, ou seja, em valor absoluto, 3 529 900 contos.

A variação apresenta-se particularmente acentuada. Mas ela não resulta nem das alterações a introduzir em 1970 nas receitas fiscais, que envolverão apenas um modesto aumento, nem do de-

acentua-se, a certa altura: «Merece referência especial a subida de encargos no Ministério da Educação Nacional, que, só ele, absorve mais de metade de todos os aumentos, excluída a elevação nos encargos da dívida pública. Dá-se assim continuidade a uma tendência que desde há anos vem a revelar a atenção prioritária atribuída pelo Governo ao sector do ensino.»

Diz-se ainda neste capítulo que, nos departamentos militares, se observa igualmente a elevação de encargos, sendo 83 000 contos no Ministério do Exército e 71 100 contos no da Marinha.

Podem citar-se como mais avultados, no Ministério do Exército, os aumentos nas

rubricas de pessoal (14 200 contos); de alimentação, fardamento e calçado (42 250 contos); dos quais 19 200 contos destinados às praças; de aquisições de móveis e de imóveis e sua conservação (10 400 contos); de tratamento hospitalar (3000 contos).

No Ministério da Marinha, anotam-se, por mais salientes, os acréscimos de 23 900 contos, exigidos pelos aumentos de quadros do pessoal da Armada e dos subsídios de embarque, subsídios de guarnição e gratificações de serviço nos submarinos; de 6500 contos em verbas de alimentação; o reforço de 9300 contos para construção de uma vedeta, reparações fora do Arsenal e sobresselentes, e de 10 500 contos para reorganização do Instituto Hidrográfico.

No Ministério do Interior o aumento verificado pertence, fundamentalmente, a melhoria de dotações da Polícia de Segurança Pública, Direcção-Geral de Segurança e Guarda Nacional Republicana.

Dez milhões de contos de despesa extraordinária

O Orçamento Geral do Estado, no capítulo respeitante à despesa extraordinária, especifica que o montante dos gastos de carácter extraordinário inscrito no Orçamento Geral do Estado para 1970 atinge cerca de 10 950 milhares de contos, o qual traduz acréscimo de 909 400 contos, inferior ao previsto para o ano precedente, que era de 1367 milhares de contos. A progressão observada, da ordem dos 9 por cento, provém fundamentalmente das despesas com o III Plano de Fomento, em que o aumento atinge 851 000 contos, de acordo, aliás, com a orientação definida na Lei de Meios para o próximo ano, que aponta para o reforço da formação de capital.

No referente à despesa extraordinária com o III Plano de Fomento, esclarece-se no documento, a certa altura:

«É o sector da Educação e Investigação» um dos que

absorve maior volume de recursos, com uma dotação de 869 300 contos, a mais elevada de sempre. As despesas extraordinárias a efectuar referem-se principalmente à construção de edificios escolares em todos os ramos e respectivo apetrechamento inicial (473 000 contos), a cargo do Ministério das Obras Publicas e aos investimentos dependentes do Ministério da Educação Nacional (256 000 contos), em que avultam as verbas de 115 814 contos para reapetrechamento (material destinado aos estabelecimentos de ensino primário, secundário, médio e superior, bem como de investigação e de outros serviços), 105 619 contos, nomeadamente para recrutamento e formação de quadros docentes e de investigadores nos diversos ramos de ensino e para fomento da investigação e das actividades sociais dos estudantes e, finalmente, 34 587 contos para instalação e apetrechamento inicial. São ainda de mencionar as dotações relativas à formação profissional extra-escolar (25 415 contos) e à investigação não ligada ao ensino, quer no ambito do fomento industrial, mineiro, agrícola, pecuário, florestal e piscícola (47 273 contos), quer na construção civil (20 000 contos), quer ainda no campo da programação económica, da estatística, da energia nuclear e da meteorologia (30 300 contos).»

Prosseguirá o recurso à emissão de novos empréstimos por parte do Estado

O Orçamento Geral do Estado para 1970 termina com uma nota final, onde se diz: «As previsões orçamentais apresentadas atrás mostram que durante o próximo ano continuarão a manter-se as exigências de recurso à emissão de novos empréstimos por parte do Estado. A utilização de fundos provenientes da dívida pública tem

sido uma constante da política orçamental dos últimos anos, mas sempre se tem procurado sujeitar essa utilização a um condicionalismo extremamente rigoroso.

E mais adiante:

«Veja para o financiamento da acumulação de capital pelo sector privado tem permanecido em níveis amplamente suficientes. Muitas das dificuldades encontradas nesse financiamento têm a sua origem, sobretudo, em insuficiências do mercado de capitais que importa corrigir.

«Em segundo lugar, tem-se mantido como um dos princípios básicos da política seguida que os recursos obtidos na medida em que a política da dívida pública seja directamente orientada no sentido de estimular o desenvolvimento da produção global é que se poderá manter uma razoável estabilidade monetária e evitar que os gastos de hoje venham a traduzir-se para as gerações futuras em dificuldades económicas provocadas por pesa-

mediante processos cuidadosamente definidos, por forma a evitar efeitos inflacionistas e a não prejudicar o nível dos investimentos privados necessários ao progresso económico; por outro lado, a utilização dos fundos assim obtidos tem de ser estritamente reservada ao financiamento de investimentos reprodutivos.

«O alargamento dos gastos correntes do Estado, mesmo daqueles que têm maiores repercussões positivas sobre as possibilidades de crescimento económico futuro, terá, portanto, de continuar a ser baseado no acréscimo das receitas correntes; e este terá de conseguir-se atingindo, preferentemente, os rendimentos destinados a consumos menos necessários e defendendo, na medida do possível, os consumos privados de maior essencialidade e as poupanças susceptíveis de aplicação em investimentos de reconhecido interesse económico e social.

«De qualquer modo, as

QUADRO DA EVOLUÇÃO DAS DESPESAS (Milhares de contos)

Anos	Despesa ordinária	Despesa extraordinária				Porcentagem (5):(1)
		Defesa e segurança	III Plano de Fomento	Outros investimentos	Toto	
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
1967 ...	12 605,4	5 347	2 145,4	106,5	7 598,9	60,2
1968 ...	13 663,6	5 613	2 920,9	137,4	8 671,3	63,4
1969 ...	15 286,9	6 339,9	3 521,3	177,1	10 038,3	65,6
1970 ...	17 846,6	6 349,9	4 372,3	225,5	10 947,7	61,3

dos acréscimos na carga fiscal, reduções importantes nos gastos públicos mais necessários ou desequilíbrios graves na balança de pagamentos. Essa é a orientação que terá de continuar a ser seguida. Não se pode fugir, sob pena de consequências económicas graves, ao cumprimento de uma dupla exigência: por um lado, a captação de fundos através de novos empréstimos terá de ser feita dentro de limites e

despesas correntes do Estado terão sempre de apoiar-se no alargamento da base produtiva sobre que assentam as receitas fiscais que lhes servem de cobertura. E isso aponta, desde logo, à maior austeridade no consumo público, em favor do investimento, que terá de orientar a política orçamental para 1970.

«E áqueles que terão de executá-la se impõe o seu exacto entendimento.»

DESPESAS ORDINÁRIAS (Milhares de contos)

Ministérios ou departamentos	Orçamento		Diferenças			
	1969	1970	Reajustamento de vencimentos	Despesas compensadas	Outros encargos	Total
Dívida pública	2 441,1	2 640,2	—	+ 63	+ 136,1	+ 199,1
Encargos Gerais da Nação:						
Presidência da República, Presidência do Conselho, Representação Nacional, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Defesa e Força Aérea ...	1 058,6	1 225,9	+ 91,9	+ 27,8	+ 47,6	+ 167,3
Tribunal de Contas, Junta do Crédito Público e pensões	539,3	570,4	+ 4,1	—	+ 27	+ 31,1
Encargos próprios dos Ministérios:						
Finanças	956,7	1 154,7	+ 136,5	+ 6,5	+ 55	+ 198
Interior	790,3	930,1	+ 123,4	+ 0,7	+ 15,7	+ 139,8
Justiça	253,9	297,2	+ 38,3	—	+ 5	+ 43,3
Exército	1 374,7	1 581,5	+ 123,2	+ 0,6	+ 83	+ 206,8
Marinha	933,2	1 164,9	+ 120,4	+ 40,2	+ 71,1	+ 231,7
Negócios Estrangeiros	282,4	332,1	+ 9,9	—	+ 39,8	+ 49,7
Obras Publicas	902,1	880,4	+ 32,3	- 63,5	+ 9,5	- 21,7
Ultramar	102,6	114,2	+ 7,7	—	+ 3,9	+ 11,6
Educação Nacional	2 401,3	3 331,6	+ 488,2	- 14,5	+ 456,6	+ 930,3
Economia	560,9	657,5	+ 60,3	+ 16,2	+ 20,1	+ 96,6
Comunicações	1 588,8	1 721,4	+ 27,7	+ 88	+ 16,9	+ 132,6
Corporações e Previdência Social	99,2	118,1	+ 9,4	+ 6,9	+ 2,6	+ 18,9
Saude e Assistência	1 001,8	1 126,4	+ 71,6	+ 0,3	+ 52,7	+ 124,6
	15 286,9	17 846,6	+ 1 344,9	+ 172,2	+ 1 042,6	+ 2 559,7



Crie
com as suas mãos
o símbolo
do seu Novo Banco

Pegue numa fita de papel.
São duas superfícies, duas faces.
Torça-a ligeiramente.
Una as duas pontas do mesmo lado.
Com um dedo, pode percorrer completamente
a nova superfície, sem nunca se deter.
Ficou uma superfície única.
Uma superfície contínua.
É a Banda de Möbius.
Escolhemo-la como símbolo.
Símbolo da fusão de dois Bancos.
O Banco Totta-Aliança e o Banco Lisboa & Açores.
Exactamente porque representa uma superfície única. Contínua.
Para melhor nos projectarmos no futuro económico da Nação.
No seu futuro.

**BANCO TOTTA & AÇORES**

Actualidade internacional



TRÉGUA NO VIETNAM — Componentes da guarnição de uma bateria da D. C. A., no Vietnam do Norte durante a trégua do Natal

NOTA INTERNACIONAL

VIETNAM-70

Vietnamização — eis a palavra mágica e provavelmente uma das mais gratas aos que abundantemente a empregam nos discursos, comunicados e esclarecimentos autenticados com o selo da Casa Branca. No vocabulário nixoniano ela significa a cura do cancro vietnamita, que, repare-se, só se declarou quando a grande indústria norte-americana se viu perante as pressões inflacionistas provocadas por uma política económica dirigida essencialmente no sentido da produção de material indispensável à guerra.

Mas as regras da democracia dos E.U.A. exigem que a prossecução dos objectivos ditados pela força (única) dos interesses económicos seja mistificada por qualquer arremedo de apoio popular. A grande maioria silenciosa, à qual Nixon vai buscar esse apoio, tinha aderido à iniciativa de John Kennedy quando este, em nome da defesa da liberdade, enviou para o Vietnã as primeiras unidades de «conselheiros». Não resta mesmo a menor dúvida de que o americano médio, conformista, satisfeito com a vida e pouco dado a especulações — a grande maioria silenciosa — estará sempre ao lado dos seus presidentes, aos quais, democraticamente, ritualmente, dispensa, de quatro em quatro anos, os seus milhões de votos. Talvez não seja oportuno lembrar que a independência norte-americana é portanto um

dos episódios mais relevantes da sua História, se radica no papel desempenhado não por uma maioria mas precisamente por uma minoria: aquela que, correspondendo sensivelmente a uma terça parte da população das treze colónias, se mostrou decididamente favorável ao corte dos laços com a Inglaterra.

O século XVIII, porém, vai muito longe e neste limiar da década de 70 é acima de tudo necessário assegurar a vocação mundial da América. Em relação à parte mais conturbada do Sueste Asiático está programada a vietnamização: Retirada do grosso dos GI's (em Abril terão regressado aos E. U. A. cerca de 110 000 soldados), criação de uma força sul-vietnamita que tanto quanto possível funcione como testa de ferro em relação ao Norte, continuação do apoio aéreo americano, enquadramento da população em unidades para-urbanas facilmente controláveis por administrações policiais e, como não podia deixar de ser, o indispensável auxílio em dólares aos homens de Saigão.

São patentes os condicionaisismos a que está sujeito um tal programa. Logo se vê, antes de mais, que a vietnamização não significa pacificação e muito pelo contrário implicará a continuação e de guerra, cujas novas características derivarão apenas da continuação do estado de facto de um dos contin-

dores mudar de fisionomia. Evidentemente que ninguém garante (a não ser talvez os computadores do Pentágono) que o Exército sul-vietnamita substitua com êxito as tropas norte-americanas. Rejeita-se a este respeito um passo muito significativo de um recente artigo de Jean-Claude Pomoni, correspondente do «Monde» no Vietnã: «O Governo sul-vietnamita não é rico e cada batalhão recebe somas miseráveis para alimentar os seus homens. Os soldados insuficientes determinam o desinteresse dos militares e contribuem para alimentar a corrupção entre os oficiais. Os recrutamentos, muito numerosos, raramente se traduzem em bons combatentes e quando estes atingem 30 por cento no seio de uma unidade logo se faz sentir um aumento de eficiência. Com a participação mais activa dos governamentais na guerra, as deserções tendem a multiplicar-se. Em 1969, o número de desertores atingiu, segundo uma fonte autorizada, 130 000».

Então porque a vietnamização? Esta não poderá pôr em risco a supremacia norte-americana no Sueste Asiático? A natureza agressiva do imperialismo não é compatível com a lógica dos processos e, no caso dos E. U. A., a crença ilimitada no poder da força pressupõe eventuais malogros de programas tais como a famigerada vietnamização. — PC.

VINTE E TRÊS MORTOS NUM CHOQUE DE COMBOIOS

DACAR, 2 — (A. N. I.) — Morreram 23 pessoas e muitas outras ficaram feridas, devido ao facto de um comboio de passageiros ter colidido com um de mercadorias em Lam-Lam, a 108 quilómetros de Dakar — segundo anunciou a companhia senegalesa dos caminhos-de-ferro.

Dezassete pessoas tiveram morte imediata e outras seis morreram mais tarde no hospital de Thies, onde também se encontra hospitalizado grande número de feridos, incluindo muitos com gravidade.

SPIRO AGNEW VISITOU O VIETNAM DO SUL

BIEN HOA (Vietnam do Sul), 2 — (R.) — O vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro Agnew, partiu hoje, às 3 e 10 T. M. G., de avião de Bien Hoa após uma visita de 24 horas ao Vietnam do Sul, que inclui uma estada sem precedentes em Saigão.

O jacto azul, prateado e branco do vice-presidente descolou desta grande base americana a 32 quilómetros a nordeste de Saigão com destino a Talpé a terceira etapa da viagem de 24 dias de Agnew à Ásia.

Numa declaração de despedida escrita e entregue a correspondentes, o vice-presidente disse que as

discussões que tivera no Vietnam do Sul «confirmaram-me a sabedoria da nossa política».

«Estamos a seguir o caminho certo» — afirmou. O vice-presidente abandonou o Vietnam cerca de 24 horas depois de interromper a sua viagem para as Filipinas para seguir para Saigão, a fim de travar conversações com dirigentes governamentais e avisar-se com tropas americanas.

AVIÃO BRASILEIRO ASSALTADO

BUENOS AIRES 2 — Um avião comercial brasileiro, com 28 pessoas a bordo, foi assaltado a noite passada nos ares pouco depois de descolar de Montevideo, no Uruguai.

O avião, um jacto Caravelle da companhia Cruzeiro do Sul, aterrou nesta capital para se reabastecer de carburante.

Não se conhecem ainda detalhes. Dezenas de aviões têm sido assaltados nos ares nos últimos meses na América Latina e desviados para Cuba.

O jacto descolou de Montevideo, a capital do Uruguai, situada do outro lado do rio da Prata em relação a Buenos Aires, com destino ao Rio de Janeiro. Funcionários da companhia brasileira disseram que poucos minutos depois o piloto comunicara que o avião estava a ser assaltado e que lhe fora ordenado para alterar o rumo e seguir para Buenos Aires.

O avião aterrou no aeroporto internacional, a 48 quilómetros a oeste de Buenos Aires, por volta das 20 horas locais (23 TMG).

O piloto pediu a funcionários do aeroporto que só pessoal técnico se aproximasse do aparelho. Não forneceu quaisquer detalhes sobre os assaltantes ou o destino eventual do Caravelle.

O reabastecimento de combustível foi completado em 20 minutos, mas o avião, transportando a bordo 21 passageiros e sete tripulantes, encontrava-se ainda no solo uma hora mais tarde.

O avião descolou final-

mente para Antofagasta, no Chile, decorridos 80 minutos.

Não havia qualquer informação acerca do destino final do jacto, embora fontes afectas ao aeroporto dissessem que o aparelho estava aparentemente a ser desviado para Cuba.

A MAXI-SAIA INVADE NOVA YORK

NOVA YORK, 2 — (A. N. I.) — A cidade de Nova York está a ser assolada pela maxi-saia. Com o casaco comprido, chega até ao chão, varrendo as ruas, entalhando-se quando se fazem girar as portas, obrigando a tropeçar aquelas que a usam ou mesmo outras pessoas e provocando avisos nos estabelecimentos e outros locais, provenientes da Polícia de Segurança Pública.

Um conselho para aquelas que gostam de andar na moda é que nunca corram para apanhar um táxi, um autocarro ou o metro-politano, quando trouxerem uma maxi-saia.

ALTERAÇÕES NO PROGRAMA APOLO

CAPE KENNEDY, 2 — (A. N. I.) — Apesar de eliminar o lançamento de uma das cápsulas Apolo, a N. A. S. A. vai alargar até 1973 este programa.

Até agora, previam-se mais oito lançamentos, até à Apolo-20, em fins de 1972. Agora anuncia-se que haverá sete missões e que em 1972 se procederá à primeira de três missões tripuladas, com o lançamento de estações espaciais, em órbita à volta da Terra, do «programa de aplicações Apolo». As outras duas missões cumprem-se com intervalos de três meses e terminam em Janeiro de 1973.

Há outra novidade: as naves Apolo de exploração lunar serão lançadas a intervalos maiores do que inicialmente previstos, indo até seis meses, e por isso as três missões do «programa de aplicação Apolo» terão lugar antes de se completar a série de sete cápsulas, que prosseguirá depois.

O lançamento da Apolo-13 continua marcado para 12 de Março. Quanto à Apolo-14, prevista para Julho, é possível que seja adiada.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

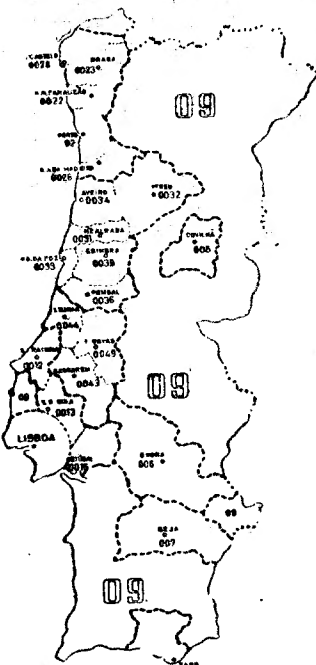
CTT — CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

EMPRESA PÚBLICA

SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

Comunica-se aos assinantes da **Zona de Lisboa** com acesso ao Serviço Interurbano Automático de que a partir do dia 2 às 24.00 horas é alterado o indicativo para obter chamadas destinadas ao grupo de redes de Setúbal:

De 01 para 0015



UM ALMIRANTE ISRAELITA DEIXARÁ PARIS A PEDIDO DA FRANÇA

PARIS, 2 — (R.) — Espera-se que o almirante Mordechai Limon, o principal agente de compra de armas de Israel na Europa, parta desta capital para Tel-Aviv, dentro de uma ou duas semanas.

O Governo francês pediu a sua chamada como parte das sanções tomadas por causa do caso das vejetas.

O embaixador israelita Walter Eytan foi chamado ontem ao ministério francês dos Negócios Estrangeiros e informado oficialmente

da decisão do Governo.

Um informador da embaixada israelita comunicou posteriormente que o antigo comandante do famoso navio de refugiados judeus «Exodus», partiria de qualquer modo de Paris nos próximos meses, para ocupar um novo cargo em Tel-Aviv.

A chamada do almirante Limon, colocado oficialmente em França, desde 1962, como conselheiro da embaixada, não se esperava que tivesse qualquer efeito nas relações diplomáticas entre a França e Israel pois, embora, membro do pessoal da embaixada, o almirante não ocupava qualquer alto cargo diplomático.

Contudo, a continuação da frieza nas relações franco-israelitas, que aumentou desde que o general de Gaulle impôs um embargo de armas a Israel em 5 de Junho de 1967, foi subli-

nhada ontem durante a tradicional recepção do Ano Novo na presidência ao corpo diplomático.

Eytan, o decano do corpo diplomático, foi a primeira individualidade cumprimentada pelo presidente Pompidou, no palácio do Eliseu. Contudo, o chefe de Estado não conversou com o diplomata, de cabelos brancos, limitando-se a trocar com ele um aperto de mão. Depois, prosseguiu cumprimentando os outros embaixadores, conversando e sorrindo com cada um deles.

Além de pedir a retirada do almirante Limon, o Governo francês, suspendeu dois generais pela sua participação no caso.



SORAYA e Franco Indovina, o realizador cinematográfico italiano que ultimamente mais tem sido visto na companhia da ex-imperatriz da Pérsia. Indovina dirigiu as «Três Faces de uma Mulher», primeiro filme em que Soraya participou. A ideia do casamento não parece posta de parte, embora a sua concretização dependa do divórcio de Indovina.

Nove anos de luta no Vietnam

SAIGÃO, 2 — (R.) — O número de norte-americanos mortos no Vietnam, ao fim de nove anos de luta, ultrapassou os 40 000, anunciou ontem um informador militar.

O número de comunistas mortos atinge 586 543.

NASSER (EM CARTUM) PROMETE LANÇAR UM MILHÃO DE HOMENS CONTRA ISRAEL

CARTUM, 2 — (R.) — O presidente Nasser termina hoje a sua visita ao Sudão, onde a sua promessa de lançar um milhão de combatentes árabes na «batalha da libertação» contra Israel, provocou bramidos de aprovação num comício de massas que se realizou nesta cidade.

O presidente regressará ao Cairo após conversações privadas com o seu anfitrião major-general Jafaar

El-Nimeiry, presidente do Conselho Revolucionário sudanês, sobre acção conjunta para recuperar territórios árabes ocupados por Israel.

Empunhando uma metralhadora ligeira que lhe foi oferecida durante o comício, o presidente Nasser declarou a noite passada a 60 000 árabes, que o aclamavam loucamente: «Desdobramos 500 000 homens na frente de batalha e estamos a formar um Exército de um milhão de homens».

Rejeitou as últimas propostas de paz americanas para o Médio Oriente e atacou os americanos por fornecerem a Israel caças Phantom e outras armas.

Descreveu as propostas americanas como «planos suspeitos destinados a dividir os Estados árabes, sugerindo acordos separados entre os países da frente de combate e Israel».



**Maria Teresa Trigo
Moreira da Cruz**

**Sebastião José Bastos
Moreira da Cruz**

MISSA DO 7.º DIA

Suas famílias rogam uma oração por suas almas na Igreja de S. João de Brito, sábado 3, às 10 e meia. Agradecem

Desmentido israelita

TEL-AVIV, 2 — Comentando a notícia publicada no jornal «Al Akhbar», o Cairo, segundo a qual um barco de guerra egípcio teria afundado o submarino israelita «Dakar» há quase dois anos, um informador militar afirmou, em Tel-Aviv, que «não há provas conclusivas para uma afirmação desse género».

Saltitando que a notícia não deve passar de «propaganda», fez notar que «os egípcios guardaram silêncio durante dois anos» e lembrou que «fazem habitualmente declarações falsas para estimular o público árabe».

ACUSAÇÃO

AMMAN, 2 — (A. N. I.) — Um informador da organização de guerrilheiros Al Fatah apresentou hoje nova acusação contra as tropas israelitas: a utilização de gases tóxicos contra as guerrilhas, que lançaram onze ataques, em quatro horas, no sul do vale do Jordão, na zona da ponte do rei Hussein.

SERVIÇO TELEFÓNICO DE POESIA

CARDIFF, 2 — (R.) — Um serviço telefónico de poesia, o primeiro do seu género na Grã-Bretanha, começará a funcionar nesta cidade galesa no próximo mês, segundo foi revelado hoje.

Todas as semanas, 24 horas por dia, assinantes poderão ouvir um poeta diferente lendo a sua obra. Para isso, basta discar um número.

O Conselho Galês de Artes, que patrocina o serviço para tornar popular a poesia do País de Gales, vai gastar 400 libras (28 contos) para o organizar e espera conseguir cerca de 300 assinantes todas as semanas.

DIREITOS IGUAIS PARA PORTUGUESES E BRASILEIROS — EM PROJECTO

RIO DE JANEIRO, 2 — (R.) — O ministro da Justiça Alfredo Buzaid vai promulgar uma lei em 1970 que dará aos residentes portugueses direitos iguais aos brasileiros.

O «Jornal Brasil» afirma que a comissão de juristas encarregada de redigir uma emenda ao artigo 199 da Constituição a apresentar os seus trabalhos ao ministro no próximo mês. O projecto será depois estudado por uma outra comissão hierarquicamente superior. O ministro tenciona elaborar uma lei que possa ser apresentada ao Congresso brasileiro e à assembleia Nacional portuguesa.

PORTUGUÊS EXPULSO

BRASÍLIA, 2 — (A. N. I.) — O presidente da República assinou um decreto expulsando do território brasileiro Manuel Joaquim Gonçalves Teixeira, de nacionalidade portuguesa, natural de Seidões, Portugal, e residente em São Paulo. Informa o ministério da Justiça que Manuel Teixeira tem cadastro, com vários delitos, nomeadamente roubo e burla.

Em VENDAS NOVAS o «DIÁRIO DE LISBOA», encontra-se à venda na PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Madruga — Praça da República, 72.

O DELEGADO RUSSO VOLTA A PEQUIM

MOSCOVO, 2 — (R.) —

Os dois gigantes do mundo comunista, ideologicamente em litígio, a União Soviética e a China, recomeçarão provavelmente em breve negociações secretas para estabelecer a paz nas suas inquietas fronteiras conjuntas, mas sendo incertas as perspectivas.

O subsecretário soviético dos Negócios Estrangeiros, Vasily Kuznetsov, que regressara há cerca de três semanas do seu país, vindo de Pequim, partiu de Moscovo de avião para a capital chinesa, segundo foi comunicado a noite passada.

De acordo com observadores desta capital, Kuznetsov levou consigo novas instruções que revelarão rapidamente se as conversações têm alguma possibilidade de êxito.

Kuznetsov chefiou uma delegação soviética de oito membros nas primeiras oito semanas do que foi anunciado em Moscovo terem sido conversações grandemente infrutíferas. Regressou inesperadamente de avião a Moscovo em 14 de Dezembro juntamente com o chefe adjunto da delegação, major-general Vadim Matrosov, chefe do estado-maior das tropas soviéticas na fronteira.

FIM DA EFTA?

(Continuação da 1.ª página)

fora do Mercado Comum como também da EFTA, disse o ministro numa entrevista que concedeu em Oslo.

Os países membros da EFTA são Portugal, a Grã-Bretanha, a Áustria, Dinamarca, a Noruega, a Suécia e a Suíça.

Administração
de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

L Í N G U A S

NOVOS CURSOS
EM JANEIRO



HORÁRIO:
DAS
09.00 às 22.00 h.

R. MARQUES SÁ DA BANDEIRA, 16 — Tels. 51496-534054-534052

Pouco
o sr. gen.
chefe da
Presidência
teve no
em nome
Américo
os cumpri
jeira apr
tes, no I
Belém, ac



Uma brasileira de S. Paulo e uma francesa de Lyon —primeiras turistas de 1970

O comandante João Stepanski foi o primeiro piloto a descer no Aeroporto da Portela em 1970. A aterragem verificou-se 20 minutos depois da meia-noite. O avião, um «Boeing» da Varig, era já esperado, pois saíra de Paris pouco depois das 22 horas, em voo para o Rio de Janeiro, com escala por Lisboa. No momento exacto da passagem do ano, o «Boeing» comandado pelo brasileiro João Stepanski sobrevoava o santuário de Fátima.

No mesmo avião, viajavam os primeiros turistas da de-

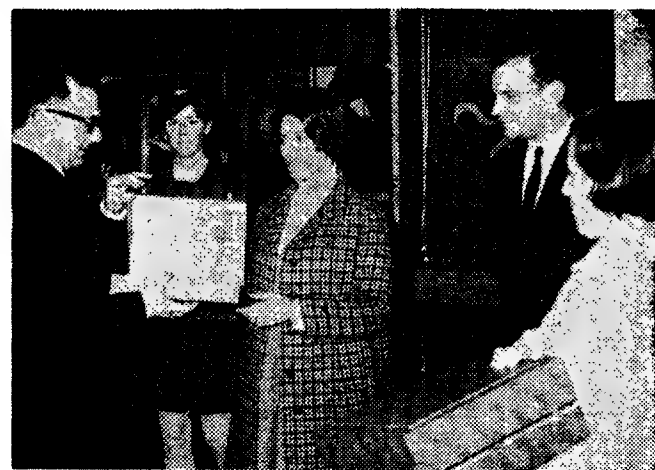
cada de 70, já que, áquela hora, só a fronteira aérea se encontrava aberta. Como nos anos anteriores, a Direcção-Geral de Turismo comemorou simbolicamente a entrada daqueles turistas, dos quais foram seleccionados dois, desde logo hóspedes da mesma Direcção-Geral, durante a sua permanência no nosso País. A escolha recaiu na brasileira Clara Maria Weber, de 35 anos, natural de Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul e na jovem francesa Jacqueline Robin, de 25 anos, natural de Lyon.

Surpreendidas pelos «flashes» dos fotógrafos e da Televisão, nenhuma delas sabia o que tinha acontecido. Mas era fácil: Clara e Jacqueline eram as primeiras turistas entradas em Portugal em 1970, motivo por que passavam a ser hóspedes da Direcção-Geral de Turismo. O convite foi-lhes dirigido pelo dr. Alvaro de Sousa, em no-

me do director-geral do Turismo, enquanto duas simpáticas funcionárias daquele departamento oficial, devidamente uniformizadas, faziam a entrega a Clara e Jacqueline de lindos ramos de flores naturais e duas artísticas caravelas em filigrana.

Além do dr. Alvaro de Sousa, estiveram ainda presentes no aeroporto os srs. Nuno Xara Brasil, da Varig, e Sales Henriques, da Direcção-Geral de Turismo.

Clara Weber é casada, tem três filhos e vive em São Paulo. Fora a Paris encontrara-se com o marido e resolveu passar uns dias em Lisboa antes de regressar ao seu país. Jacqueline Robin é secretária de administração em Lyon, para onde regressa no domingo. Já visitou Portugal algumas vezes, mas o conhecimento que já tem do nosso País não impediu que ficasse muito surpreendida com a recepção.



Lembranças para as duas primeiras turistas entradas em Portugal no ano de 1970

A NEVE NO NORTE DO PAÍS

Não se passa de Castro Daire para Lamego

CASTRO DAIRE, 2 — Equipas de limpeza da J. A. E. tentam remover a neve que bloqueia desde terça-feira a estrada nacional entre esta vila e Lamego.

A ligação continua cortada no trecho Colô do Pito —

Ponte de Reconcios, não se efectuando, por tal motivo, as carreiras rodoviárias para aquela cidade. Entretanto deixou de nevar, o que leva a admitir que a ligação possa ainda hoje restabelecer-se, embora em condições precárias.

marca trocando impressões

NO NOVO REPÚBLICA

peos chefes dos Estados-Maiors general das Forças Armadas, do Exército, da Armada e da Força Aérea. O Chefe do Estado esteve também durante cerca de vinte minutos com aquelas individualidades.

Cerca das 13 horas, o sr. prof. dr. Marcello Caetano abandonou o Palácio de Belém, na companhia do seu chefe de gabinete. Antes, dispôs-se dos componentes das Casas Militar e Civil do Chefe do Estado e dos jornalistas presentes. Mais tarde o sr. almirante Américo Thomaz recebeu, também na sala do Conselho, o sr. governador Santos Costa que, em nome dos chanceleres das Ordens honoríficas, lhe apresentou cumprimentos.

A última audiência foi concedida aos jornalistas e operadores da T. V., em serviço no Palácio Nacional de Belém. Seguiu então o Chefe do Estado o novo camarão na imprensa, sr. Armando de Almeida. Ao agradecer, o sr. almirante Américo Thomaz formulou votos para que o presente ano seja melhor para os jornalistas e satisfizesse as suas aspirações.

Durante a manhã e tarde de ontem passaram pelo Palácio de Belém, a deixar cartões de cumprimentos ao Chefe do Estado, chefes das representações diplomáticas estrangeiras em Lisboa, altas magistraturas, personalidades de relevo na vida nacional e outras entidades. Foram, também, recebidos no Palácio de Belém telegramas de saudações de Chefes de Estado de vários países.

★

Pouco depois do meio-dia, o sr. general Humberto Pais, chefe da Casa Militar do sr. Presidente da República, esteve no Patriarcado, para, em nome do sr. almirante Américo Thomaz, retribuir os cumprimentos que o sr. Manuel Gonçalves Cerejeira apresentara, pouco antes, no Palácio Nacional de Belém, ao Chefe do Estado.

RECEPÇÃO NO PATRIARCADO

Para comemorar a entrada do novo ano, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa deu ontem recepção no Paço do Campo de Santana. A cerimónia decorreu na sala do trono, onde as individualidades visitantes foram introduzidas pelo benedictino José Maria Rodrigues e padre João Rocha, respectivamente, secretário-famulo do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Também esteve presente o sr. rev.º cônego D. João de Castro, pró-vigário geral do Patriarcado.

O eminente purpurado começou a receber as primeiras individualidades às 15 prolongando-se a recepção até às 18 horas. Estiveram no Paço Patriarcal ou enviaram cartões de cumprimentos, entre outras individualidades, os srs. presidente da Assembleia Nacional, ministros do Estado, do Ultramar e da Saúde e Assistência; subsecretários de Estado das Obras Públicas e da Juventude e Desportos; profs. drs. António Vieira Forjaz, Lopes de Andrade, Fernando Carvalho Barreira e eng.º André Navarro; generais Monteiro do Amaral, Campos Andrade e Camara Pina; governador civil do distrito de Lisboa; presidente da Câmara Municipal de Lisboa; tenente-coronel Salvação Barreto, eng.º Arantes e Oliveira, Nazareth de Oliveira, Sá e Melo, Branco Cabral, João Leite Castro, José Tomás Oom, Alberto Pinto Basto e Espregueira Mendes; drs. Pinto Ferreira, Henrique Martins de Carvalho, José Rodrigues de Matos e Manuel José de Abreu Faria; condes das Alcáçovas, visconde de Balsemão, António Marques Pinto, José Filipe Neto Rebelo, Alberto Ferreira Pinto, Pedro e Luís Azevedo Coutinho.

Estiveram também no Patriarcado membros da comissão executiva da União Nacional, a direcção da Obra das Mães pela Educação Nacional, o Conselho Superior de Portugal da Sociedade de S. Vicente de Paulo, a direcção-geral da Liga Agrária Católica, a direcção nacional do Apostolado do Mar, a direcção da Universidade Católica, etc.

Como habitualmente, as famílias mais numerosas foram recebidas em audiências individuais.

CHOCOLATES TACHOIS
BARREIRO · LISBOA · QUELUS

AS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES À LEGISLAÇÃO FISCAL

referem-se ao Imposto Profissional e à Contribuição Industrial

Se o leitor ganha 30 contos (ou menos) por ano, deixa de estar, a partir de agora, obrigado ao pagamento do imposto profissional. Isto quer dizer que foi alterada de 18 para 30 contos a isenção do referido imposto, e a medida faz parte do diploma recentemente aprovado na reunião do Conselho de Ministros, com o qual se deu execução à autorização concedida pelo artigo 10.º da Lei de Meios, introduzindo-se algumas alterações aos Códigos Fiscais.

Ainda que importante, aquela medida não é, porém, a única alteração ao imposto profissional, cujas taxas (até ao ano passado de 1 por cento) passam a ser feitas de acordo com uma tabela que onera especialmente os rendimentos colectáveis anuais a partir dos 400 contos. Tere-mos, assim: até 40 contos — 1 por cento; até 80 — 2 por cento; até 120 — 3 por cento; até 160 — 4 por cento; até 200 — 5 por cento; até 250 — 6 por cento; até 300 — 7 por cento. Anteriormente, a partir dos 300 contos havia apenas a taxa de 8 por cento. De agora em diante, teremos: até 400 contos — 8 por cento; até 500 — 9 por cento; até 600 — 10 por cento; até 700 — 11 por cento; até 800 — 12 por cento; até 900 — 13 por cento; até 1000 — 14 por cento; mais de 1000 — 15 por cento.

Outra inovação, para simplificar aspectos de liquidação e cobrança: a entrega nos cofres do Estado do desconto feito pelas empresas passa a fazer-se trimestralmente, em Janeiro, Abril, Julho e Outubro.

Todas as alterações são aplicáveis apenas aos rendimentos recebidos ou postos à disposição dos seus titulares posteriormente a

31 de Dezembro do ano passado.

Interessa, porém, fixar: a dedução do imposto nos rendimentos que é efectuada pelas entidades patronais passa a ser feita logo de acordo com as taxas correspondentes ao montante anual das remunerações do contribuinte, em vez de ser feita apenas à taxa de 1 por cento, como se procedia até aqui.

Imposto de capitais

Entr as alterações introduzidas no imposto de capitais, salienta-se o facto de ter passado de 5 para 5,5 por cento a taxa sobre os lucros ou dividendos das empresas. (Isto sujeito, evidentemente, à parte do Estado, pois além disso, há ainda os adicionais).

Por outro lado, os rendimentos resultantes da concessão ou cedência temporária de patentes de invenção, licenças de exploração, modelos, de utilidade, desenhos industriais, marcas, etc., assim como os recebidos pela prestação de informações respeitantes a uma experiência adquirida nos sectores industrial, comercial ou científico, até agora sujeitos a imposto pro-

Militares falecidos

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas informa que faleceu, no Hospital Principal, em Lisboa, o 1.º cabo 02106768 Mateus Manuel Coelho da Silva, que tinha sido evacuado de Angola, por ter sido ferido num desastre.

fissional, passam a estar sujeitos a imposto de capitais, de acordo com uma nova taxa de 10 por cento. O pagamento deste imposto é feito por retenção na fonte, quer dizer, quem paga é que desconta.

Imposto complementar

Tal como aconteceu com as taxas do imposto profissional, também as do imposto complementar sofreram alterações: a partir do rendimento colectável de 250 até 300 contos onde anteriormente era de 8 por cento e agora é de 8,5 (secção A). A nova tabela mantém-se inalterável até àquelas importâncias. Assim: até 50 contos — 3 por cento (secção A e secção B); de 50 até 100 — 4 por cento (secção A) e 3,5 por cento (secção B); de 100 até 150 — 5 por cento (A e B); de 150 até 200 — 6 por cento (B) e 4,5 (B); de 200 até 250 — 7 por cento (A) e 5 por cento (B). A partir das importâncias de 250 a 300 contos, é estabelecida uma tabela que vai de 8,5 por cento até 55 por cento, quando a anterior ia de 8 por cento a 45 por cento.

A propósito do imposto complementar, salienta-se ainda que acabou o adicional referido no artigo 11.º da Lei 2136 de 21 de Dezembro de 1968 e que dos rendimentos líquidos do imposto de capitais, secção B, das acções e obrigações ao portador não registadas ficarão sujeitos ao imposto comple-

mentar por taxa de 24 por cento (antes, 20 por cento).

Contribuição industrial

A principal inovação introduzida na contribuição industrial diz respeito aos contribuintes do grupo A para os quais deixa de haver a colecta provisória de 50 por cento do lucro tributável no ano anterior. Em contrapartida, passa a fazer-se a liquidação provisória de acordo com os elementos fornecidos pelo contribuinte. Por outras palavras: a liquidação provisória do imposto assentará na declaração do contribuinte e passa a ser posta à cobrança em Julho e Outubro (até agora era em Janeiro e Julho), sendo a última prestação simultânea com a liquidação definitiva.

Os conhecimentos de cobranças serão entregues anualmente nas tesourarias da Fazenda Pública, nos prazos seguintes: até 20 de Junho, os que respeitarem a liquidação provisória da contribuição industrial grupo A; até 15 de Dezembro, os que respeitarem a liquidação provisória da contribuição industrial grupo B; até 15 de Setembro, os referentes à correcção de liquidação provisória ou a liquidação prevista no artigo 86.º; até 20 de Março, os relativos à contribuição industrial grupo C.

As alterações introduzidas aplicar-se-ão à contribuição industrial a partir do ano passado.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Diário de Lisboa

CINCO FERIDOS NUM DESASTRE NA AUTO-ESTRADA

DECOIMBRA

Sessões médicas

Recomeçam depois das férias as sessões das quintas-feiras do Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina, da iniciativa do respectivo director, prof. Renato Trincão. A primeira sessão está marcada para o dia 8, pelas 16 horas, devendo o dr. Armando Porto apresentar o trabalho «Círculo hepático — discussão da sua irreversibilidade».

tenárias do distrito, a realizar no próximo dia 18 de Janeiro, e a que presidirá o ministro das Corporações estarão também presentes o presidente da Corporação do Comércio e outros elementos qualificados daquele organismo. A Câmara Municipal dará a sua colaboração ao acto.

Cumprimentos ao presidente do Município

O presidente da Câmara Municipal, recebeu, no seu gabinete, os chefes de serviços do Município e dos Serviços Municipalizados, que lhe apresentaram cumprimentos de passagem de ano. Em nome do pessoal, falou o sr. dr. Amândio Cortesão, chefe da secretaria, que saudou o sr. eng. Araújo Vieira, o qual, por sua vez, agradeceu e desejou a todos um novo ano cheio de prosperidades.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — As 21 e 30: «O Leão de Inverno» (17 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «A grande aventura de Hannibal» (12 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «O ninho dos espiões» (12 anos).
SOUSA BASTOS — As 21 e 30: «Como ganhar um milhão!» (12 anos).

Farmácias de serviço

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges (Telefone 24348).
SANTA CRUZ — Rua das Padeiras (Tel. 23569).
CARREIRA — Rua Visconde da Luz (Tel. 22834).
S. JOSÉ — Arcos do Jardim (Tel. 24697).

Vítimas de desastres de viação

Mais ou menos feridos por terem sido atropelados por automóveis, recolheram ao Hospital de São João os jovens José de Sousa Lopes, de 18 anos, solteiro, fiandeiro, de Lousada e Benavinda Pinto Loureiro, de 17, solteira, empregada de armazém, Rua Martin Moniz, 706; a sr. D. Alice Miranda, de 55, solteira, servçal, Rua José Coutinho, 173, em São Mamede; e o sr. Manuel da Costa Gomes, de 25, casado, operário, de Gemunde (Maz), que, na queda da motorizada, sofreu traumatismo craniano.

Deu entrada no Hospital de Santo António o sr. Joaquim Pereira Leite da Silva, de 50 anos, de Pedroso

(Gaia), que, atropelado por um veículo, sofreu várias fracturas pelo corpo.

Outros acidentes

Recolheram, também, ao Hospital de São João os menores Fernando Dias Pires, de 18 anos, solteiro, troilha, de Fornos (Vila da Peira); vítima de intoxicação por óxido de carbono; e Abel Brandão Faria, de 13, de Souza (Lousada), com uma das mãos estacelada.

Morte por doença súbita

Aconetido por doença súbita na barraca onde vivia, na Avenida Oliveira Salazar, em Matosinhos, faleceu o sr. Albino da Costa, que aparenta 55 anos. O cadáver veio para o Necrotério.

Farmácias de serviço esta noite (1.º turno)

ANACLETO DE BARROS, Rua do Loureiro, 04 (Tel. 3-9075).
CAMAREIRA, R. do Heroldo, 90 (Tel. 5-2583).
CANAVARRO, R. da Restauração, 53 (Tel. 6-0754).
CONFIANÇA, R. de Santa Catarina, 960 (Tel. 2-2884).
COSTA CABRAL, R. de Costa Cabral, 1832 (Tel. 4-0780).
FIGUEIREDO, Rua da Cedofeita, 25 (Tel. 2-620).
FONTE DA MOURA, R. de Tanger, 463 (Tel. 68-444).
MONTE DOS BURGOS, R. do Monte Burgos, 802 (Tel. 6-2219).
MONTE CATIVO, Rua do Monte Cativo, 444 (Tel. 4-687).
MONTA AVENIDA, Av. Fernão Vagabundos, 692 (Tel. 5-2250).
PADRÃO L. do Padrão, 342 (Tel. 5-249).
PARENTE, R. das Flores, 4 (Tel. 2-6).
POMBEIRO, Campo dos Mártires da Pátria, 52 (Tel. 3-295).
S. DA BANDEIRA, R. de S. da Bandeira, 236 (Tel. 3-6687).
NACIONAL, R. Senhora da Luz 56

Na auto-estrada do Norte, despistou-se um automóvel conduzido pelo sr. Alberto Morgadinho Jerónimo, de 28 anos, empregado da TAP, que seguia acompanhado da mulher D. Maria do Carmo Silva Gaspar, de 28 anos, a filha do casal, Maria José, de 4 anos, os pais daquele, sr. José Jerónimo, de 51 anos, e D. Maria José Morgadinho, de 53 anos, e ainda uma sua irmã, Teresa Morgadinho Jerónimo, de 16 anos, todos residentes na Estrada da Portela, Quinta do Alto. Levados ao Hospital de Santa Maria, ficaram ali internados muito traumatizados.

Bolsa de Lisboa

AS ÚLTIMAS COTAÇÕES

FUNDOS DO ESTADO	Étec.	Compre	Vende	Ultramarinas	Étec.	Compre	Vende
Consolidado 4 3/4%	—	—	518\$	M. E. Revue Angola	2.420\$	2.420\$	2.430\$
Consolidado 3%	530\$	528\$	532\$	M. E. Revue	—	620\$	650\$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620\$	Vila do Principe	—	800\$	1.000\$
Centenario 4%	1.50\$	1.505\$	1.515\$	Vicombre	179\$	178\$	179\$
Obriga. Tesouro 5%	1.003\$	1.002\$	1.003\$	Moneta n.	41\$	41\$	520\$
Extremo 1.ª Série	—	—	720\$	Moneta p.	43\$	43\$	440\$
Extremo 2.ª Série	—	850\$	—	Moneta c.	—	85\$	88\$
Extremo 3.ª Série	—	730\$	—	—	—	—	—
Extremo 4.ª Série	—	—	845\$	Diversas	—	—	—
Cauteleia 1.ª Série	—	—	155\$	—	—	—	—
OBRIGAÇÕES	—	—	—	—	—	—	—
Agua Lisboa 5%	—	470\$	—	—	—	—	—
A. P. 1.ª 5% 56	—	—	930\$	—	—	—	—
A. P. 1.ª 5% 58	—	—	930\$	—	—	—	—
A. P. 1.ª 1/2% 65	900\$	895\$	—	—	—	—	—
C. P. 5.ª 7/2% 67	—	—	—	—	—	—	—
C. U. F. 6%	—	997\$	—	—	—	—	—
C. U. F. 6% 68	—	1.004\$	—	—	—	—	—
G. Elect. 4% 48	—	780\$	—	—	—	—	—
G. Elect. 4% 1/2% 51	—	800\$	—	—	—	—	—
G. Elect. 5% 52	—	890\$	—	—	—	—	—
G. Elect. 5% 58	—	890\$	—	—	—	—	—
G. Elect. 5% 59	—	890\$	937\$	—	—	—	—
G. Elect. 5% 62	—	930\$	—	—	—	—	—
G. Elect. 5% 63	—	—	935\$	—	—	—	—
G. Elect. 5% 65	—	—	—	—	—	—	—
G. Elect. 6% 67	—	—	1.000\$	—	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	—	—	—	—
H. e Cávado 5%	—	830\$	—	—	—	—	—
H. e Cávado 6%	—	—	1.015\$	—	—	—	—
H. e Douro 5%	850\$	840\$	850\$	—	—	—	—
H. e Douro 6%	—	1.020\$	—	—	—	—	—
H. e Norte Port. 5%	—	—	1.015\$	—	—	—	—
H. e Estremoz 6%	—	—	830\$	—	—	—	—
H. e Zêzere 5% 53	—	—	—	—	—	—	—
H. e Zêzere 5% 57	—	—	—	—	—	—	—
Lisboa 6%	1.005\$	—	—	—	—	—	—
Metropolitano 4%	—	—	—	—	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	995\$	1.000\$	—	—	—	—
Moçambique 5%	—	850\$	—	—	—	—	—
Nac. Electr. 5%	—	810\$	—	—	—	—	—
Nitratos 5%	—	790\$	820\$	—	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	865\$	—	—	—	—	—
Petrolífrica 5%	—	920\$	—	—	—	—	—
Port. Celu. 5%	—	950\$	940\$	—	—	—	—
Sacar 5% 54	—	880\$	—	—	—	—	—
Sacar 5% 60	—	790\$	820\$	—	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—	—	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—	—	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—	—	—	—	—
Saneite 5%	—	850\$	900\$	—	—	—	—
T. A. P. 4%	—	—	950\$	—	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—	—	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	84\$	—	—	—	—	—
U. E. P. 4%	—	86\$	—	—	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	90\$	—	—	—	—	—
U. E. P. 5%	—	82\$	—	—	—	—	—
U. E. P. 5% 60	—	—	—	—	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—	—	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

	23/12/69	30/12/69	31/12/69
GERAL	151,6	151,0	150,3
METROPOL	143,7	143,3	142,3
ULTRAM.	209,2	207,6	208,8

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36\$50	38\$50
América:		
— Dollars de 1 e 2...	28\$00	28\$50
— Dollars de 5 e 10...	28\$30	28\$70
Canadá — Dollar	26\$10	26\$60
Alemanha — Marco	7\$55	7\$85
Austria — Schilling	\$05	\$08
Argentina — Peso	1\$08	1\$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5\$00	7\$00
Espanha — Peseta	\$39,5	\$41,0
Francia — Florim	7\$65	7\$95
Inglaterra — Libra	67\$50	69\$50
Itália — Lira	\$04,4	\$04,65
Bélgica — Franco	\$55	\$58
Francia — Franco	4\$70	5\$10
Suécia — Coroa	6\$50	6\$70
Marracos — Dirham	4\$80	5\$30
Dinamarca — Coroa	3\$60	3\$90
Noruega — Coroa	3\$85	4\$15
Suécia — Coroa	5\$35	5\$65
Duro:		
Inglaterra — Libra Isabe	280\$00	300\$00
Inglaterra — 1/2 Libra	250\$00	270\$00
Ouro fino — Barra	32\$70	34\$70

J. BURNAY, L. DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Amanhã

à tarde

TEATROS
S. DA BANDEIRA — As 6: «Ri-te, ri-te!» (17 anos).
COLISEU — As 15 e 30: «Circo Price» de Madrid (6 anos).
CINEMAS
S. JOÃO — As 15 e 30: «Isadora» (17 anos).
RIVOLI — As 15 e 30: «Adeus, Mr. Chips» (12 anos).
TRINDADE — As 15 e 30: «Serafino — Amor livre na aldeia» (17 anos).
BATALHA — As 15 e 30: «D. Quixote sem manchas» (12 anos).
ESTUDIO — As 15 e 30: «Seduzida e abandonada» (17 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30: «Escândalo ao sol» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15: «O assalto ao carro blindado» e «Missão em Teorão» (17 anos).
AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «Por quem os sinos dobram!» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 15 e 30: «O Diabo era outro!» (12 anos).
JULIO DINIS — As 15 e 30: «Quimera» (12 anos).
NUN' ALVARES — As 15 e 30: «Festivo! Tom e Jerry» (6 anos).

Bombons Arcádia
o prazer do paladar

Atenção aos pneus do seu automóvel!

• Ainda não foram aplicadas multas pela P. V. T.

Entrou ontem em vigor o decreto-lei que estabelece a obrigatoriedade, para todos os veículos automóveis e reboques, do equipamento com pneus que apresentem em três quartos de largura e em toda a circunferência da zona de rolagem uma altura mínima de piso de um milímetro. Esta disposição aplica-se igualmente ao pneu de reserva, quando este for obrigatório. A aplicação rigorosa deste diploma visa a evitar a utilização de pneus «carecas», responsáveis por muitos acidentes graves. Entretanto, os automobilistas que pretenderam cumprir a lei dentro do prazo depararam com algumas dificuldades. As oficinas especializadas na recauchutagem de pneus, por exemplo, não puderam, em certos casos, cumprir os prazos, dada a grande afluência de encomendas. Também houve dificuldade em adquirir certos tipos de pneus novos. Talvez por ter isso em conta e, ainda por se tratar de uma exigência nova, a P. V. T. está a agir com generosidade, nestes primeiros dias. Segundo nos informou esta manhã o 2.º comandante daquela corporação, não foram ainda aplicadas quaisquer multas, pois as brigadas têm instruções para avisarem os automobilistas da necessidade de cumprirem a lei. Só serão autuados os condutores que circulem com pneus totalmente «carecas», portanto os casos são poucos. Mas esta generosidade inicial não pode durar muito. Os automobilistas não deverão esquecer-se de que, se não circularem com pneus em bom estado (ranhuras com um mínimo de 1 milímetro de profundidade) estão sujeitos a multa de 500 escudo.

A MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

(Continuação da 1.ª página)

grandeza efêmera, me dirijo aos portugueses neste primeiro dia dum novo ano. É já a décima segunda vez que o faço. Sempre a aparição dum novo ano, após a comemoração em fraternal, compreensivo, mas infelizmente episódico convívio da quadra Natalícia, é motivo de esperanças sem fim, que, no seu decurso, se vão tornando, quase todas, em amargos desilhões. Mas nem por assim ser tristemente todos o temos experimentado, se sente o Chefe do Estado menos na obrigação, que muito agradavelmente cumpre, de dirigir as suas saudações amigas aos seus irmãos portugueses e de lhes desejar as maiores felicidades no ano que hoje começa. Todos os bons portugueses bem as merecem, pela sua exemplar conduta no Mundo, pelo seu sacrifício na hora presente e pelo esforço que estão abnegadamente realizando na busca dum futuro melhor.

Tem o Chefe do Estado, nestas suas mensagens anuais, procurado fazer em rápida síntese, o balanço do que ocorreu de mais interesse no ano que findou, quer sob o aspecto nacional, quer sob o aspecto internacional. Mais uma vez procurará fazê-lo e, como habitualmente, começando pelo segundo.

Ao contrário das esperanças manifestadas na mensagem de há um ano, não se concretizaram os sinais pronunciadores, que parecia vislumbrar-se, de mudança, para melhor, do clima internacional em que se vivia. Tudo se tem mantido praticamente na mesma e a não ser o impressionante progresso da ciência e da técnica, muito pouco evoluiu em sentido francamente positivo e é até bem visível o agravamento de males em parte resultantes de compromissos tomados, bastante ingenuamente, no fim e após a Segunda Grande Guerra e cujas consequências têm sido de verdadeiras desastrosas para o Ocidente. A errada política que este tem seguido ou, melhor, a carência de uma política que devia ter definido e mantido, propiciou a extensão do comunismo para além da zona a que devia ter ficado confinado e a intensificação da sua propaganda e da sua acção corrosiva com a maior liberdade, a liberdade que não consente, e que é aproveitada com mestria, sem limitações nos processos usados, no seu emprego, a quem não comunga em tão nefasta ideologia.

A DEGRADAÇÃO DOS COSTUMES

Tudo o que tenho afirmado nas anteriores mensagens, mormente na do ano passado, o tempo tem, infelizmente, confirmado. É pois inútil repetir, nesta, verdades que não são ouvidas e apelos que não são escutados; nem vale a pena chamar mais a atenção para o desprestígio em que a O. N. U. se afundou e para a estagnação em que caiu a Nato. São outros os pontos que desta vez abordarei.

Começo pelo que é, talvez, o mais preocupante de todos, a degradação dos costumes em que a huma-

nidade ocidental viveu descontentemente durante largos anos.

A polidez com que a civilização, ao longo dos séculos, brindu o homem, fruto da sua inteligência e dos sentimentos que foi sucessivamente cultivando, está-se diluindo. O homem parece tender para o regresso à mera animalidade de que partiu e de que se foi sucessivamente distanciando. O retrocesso começou, precisamente, nos povos ditos mais evoluídos e que deveriam constituir exemplo, mas sadio exemplo, para os que tiveram menores possibilidades de desenvolvimento. Mal se compreende semelhante incongruência, inversão alarmante que surge precisamente quando se está operando um assombroso avanço na técnica e na ciência, capaz de precipitar o progresso dos povos e de tornar a vida mais fácil e mais cómoda. Não se deverá culpar o avanço material de ser o causador do retrocesso moral que infelizmente parece querer caracterizar os dias de hoje; há que buscar as causas desse retrocesso em campo bem diverso. E esse é, muito possivelmente, o da subversão que o comunismo hábilmente tem infiltrado em tudo que existe e possa constituir embaraço para a sua acção dissolvente.

As drogas com que a humanidade está sendo mais fortemente envenenada nos últimos tempos, são um excelente veículo da corrupção dos costumes e tanto podem ser assimiladas por via oral, como pela visual. São, por qualquer das vias, extremamente nefastas, pois se por uma tentam contra a integridade física, pela outra vão contaminando progressivamente a integridade moral. Para o fim sempre em vista da contaminação mundial, o comunismo não hesita nos meios que emprega, no seu mundo e fora dele. Todos lhe servem, de preferência os menos visíveis, que são normalmente os mais eficientes e rápidos. É por isso natural que a dissolução que está grassando, com intensidade assustadora, na sociedade ocidental, não resulte apenas duma mentalidade doente e da saturação dos seus hábitos normais e seja também obra do comunismo de exportação, que aproveita e explora com consumada arte todos os defeitos e fraquezas de que ela está, infelizmente, impregnada. Se a sociedade ocidental não for capaz de defender-se do mal de que se encontra, pelo menos em parte gravemente doente, é fatal cair em sucessivas e cada vez mais baixas degradações e corre o risco de morrer, como sucedeu a outras civilizações anteriores, da forma mais ingloria. Há, pois, que actuar sem demoras e sem hesitações, para, ainda a tempo, pôr termo a tão estranhos desregramentos, evitando-se, assim, a consumação de tão desastrosa fim.

O ANSEIO DESCONCERTANTE DA JUVENTUDE

Para outro ponto igualmente melindroso, embora apenas em parte, me pareceu dever chamar também a atenção. É ele o da insatisfação geral e do anseio

desconcertante, da juventude.

A primeira é uma das marcas características dos tempos actuais e resulta do acesso a novos meios que o progresso pôs, mais rapidamente do que era habitual, ao serviço de parte da humanidade. Quando medida, tem de considerar-se benéfica e pode ser fonte de maior e cada vez mais útil progresso. Porém quando ilimitada, torna-se perigosa, por poder conduzir rapidamente ao caos.

O anseio da juventude, sentimento saudável e indispensável, que existiu sempre ao longo de todos os tempos em maior ou menor grau, encontra-se presentemente maculado por uma propaganda constante e insidiosa, vinda das bandas do Oriente, que o transformou em contestação permanente e não poucas vezes desregrada, em que tudo é criticado indiscriminadamente, o que está mal e o que está bem e, indistintamente, as deficiências realmente existentes e as medidas tomadas para as sanar ou aliviar. Ora como há anos atrás as deficiências eram muito maiores em todos os aspectos e as contestações multissimas menores, não podemos culpar apenas a juventude do que se está passando. Sem a isentar da parte e grande, que tem no clima criado, temos de procurar na sua infância e na forma de ministrar e ensinar, uma parte importante das causas que a tornaram mais contestadora do que estudiosa; e, principalmente, nas influências estranhas, através duma propaganda maciça, aparentemente defensora das prerrogativas da juventude, mas no fundo visando apenas servir-se dela, como seu agente ideal. É, afinal, mais outra forma de subversão, em que uma parte da juventude parece comungar, outra se não apercebe de toda a profundidade do perigo que está correndo e a maior parte erradamente desistiu de lutar.

As pessoas já não jovens e os velhos, não são contra os novos, até porque também o foram, mas não podem, evidentemente, dar o seu acordo a maneira de ser de muitos dos jovens de hoje. Dantes os jovens com todos os seus defeitos eram ou pareciam ser mais generosos, sabiam talvez melhor ser jovens, não se deixavam contaminar por propagandas estranhas, que não toleravam, e tinham fé no futuro, naturalmente até, por dispor de bem menores facilidades na época em que viveram a sua mocidade.

Estamos, sem dúvida vivendo tempos bastante diferentes daqueles em que antigamente se vivia. É muito possível tratar-se de mais uma viragem na História do Mundo, coincidente com um extraordinário progresso técnico e científico e com uma mudança profunda da mentalidade humana. Mas as causas podem muito bem ser principalmente outras e os dois pontos que acabei de apontar, conduzem a admitir que assim possa suceder.

Sejam quais forem as causas, os velhos sentem-se naturalmente alarmados, não pelo quase miraculoso progresso verificado

na técnica e na ciência, mas pela profunda mudança de mentalidade, a seu ver perigosa, que está assolando o Mundo. Por seu turno os novos não se afirmaram acalentados pela esperança de melhores dias, mas apenas de dias diferentes dos actuais. Os primeiros temem o futuro, não pelo que directamente lhes respeita mas por aquilo que pode aguardar os mais novos. E estes parecem desmoriados e não sabem bem o que querem e por isso procuram estranhamente, na destruição do que existe, o único remédio para os males que entendem caracterizar a época em que vivem.

O PROGRESSO TÉCNICO E CIENTÍFICO

O Mundo anda profundamente perturbado por ideias e propagandas sistematicamente feitas, que o tornam quase irreconhecível. Procura-se ruir os velhos dogmas e com eles verdades e processos, que não convêm à errada orientação que hoje pretende dominar o Mundo. Para tanto, tudo propositadamente se desvirtua e se esconde, com grave dano para a justiça e para a verdade, até mesmo por aqueles que mais conveniência teriam na orientação oposta.

Nem tudo porém é desolador na época em que estamos vivendo, pois temos assistido a um progresso técnico e científico há poucos anos imprevisível. Só quem nasceu nos últimos anos do século passado e transitou para o actual apercebendo-se já dos factos que sucessiva, mas morosamente, iam ocorrendo, é testemunha viva da evolução espantosa operada no nosso século. Já vai distante a aparição do primeiro automóvel, do primeiro carro movido electricamente e do primeiro avião, meios de transporte que começaram a imprimir à vida da humanidade uma velocidade até então inusitada, embora de não muitas dezenas de quilómetros. O salto nas quase sete décadas que vão passadas do século vinte, foi espantoso, mas só se tornou espectacular nas últimas três, ou seja a partir dos últimos anos da Segunda Grande Guerra. E assistimos, pouco depois de passada a primeira metade do ano findo, ao mais extraordinário feito praticado pela humanidade, a descida do primeiro homem na Lua. Tudo nesse feito impressionou profundamente, mas o que mais entusiasmou e maravilhou foi o apuro a que foi possível levar a ciência e a técnica para permitir tão assombrosa realização.

Pode discutir-se se a ida à Lua merecia prioridade em face do muito que ainda há a realizar na Terra e do desconhecimento, quase completo, do seu interior. Mas esses aspectos nenhum valor tiram ao comentário, aos homens que o realizaram e o possibilitaram e à Nação à qual se fica devendo tão extraordinária façanha.

O ESFORÇO DA DEFESA

E já é tempo de passar ao balanço, no aspecto na-

cional, do ano que passou.

Dominou-o, tal como aconteceu nos anos anteriores, a preocupação constante e o aturado esforço a que a defesa das sagradas parcelas de Portugal em África indiscutivelmente obriga. Continuamos combatendo, sózinhos, o terrorismo que estranhos interesses atearam sucessivamente em Angola, na Guiné e em Moçambique e continuamos constante e fortemente alimentando com armamento moderno e dinheiro. Embora mais alguns países continuem contribuindo ocultamente para a manutenção do terrorismo, parece fora de dúvida serem a União Soviética, os seus satélites espalhados pelo Mundo e a China Continental aqueles que estão arcando com a quase totalidade dos encargos. São esses, de resto, os países actualmente mais interessados no terrorismo pois seriam os grandes beneficiados com o seu triunfo e praticamente os únicos. Os que inicialmente também cuidavam poder colher vantagens, devem estar já convencidos de que assim não sucederia. Faço essa justiça à sua inteligência.

Mas não pode olvidar-se que a ajuda soviética e chinesa seria inoperante se Portugal não tivesse em África alguns maus vizinhos, que ignoram ou fingem ignorar as regras que regulam o convívio internacional. O desrespeito por essas regras, que não pode deixar de se considerar propositado, é que possibilita a manutenção do terrorismo, pois no território desses maus vizinhos é que se acoltam os bandidos, é dele que partem para realizarem as proezas para que foram instruídos e é deles que têm os seus quartéis-generais. E o impudor é tal, que ainda se queixam na O. N. U. da violação dos seus territórios por forças portuguesas e nela encontram o apoio e as resoluções que só se explicam pela ausência do mais elementar critério e pela falta total do espírito de equidade e de justiça, que devia presidir a todos os seus actos.

Tudo o muito que a mais poderia dizer sobre tão apaixonante tema, foi já dito com grande desenvolvimento na mensagem que li na reunião conjunta da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa para abertura da X Legislatura e por isso e nesta matéria, só me resta a obrigação, que cumpro naturalmente com o maior entusiasmo, de saudar mais uma vez, e nunca serão demais, as Forças Armadas de que sou Chefe Supremo, pela compreensão plena com que cumprem o seu dever, pelo abnegado sacrifício com que combatem um inimigo que dentro das normas da guerra subversiva só usa métodos insidiosos e pelo amor com que afincadamente defendem, palmo a palmo, o sagrado solo pátrio.

Apesar do terrorismo continuaram as províncias de Angola, de Moçambique e da Guiné a conhecer um franco progresso, que nas duas primeiras foi naturalmente e por variadas razões mais acentuado e que, segundo o testemunho das pessoas que periódicamente visitam essas duas magni-

ficas parcelas de Portugal, assume uma grandeza de verdadeiras consoladoras. Também nas outras províncias portuguesas o progresso tem sido notório, salvo, certamente, no Estado Português da Índia onde os usurpadores nada devem ter realizado, até porque o nível que tinha atingido em 1961 era muito superior ao dos territórios da União Indiana. Como é inteiramente justo, tem o Chefe do Estado permanentemente no seu pensamento a situação aviltante em que se mantém esse rincão sagrado de Portugal, padrão das suas maiores glórias, que devia ter merecido o respeito do Mundo e até da própria União Indiana. E esta, nem sequer foi condenada pela «imparcial» O. N. U.

Durante o ano findo foram as províncias da Guiné, de Angola e de Moçambique visitadas pelo presidente do Conselho, tendo sido a primeira vez que um Chefe do Governo se deslocou ao Ultramar. A recepção que lhe foi dispensada, nas terras que visitou, foi plena de entusiasmo, tal como se verificou nas deslocamentos dos Chefes do Estado, quando das suas visitas. O entusiasmo foi nova prova, embora desnecessária, do portuguêsismo nos portugueses de todas as etnias e de todos os credos que, nessas terras vivem quer tenham ou não, nelas nascido. A visita revestiu-se da maior oportunidade e tanto os visitados como o visitante viveram momentos da maior euforia patriótica, que não esqueçerei e que muita utilidade tiveram para o seu mútuo conhecimento. E como a viagem foi sobretudo uma viagem de serviço, tudo se conjugou para que das visitas resultassem os maiores benefícios.

Também o Doutor Marcello Caetano visitou oficialmente o Brasil e igualmente dessa deslocação se colheram os melhores frutos, para a indispensável maior compreensão recíproca entre os dois países irmãos e que constituem a Comunidade Luso-Brasileira. Os elementos oficiais e o povo brasileiro receberam primorosamente o nosso presidente do Conselho e a colónia portuguesa exultou com a visita, como é natural. Consequentemente, mais um excelente serviço prestado ao País.

No ano de 1969 foram oficialmente comemorados os quinquagésimos anos dos nascimentos de Vasco da Gama e de D. Manuel I e os primeiros centenários dos nascimentos do Almirante Gago Coutinho e do Marechal Óscar Carmona. Foi dada natural primazia ao de Vasco da Gama, pela projecção que esse grande vulto da nossa História atingiu em todo o Mundo e que o encerramento do Canal de Suez e o regresso à utilização da rota do Cabo da Boa Esperança, fez reviver. Mas também o centenário do nascimento de Gago Coutinho foi devidamente comemorado durante o ano e a partir de 17 de Fevereiro, não apenas pelo sábio Almirante se ter imortalizado pelos processos inéditos de navegação aérea que usou na primeira travessia aérea do

(Continua na página seguinte)

A MENSAGEM DE ANO NOVO DO CHEFE DO ESTADO

(Continuação da pag anterior)

Atlântico Sul, como por ter sido um grógrafo distintíssimo e um peito consumado na interpretação das viagens realizadas pelos navegadores portugueses de quinhentos.

No ano que hoje começou ocorre o quinto centenário da descoberta da Ilha de S. Tomé. Espera-se que esse centenário seja comemorado com o realce que inteiramente merece e que as circunstâncias presentes tornam mais saliente.

A ACTIVIDADE DO CHEFE DO ESTADO EM 1969

É altura de referir, como nas mensagens dos anos anteriores, a actividade do Chefe do Estado ao longo de 1969, no respeitante às suas deslocações, às visitas que realizou, às inaugurações a que presidiu e às cerimónias a que compareceu.

Começou por lembrar que cada Chefe de Estado tem, naturalmente, além da maneira de ser comum a todos, uma característica própria que o distingue, melhor ou pior. A minha reside na preocupação, que sinto de contactar o mais possível com as populações e de estar presente em todos os actos, inaugurações em cerimónias em que essa presença se justifique.

Dessa peculiar maneira de agir resulta, naturalmente, uma quase constante peregrinação através do nosso território, mormente do continental e europeu. Sinto que o Povo aprecia bastante o estilo que comecei usando há já onze anos pois ele bem merece todo o apreço por parte do Chefe do Estado que do povo veio e perfeitamente sabe constituir ele e ter constituído sempre, o maior e mais valioso esteio em todas as vicissitudes suportadas pela nação ao longo de mais de oito séculos de História.

Dada pela primeira vez esta singela explicação, farei de seguida a mais breve síntese possível da minha peregrinação do ano que findou, refrindo apenas o essencial: Desloquei-me pela primeira vez à cidade do Porto em 18 e 19 de Janeiro, para assistir a várias cerimónias a realizar diversas visitas e, sobretudo, para presidir à inauguração dum Centro de Formação Profissional Acelerada. Pouco mais de um mês depois, inaugurei outro Centro análogo na vila do Seixal. A 11 de Março visitei o Regimento de Infantaria 5, nas Caldas da Rainha, e o Centro de Instrução que nele funciona. A 10 de Abril presidi à inauguração do novo e magnífico edifício da Biblioteca Nacional. A 17 do mesmo mês desloquei-me a Coimbra para inaugurar o novo e belo edifício da Matemática da Universidade e para visitar a Escola de Regentes Agrícolas e dois Liceus (o segundo na Figueira da Foz). A 20 visitei oficialmente, pela primeira vez, a vila de Peniche. Em 27 e 28, ainda do mesmo mês, visitei novamente a cidade do Porto, em especial para inaugurar o Parque Desportivo Salazar, da F. N. A. T. e visitar o Regimento de Infantaria 6. No dia 10 de Maio presidi à inauguração, na cidade de Lagos, da estátua do navegador Gil Eannes. No dia seguinte presidi à inaugura-

ção do empreendimento hidro-agrícola do rio Mira e da barragem respectiva, que recebeu o nome de Marcello Caetano a pedido das forças vivas dos distritos de Beja e Faro. No dia 15 visitei a Escola de Fuzileiros Navais em Vale de Zebro. Em 23, ainda de Maio, visitei oficialmente e pela segunda vez, a cidade de Portalegre. Em 1 de Junho presidi à inauguração da Feira Nacional da Agricultura, em Santarém, que visitei segunda vez no seu fecho. No dia seguinte desloquei-me a Beja, para visitar a Base Aérea 11. No dia 8 presidi na Barragem do Roxo, à cerimónia em que lhe foi dado o nome do Engenheiro Arantes e Oliveira e inaugurei, em Moura e Estremoz, os seus Palácios de Justiça. No dia 9 procedi à inauguração da Feira Internacional de Lisboa. No dia 10 presidi, no Terreiro do Paço, à cerimónia militar que anualmente se realiza de consagração aos heróis de África. Em 12 visitei o Museu Militar e a Sede do Estado Maior do Exército. Em 19 visitei as instalações do Iberiant, em comemoração do vigésimo aniversário da Fundação da NATO. Em 24 presidi à inauguração dos novos Paços do Concelho de Alcácer do Sal. Em 25 visitei o Grupo N.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira. Em 27, ainda do mês de Junho, visitei, em Lamego, o Centro de Instrução de Operações Especiais. No dia 1 de Julho inaugurei, em Alverca, o Museu do Ar. Em 24 presidi à inauguração dum bairro da Presidência em Santo António dos Cavaleiros. Em

26 inaugurei diversas instalações na Fábrica Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas. No dia 3 de Agosto assisti, em Setúbal, à Festa do Mar e inaugurei a Feira de Santiago. Em 8, 9 e 10 visitei várias unidades industriais do distrito de Aveiro e visitei oficialmente Vale de Cambra e Maceira de Cambra, procedendo a várias inaugurações. Em 24 inaugurei, em Ponta Delgada, o aeroporto da Nordela. Em 30 do mesmo mês de Agosto visitei oficialmente a cidade do Funchal, procedendo a diversas inaugurações. No dia 4 de Setembro visitei o Grupo N.º 2 de Escolas da Armada. No dia 7 visitei oficialmente as vilas de Sines e de Palmela. Em 8 estive em Montemor-o-Novo nos seus renovados Paços do Concelho. Em 13 e 14 visitei oficialmente e pela segunda vez a cidade de Viseu, onde procedi a várias inaugurações. Em 23 inaugurei, no Barreiro, mais um bairro de casas económicas. Em 24 visitei o Campo Militar de Santa Margarida. Em 28 presidi ao fecho das comemorações do 1.º centenário da cidade de Santarém. No dia 2 de Outubro presidi à inauguração da sede do Museu e de outras magníficas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, que valorizaram extraordinariamente a cidade de Lisboa. Em 4 inaugurei as novas fábricas da Covina, na Póvoa de Santa Iria. Em 8 presidi, em Leixões, à inauguração do Terminal para atracação de navios-tanques. Finalmente, no dia 16 de Novembro, inaugurei os agrupamentos habitacionais, que nos concelhos de Sintra, Loures, Alenquer e Arruda dos Vinhos e subsidiados pela Fundação Calouste Gulbenkian, foram construídos para realojar os sinistrados que ficaram sem lar devido às trágicas inundações de vinte e cinco de Novembro de 1967.

ARTESANATO NO ESTORIL

Na Junta do Turismo da Costa do Sol, no Estoril, continua patente ao público a Exposição de Artesanato Português.

Na exposição deste ano, que pode ser visitada todos os dias, o visitante tem oportunidade de apreciar — e adquirir — tapetes de Niza, barridos de Bizalhães, louças de Alcobaca e das Caldas da Rainha, artigos em madeira, do Minho, cestaria e outros artigos do Algarve, cerâmicas de Rosa Ramalho, tapetes do Relandio, louças de Barcelos e funilaria de Braga.

Especialmente destinado aos turistas estrangeiros que nos visitam, o certame tem tido grande afluência de público, pois constitui uma interessante mostra de capacidade criadora dos nossos artistas populares, a completar a Feira do Artesanato que aquele organismo realiza anualmente, no mês de Agosto.

ATROPELADO AOS SEIS ANOS

ÉVORA, 1 — Deu entrada no Hospital da Misericórdia, onde ficou internado, em estado grave, o menor António de Almeida Sampaio, de 6 anos, filho de Francisco Rodrigues Sampaio e Emília de Almeida da Conceição, residentes no Molinho do Valente, nesta cidade, que foi atropelado por um automóvel na Avenida de S. Sebastião.

O DIA DA PAZ

O ano de 1969 foi um ano de veras trabalhoso, não pelas deslocações que o Chefe do Estado nele realizou e acabadas de referir apenas em parte, mas por tudo, e foi muito o que se realizou; foram publicados numerosos diplomas, foram feitas algumas reformas, mais ou menos profundas e houve que prestar a máxima atenção a quanto pudesse contribuir para o mais rápido progresso do País e para uma mais acelerada promoção de nível de vida do povo português. E, além de toda esta actividade, houve ainda que proceder a eleições gerais para a nova legislatura da Assembleia Nacional. Mas a tudo, felizmente, foi possível fazer face da melhor maneira e, para consolação pessoal, pude ver finalmente constituída a Fundação a que foi dado por patrono Salazar, o português genial que com a sua sábia administração conseguiu dar a Portugal algumas décadas de calma política e social. Está já a Fundação agindo no sentido de levar a efeito a construção do maior número de casas para neles poderem viver, com a indispensável dignidade, as famílias mais carecidas de habitação capaz. E espera-

-se inaugurar as primeiras em Santa Comba Dão, no dia 28 de Abril, data do aniversário do presidente Salazar.

Alguns pontos a que me desejaria referir também, ficaram por tratar, mas é mister terminar esta mensagem que vai já longa de mais.

E termino-a lembrando que o dia de hoje é consagrado à Paz, segundo o apelo mais uma vez lançado, em todo o seu amor à Humanidade, pelo Santo Padre Paulo VI.

Infelizmente a Paz, a verdadeira Paz no convívio entre os homens, as sociedades e as Nações, é uma meta muito difícil de atingir e será por muito tempo

ainda, uma aspiração praticamente irrealizável.

A Paz não é a mera ausência de guerra: mas um estado de compreensão e harmonia entre os homens que só pode existir quando floresce a virtude e domina a razão. Não haverá Mundo pacífico sem aperfeiçoamento da humanidade. Vejo por isso com esperança o apelo do Sumo Pontífice, na medida em que a sua mensagem cristã possa mobilizar as energias morais para fazer face ao desencadeamento do espírito de violência que o materialismo da idade técnica, com as suas ambições ilimitadas de domínio, corre o risco de provocar. Não tenhamos pois e in-

felizmente, ilusões; a Paz completa só será uma realidade quando a humanidade for perfeita e ela está ainda muitíssimo longe de o ser. Mas isso não obsta a que cada um de nós procure contribuir, com todo o seu esforço e, sobretudo, com toda a sua boa vontade para que a enorme distância a que ela ainda mora possa ser encurtada cada vez mais. Se os homens eliminarem os imensos defeitos de que são portadores também as sociedades deixarão de os ter e igualmente as Nações ficarão deles libertas. Mas será isso algum dia possível, antes que o planeta em que vivemos morra? Deus permita que sim».

SAUDAÇÃO DO FIM DO ANO DO MINISTRO DA DEFESA

O ministro da Defesa Nacional dirigiu às Forças Armadas a seguinte saudação de fim do ano:

«Um ano mais passou no dobrar continuo do tempo, e nesta quadra dedicada tão especialmente ao culto da família, o ministro da Defesa Nacional vem saudar todos os oficiais, sargentos e praças das três ramos das Forças Armadas, estejam eles onde estiverem, e bem assim as famílias de cada um, estejam ou não ao pé deles, todos constituindo a grande família militar, a quem especialmente dedico estas palavras.

Aos militares, quaisquer que sejam as missões por cada um desempenhadas durante este ano, dirijo a expressão do maior apreço pela boa vontade e determinação, paciência, e, tantas vezes, heroísmo demonstrados por cada um nas tarefas a seu cargo. As famílias exprimem admiração e vivo agradecimento pela forma como têm acompanhado e apoiado, de perto ou de longe, os seus filhos, pais, maridos, noivos ou parentes que nas fileiras dos exércitos de terra, mar e ar, da frente ou da retaguarda — pois todos são precisos — colaboram no esforço imenso da defesa do País.

Nos calendários de todo o Mundo começa amanhã a mudar-se na numeração dos anos o algarismo das dezenas do 6 para o 7. Acabam os anos 60 e passam para os anos 70 do século em que vivemos. E penso que é oportuno fazer um apanhado sumário do que representaram para as Forças Armadas estes últimos 10 anos.

Se nos dermos ao trabalho de consultar a história militar de Portugal, pode afirmar-se que nos últimos 300 anos, isto é, depois da guerra da Restauração, nunca houve 10 anos seguidos, como os últimos que passaram, em que sobre as Forças Armadas caísse uma tão grande soma de esforços e de luta, e em que se empregassem tão numerosos dinheiros e tão numerosos efectivos de homens e de equipamentos.

A retirada de vários países ocidentais do comando e governo de tantos dos seus domínios em África fez acreditar a uns quantos que com Portugal teria de acontecer o mesmo. Mas nós pensamos de forma diferente, porque temos naquelas terras outros

sentimentos e outras missões marcadas pela chancela dos séculos e ficamos. Resistimos e continuamos a resistir à conspiração internacional organizada, mas para tanto houve necessidade, no campo da Defesa Nacional, de recorrer aos maiores sacrifícios dos nossos militares, à sua melhor coragem, à luta perante as dificuldades dos climas, e até à sua paciente serenidade em face de incompreensões da estranheza de algumas opiniões.

Foi muito difícil o que tiveram as Forças Armadas de fazer durante estes 10 anos. Houve que trocar as operações de treino de paz nos pinhais e nas estradas alcatroadas da Metrópole, pelos matos e picadas da África. Teve de se mudar toda a forma de instrução das tropas, atendendo ao tipo do inimigo e à vastidão dos territórios. A Armada e a Força Aérea sofreram necessárias adaptações à sua actuação específica.

Houve que atender ao transporte, instalação, alojamento e alimentação de milhares de homens a milhares de quilómetros de distância. Tudo fizemos com a melhor boa vontade e decisão, e com o necessário e indispensável auxílio e apoio do povo, que, através da Assembleia Nacional, ainda há dias confirmou ao Senhor Presidente do Conselho e ao Governo a sua vontade de assegurar a presença portuguesa nas nossas fronteiras de África.

Este mandato é um forte estímulo para os militares que iniciaram-se os anos de 70, que amanhã começam. Sentimos com mais segurança que a Nação está conosco, e isso implica, necessariamente, revisão de algumas ideias para mais eficiência das tropas. Assim, o melhor aproveitamento do pessoal, a especialização adequada, a diminuição dos gastos com as operações militares, a aquisição dos armamentos mais apropriados e o recurso cada vez maior à indústria nacional, constituirão preocupações constantes dos escalões de Governo e de Comando na esfera das Forças Armadas.

Haverá especial atenção para as condições de vida e de serviço das classes militares, particularmente as de menor graduação, para se obter o mais ajustado rendimento do conjunto.

E, a juntar a tantas preocupações, não afrouxará a vigilância activa de todo o território nacional, para assegurar o exercício da autoridade, com vista ao bem comum dos cidadãos e nos termos da Constituição.

Importa, também, no balanço militar dos últimos 10 anos, referir que procurámos honrar os nossos compromissos internacionais. Assim, a nossa participação na N. A. T. O. foi efectiva, várias estruturas se instalaram no Continente e nas Ilhas ao abrigo da Aliança e estão a funcionar, e participamos regularmente nos seus estudos e trabalhos. Em certa medida, depois de 20 anos de existência da N. A. T. O., também colaborámos para que fosse conservada a paz na Europa. Por outro lado, temos acordos militares com alguns países da N. A. T. O., que interessam especialmente à Metrópole, e mantemos a boa amizade militar com a Espanha, bem expressa nas Conferências dos Estados-Membros Peninsulares que todos os anos se realizam. Penso que estas nações nossas amigas continuam a dedicar todo o interesse, como nós, a estes acordos.

Foi, assim, longa, extensa, variada e trabalhosa a caminhada das nossas Forças Armadas durante estes últimos 10 anos. Sulcando os mares e os ares, actuando nos sertões africanos, vigilantes em todo o território, combatendo, organizando e dirigindo, presentes em toda a parte onde houvesse um interesse da defesa militar do País, os nossos homens têm dado alta medida do seu valor, que tem as suas raízes no povo. Sem ostentações e sem atitudes contestadoras, dentro do melhor espírito do dever. E, embora se recordem os chefes que se salientaram, os heróis surgidos, e, saudosamente, aqueles que desapareceram do nosso convívio pelo rigor das lutas, é a massa anónima das tropas, todos os anos renovada pela Nação, que mais avulta no nosso apreço.

Ao terminar as palavras que me propus dizer neste fim de ano faço votos pelas felicidades pessoais de todos os militares e das suas famílias para o Novo Ano. E a Deus pedem todos os militares que continue a manter-lhes o vigor necessário para dar à Nação a vitória final da sua razão».



HOJE PODE VER...

DEPARTAMENTO «S»:

«O HOMEM QUE MUDOU DE ROSTO»

Um homem deita-se e, na manhã seguinte, acorda com um rosto diferente.

Este o tema do episódio intitulado «O Homem que Mudou de Rosto», a transmitir cerca das 22 e 30, com Peter Wingarde, Joel Fabiani e Rosmary Nicol, nos principais papéis.

SEGREDOS DO MAR:

A oceanografia em 69/70

Apresentado pelo comandante J. E. Ataíde, o programa «Segredos do Mar», que a R. T. P. transmite pelas 21 horas, inclui a exibição dos filmes: «Campanha Oceanográfica» e «Investigação Submarina», além de comentários sobre os «Objectivos militares e científicos aplicados às

pescas» e sobre a «Oceanografia em 1970».

Mensagens de Natal

Pelas 20 e 30, transmite-se a 2.ª e última das mensagens de Natal dos militares que se encontram em serviço na província ultramarina de Angola, e que foram registadas por uma equipa de enviados especiais da R. T. P.

TV JUVENIL

Além do magazine de actualidades internacionais — «Juventude no Mundo», o programa «TV Juvenil» inclui, ainda, a rubrica do

dr. Joaquim Manuel Magalhães, «Os homens, os livros e as coisas». TV Juvenil está «no ar» a partir das 19 e 45.

II PROGRAMA ZIP-ZIP

Cerca das 22 horas é apresentado o programa n.º 28 da série «Zip-Zip», transmitido na rede nacional em 1 do mês passado.

Recordemos que neste programa participaram: «Orfeão do Sport Lisboa e Benfica», «Jograis de Antequera», «Conjunto O Contrôl», José Barata Moura e, ainda, o cançonetista Long John Baldry.

ESTUDANTES!

3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE

RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

canal da crítica

NO «JOGO DA VERDADE» FOI PERDIDO O PRIMEIRO LANCE?

No princípio foi bailado, veio de Itália e chamava-se «Ertros». Pouco mais nos soube dizer Fernando Lima. E seria bem preciso que o soubesse. Seria bem preciso colocar, no caminho, alguns pontos de referência, para evitar que o nosso público, habituado ao «balé» onde se conta uma história, se perdesse no escuro. Pedir ao telespectador que atentasse na extrema depuração dos movimentos, no seu contraponto, na sua aparente dissonância, no seu entrelaçamento tão perfeitamente integrado na tessitura musical que se diria estarmos em presença da própria visualização da música. Fernando Lima não foi, portanto, o apresentador que a rubrica exigia.

No princípio foi isso, e no fim foi a palhaçada lanque com Bing-Bing-Bing-Sempre Bing-Crosby e Bob-Bob-Bob-Sempre Bob-Hope que me deixaram sempre very chateado, com suas gracinhas muito muito sempre muito audaciosas.

No meio do serão aconte-

ceu «O jogo da verdade», série dramática em seis episódios.

Três factos importantes a assinalar:

— o facto de se tratar de um original português;

— o facto de ser autor de la Costa Ferreira, um escritor.



APRESENTADA NA

AGÊNCIA OFICIAL

RELOJOARIA MAURY

Rua do Ouro, 202 LISBOA

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 45: m — As 16: Noticiário; 16 e 06: O Grupo Coral «Os Trabalhadores de Ferreira do Alentejo»; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma Gota de Sangue e Renasce uma Vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Música, 60 música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por Orquestras; 20 e 40: 2.º Episódio do Folhetim «A Roça», de Fernando Reis, numa adaptação de Judith Navarro; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo de Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Odete Mendes e Filipe Duarte; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16: Folclore do mundo — música da Coreia; 16 e 10: Suite n.º 8, em fa menor (Händel); Cravo; Anton Heiller; 16 e 10: Curiósidades musicais; 17 e 10: Música de câmara; 18: Música portuguesa — Obras de Maria de Lurdes Martins; 19: Horizonte Literário, por Amanda César e Mário António; 19 e 15: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro — música de piano de Erik Satie — Três Gymnopédies, por Evelyn Crochet; 20 e 30: Música de câmara; 21: Música sinfónica.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — As 23: A ópera em 3 actos «A Raposinha Matreira» (Janacek); 0 e 35: Sonata em fa maior K. 332 (Mozart) Piano, Ingrid Hanblen; 1: Fecho.

Emissão Estereofónica — As 2: Don Kirshner Cuts c/ coro; Tommy Reilly e sua harmonica de boca; música de dança; 22: O Mar (Suite Sinfónica), de Debussy; Concerto brandeburguês n.º 4 em sol maior, de Bach; Música para piano, de Chopin; 22 e 58: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Textentei; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco... 21 e 08: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música tradicional e parreira religiosa; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 07: Diário rural; 7 e 03: Talsmã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura e noticiário; em

órbita (continua); 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20 e 10: Norte da a dia; 21 e 03: Rádio Piacard; 21 e 15: 50-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 03: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de aegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 756 kc/s — As 16: Rádio-

rama; 18 e 03: Claque; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8, das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2; Clube Radiotécnico de Portugal — Das 10 às 14 e 30; Rádio Graça — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 7.

PROGRAMA DE HOJE

As 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 10: Cantos TV; 20 e 25: Ao Serviço da Nação; 20 e 55: Segredos do mar; 21 e 30: Telejornal; 22: Cinema sem estrelas; 22 e 30: Série policial; 23 e 25: Marcha do mundo; e Fecho.

II Programa: As 21 e 30: Telejornal; 22: «Zip-Zip»; 0 h: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 15: Telejornal; 15 e 10: Programa Feminino; 15 e 40: Culinária; 16 e 5: TV Infantil; 16 e 30: TV Educativa; 16 e 55: Desporto em câmara lenta; 17 e 5: Estudo sem marcação; 17 e 50: Teledesporto; 18 e 25: Homens e Aviação; 18 e 50: Presença do Brasil; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 15: ...E a vida continua...; 20 e 30: TV Mundo; 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Estúdio C; 23 h: Série do Oeste; 23 e 55: Marcha do Mundo.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Noite de Teatro «A Estrada de Corceville»; 23 e 25: Fecho.



GEFO — Gabinete de Estudos de Economia

Finanças e Organização, Lda.

Rua do Rosário, 104-3.º, Dt.º — PORTO
Tel. 37676

SERVIÇOS DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO DE PESSOAL

DIRECTOR FABRIL

PRETENDE-SE: Para chefiar Fábrica de Tubos de Aço Galvanizado, actualmente em montagem, em Lourenço Marques; Curso de Engenharia Electrotécnica ou Mecânica; Elevada capacidade de Direcção, Julgamento e Decisão; Conhecimentos de Marketing; Completa fluência em Inglês falado e escrito; Elevado sentido das responsabilidades; Serviço Militar cumprido.

OFERECE-SE: Estágio de três meses no estrangeiro a iniciar em 1 de Março de 1970; Remuneração compatível com capacidade e experiência demonstradas; vantagens sociais extensivas a familiares.

Enviar resposta manuscrita ao Gefo, sob a ref.ª n.º 45/54/05, com «curriculum vitae» detalhado, do qual deve obrigatoriamente constar: idade, estado, habilitações e classificações académicas, anos de prática com indicação do ramo de actividade e vencimento pretendido.

Homem ou Senhora para funções de importância em Agência de Publicidade

- Se possui boa cultura geral e deseja uma profissão onde se possa realizar.
- Se redige com facilidade e tem capacidade de argumentação.
- Se possui interesse pelos contactos humanos.
- Se é metódico, empreendedor e perseverante.

Escreva-nos indicando habilitações, situação militar, idade, actividades exercidas, e o que julgar conveniente. Poderá indicar o ordenado pretendido. Guarda-se sigilo. Resposta a este jornal ao n.º 396

tem a sensação de haver dito o mais importante. Mais do que mera sensação; uma libertação com óptima base: tratou-se do primeiro episódio de uma série de seis, pode ser que as coisas melhorarem.

Pode. É urgente que. Porque este «Parto» deixou um

—o regresso da excelente actriz que é Eunice Muñoz, a quem, muito sensatamente, houve a preocupação de bem acompanhar por um actor de bons recursos: Sindy Filipe.

Chegando aqui, o cronista

(Continua na página seguinte)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Compre a melhor vista de mar

comprando APARTAMENTOS MOBILADOS ou moradias
a J. PIMENTA, S.A.R.L. em Cascais (Pampilheira)

A 1000 metros da praia e caminho de ferro, mercê duma situação privilegiada desfrutará duma vista panorâmica sobre o mar e Serra de Sintra.

Rendimento de 6 a 10 % garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente.

Visite o apartamento-tipo em exposição na R. Reg. Infancia, 19, n.º 30, em Cascais

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 4 58 43 e 4 78 43
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

travó de desagrado mais difícil de suportar quando se esperava outra coisa. Outra coisa, que, sendo embora de impossível definição, se radica no grau da minha exigência em relação a Costa Ferreira, ao qual peço licença para aguardar mais algum tempo, a fim de podermos entrar, ambos, no «jogo da verdade».

Na impossibilidade de viver agora os episódios que estão para vir, não poderei furtar-me, como telespectador, a uma apreciação deste episódio.

Ressalta o seu carácter tão pouco teatral. Uma das características do teatro é a ausência, ou a quase ausência, do cenário, ou, de qualquer modo, a sua redução a caracteres essenciais. As pessoas, essas, estão em primeiro plano, à frente das coisas e não no meio das coisas.

Joana e Luís são íntimos entre si, mas não são íntimos do telespectador. Para que tal acontecesse, sobejaram as palavras e faltaram os silêncios. Por infelicidade nossa, era difícil acompanhar Luís e Joana naquele aluvião de pensamentos que não primavam sempre pela novidade nem pelo bom gosto da embalagem.

Acontece que, de súbito, o telespectador se vê envolvido numa trama que raia a história em fotografias. Joana e Luís, já passantes dos 30 anos, conheceram-se em Paris. Ele trabalhava á velocidade de 100 francos por dia; ela trabalhava á velocidade de 400 francos por semana, depois de haver beneficiado de uma bolsa para pintar. Ao fim de um mês, casavam-se sem nada conhecerem um do outro. Ela nem sabia que o Luís era escritor e gostava dele «por causa dos seus olhos de criança assustada» — explicação que nada explica, mas, enfim, não se pode exigir a uma pintora que se exprima decentemente por palavras. Tanto mais que, também para Joana, os olhos de Luís eram o calcanhar de Aquiles dele...

Casam, regressam a Portugal, a uma propriedade do Luís, e, ao pequeno almoço, enquanto comem crois-

santes, filosofam compactamente. Novos a filosofar? Nem em Paris, Belchior amigo!

Luís, afinal, deve ser um feudalzinho decadente lá do século. A governanta, a Hipólita, comanda um pelotão de cinco mulheres, só na cozinha! Joana, com todas as suas liberdades parisienses, parece caída num vespertino de preconceitos, de provincialismos. Dá-se conta da situação, o que lhe proporciona novo material para filosofar. Logo a seguir, o pacto: ambos usarão, de um para o outro, a verdade, só a verdade e nada mais do que a verdade. Joana vai perguntar, Luís vai responder.

Será assim nos próximos episódios. Oxalá não se realize o que parece estar implícito no «pacto»: uma longa e aborrida demonstração de psicanálise...

«NA CORRENTE...» — FILME DE AUGUSTO CABRITA

O ano de 1969 terminou, como se costuma dizer, em beleza. Augusto Cabrita, que tantas obras de qualidade nos tem dado através da televisão, tomou sobre os seus ombros a espinhosa tarefa de nos falar sobre o tempo que vivemos.

Tarefa espinhosa, claro. Haveria que fugir a toda uma colecção de lugares-comuns próprios da época, festas felizes e um ano-novo muito próspero, o que passou não foi bom, mas o que virá há-de ser melhor, e assim por diante. Isto, traduzido por imagens, dá cá um destes fogos de artifício que nem queremos saber! Ou então paisagens muito calmas, etc., com molinhos de velas, velas de barco e também das outras, das que ardem, etc.

Augusto Cabrita escolheu o caminho da poesia. O caminho da convivência. Do diálogo. Aquelles pés, pendurados das muralhas, convergem uns com os outros. E eis que esfregam, friorentos, contam toda uma história de «gavroches» lançados na cidade. Há um gesto de compreensão, de adesão para o comboio que «mastiga» a figura do homem, á espera: um gesto de denúncia de tudo quanto destrói a pessoa humana. Houve crianças, sem a demagogia das crianças; houve balões sem a demagogia do balãozinho colorido, poesia falsa dos falsos infrapoetas — os balões aconteceram nas ruas da cidade, passaram por ela como animais estranhos desajustados á violência do ambiente. Augusto Cabrita não preparou nem fabricou. A vida como que veio ao seu encontro, tal a naturalidade com que Augusto Cabrita foi ao encontro dela.

Em fundo para as imagens surgiu-nos a música poderosa de Carlos Paredes, que pela primeira vez em público, se apresentou em guitarra clássica. Eis o inesperado se transforma num dos motivos de maior interesse. Dificilmente poderá esquecer-se, tão fundo se gravou em nós, o dramatismo com que Carlos Paredes acompanhou Augusto Cabrita neste seu mergulho «na corrente». Mergulho até perder o fôlego — mas sem nunca perder a lucidez.

MÁRIO CASTRIM



JUIZ CONSELHEIRO

Vicente Ribeiro Leite
Sousa e Vasconcellos

Missa do 1.º aniversário

Maria Regina Quintanilha Vasconcellos Bosurgi, Vicente Quintanilha Vasconcellos, e mais família, participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso dia 3 na Igreja do Loreto ás 12 horas, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Materiais de Construção

COMUNICADO

Informamos os nossos estimados clientes de Materiais de Construção que encerraremos, para efeitos de Balanço, os nossos estabelecimentos nas seguintes datas:

Estabelecimento da Amadora: dias 7, 8, 9 e 10 de Janeiro
» de Queluz : » 5 e 6 de Janeiro

Durante este período não poderemos fazer a entrega de materiais, pelo que agradecemos a todos os clientes que se abasteçam antes ou depois daquelas datas.

A ADMINISTRAÇÃO

A emigração na arquidiocese de Braga

BRAGA, 2 — A importância do problema da emigração é sublinhada numa nota recente da Secretaria Arquiepiscopal de Braga, onde se lê que a situação continua a ser grave na arquidiocese. «Só em 1968 emigraram do distrito de Braga 8117 pessoas e do de Viana do Castelo 4161», revela o texto, torna-

do publico a propósito das celebrações do Dia Nacional do Emigrante, as quais estão marcadas para o próximo dia 11.

Entre outros aspectos, acrescenta a nota, «fica de pé o da assistência religiosa a esses fiéis, aos quais devemos, na medida do possível, procurar providenciar. Daí

serem de louvar as vocações de missionários de emigrantes, sacerdotes, religiosos e leigos.»

NOVAS INSTALAÇÕES DO B. N. U.

EM CASTELO BRANCO

CASTELO BRANCO, 2 — Foram inauguradas as novas instalações da filial do Banco Nacional Ultramarino nesta cidade. Trata-se de um magnífico imóvel erguido no Centro de Castelo Branco. Estiveram presentes o chefe do distrito, dr. Ascensão Azevedo e as principais autoridades militares, civis e eclesásticas, bem como D. Luís Pereira Coutinho, vice-governador do B. N. U. que se fez acompanhar de altos funcionários daquele estabelecimento bancário.

Após uma visita a todas as dependências do estabelecimento, o que proporcionou o directo conhecimento das funcionais instalações, designadamente o seu cofre forte de singular concepção, todos os convidados se reuniram num bebede, servido nas instalações do edifício, durante o qual usaram da palavra vários oradores. O gerente da filial explanou primeiramente o sentido funcional daquela unidade bancária, pondo depois em foco a colaboração sempre recebida da cidade e de toda a região. O presidente da edilidade congratulou-se pela majestade que ao local oferece o belo imóvel agora inaugurado, salientando que ele se situa num conjunto urbanístico previsto e projectado, que muito irá valorizar a cidade. Por último, o vice-governador do Banco Nacional Ultramarino, começou por se referir aos cinquenta anos de actividade do banco em Castelo Branco, aludindo depois ao carinho dispensado a todo o pessoal daquela casa, concluindo com palavras de simpatia para com o arquitecto da obra e para a cidade.

AGÊNCIA BARATA



JOAQUIM VITORINO DE OLIVEIRA
GAGLIARDINI GRAÇA

Participação e missa do 7.º dia

ESTAÇÃO DE SERVIÇO AUTOMÓVEIS BELAVISTA, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Sócio-Gerente, Sr. Joaquim Vitorino Gagliardini Graça, ocorrido no passado dia 28, e que será celebrada missa por sua alma, amanhã, dia 3, ás 12,30 horas, na Igreja de S. João de Brito.

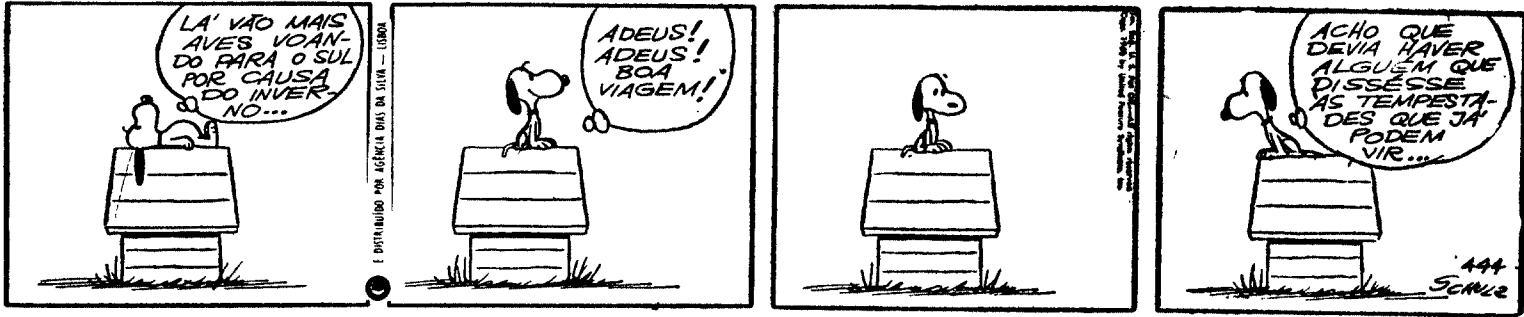
Agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

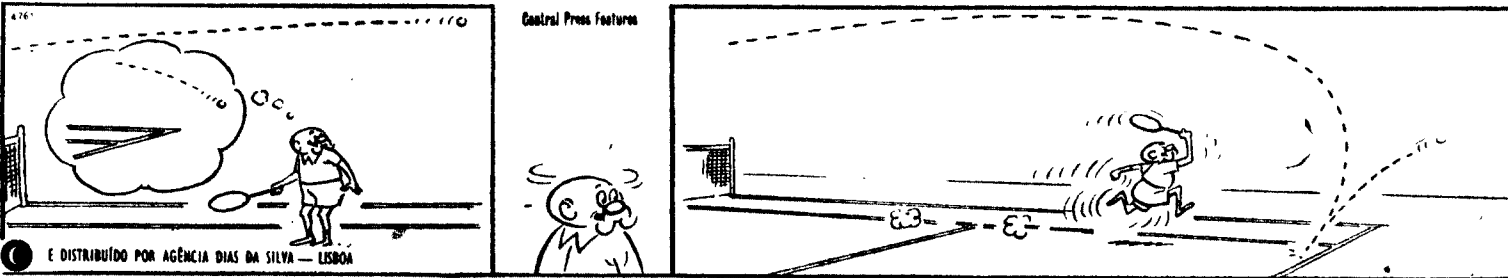
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

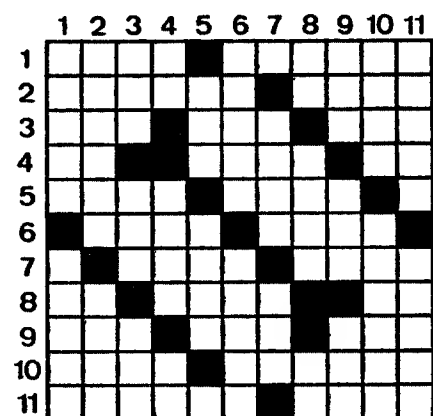
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5404

HORIZONTAIS: 1 — Estimul. Encostas. 2 — Filéria. Nome de fruto. 3 — Azáfama. Acredita. Um dos pontos cardeais. 4 — Pronome pessoal. Proceder. Preposição latina que designa movimento. 5 — Aniversário. Rezas. Antigo definido. 6 — Rei da Baviera que atacado de loucura foi encarcerado no castelo de Fustenberg. Lavrei. 7 — Combina. Metal precioso de cor amarela. 8 — Antigo definido. Moeda portuguesa de D. João. Nota mais alta. 9 — Matemática (abrev.). Pregos. Oferecer. 10 — Lavrei. Marca. 11 — Nome de frutos. Saudáveis.

VERTICAIS: 1 — Respeito. Ramalhão. 2 — Mesquinho. Xale das mulheres índias e paízes. 3 — Lavra. Base grega portuguesa. Possui. 4 — Idem. (abrev.). Divisão de uma casa. Sufixo de Jupiter. 5 — Bicho que aparece no queijo e no carne de porco mal curada (Prov.). Numeral. 6 — Rio de Portugal. Encolheriza. 7 — Artigo definido. Terreno duro e liso onde se secam e malmam cereais. Preposição e artigo definido (pl.). 8 — Samário (s. q.). Ilha situada no Pequeno Belt. Abreviatura de Santíssima. 9 — Bigorne de aço sem hastes. Pronome possessivo. Claridade. 10 — Recua. Igual. 11 — Resto. Entontecer.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5403

HORIZONTAIS: 1 — Aspas. Aparar. 2 — QUEM. Quem. 3 — Urrar. Arame. 4 — En. Gordo. An. 5 — Mato. Sota. 6 — Re. ME. 7 — Ta. Pd. Um. Sa. 8 — Raparam. 9 — AVISA. AMIGO. 10 — Pios. É. Area. 11 — Assar. Araoz.

VERTICAIS: 1 — Aquém. Tropa. 2 — Surriar. Vis. 3 — Per. Te. Rios. 4 — Amago. Passa. 5 — Ro. Capa. 6 — Ru. 7 — Ad. Cura. 8 — Poros. Mamar. 9 — Ara. Om. Mira. 10 — Remates. Gea. 11 — Amena. Afoas.

Provérbio: QUEM ME AVISA, AMIGO É.

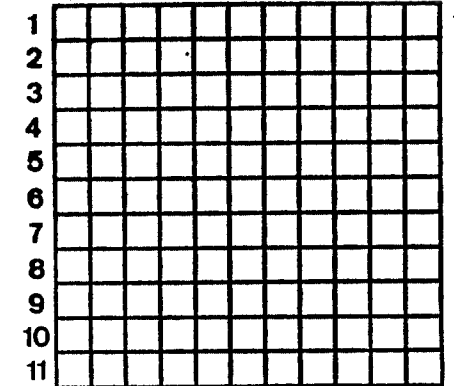
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9247

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho de Melgaço. Terra lavrada. 2 — Braços de mar. Aduzir em defesa. 3 — Rezo. Acarnho. 4 — Fútil. Carepa. O mais. 5 — Acrescente. Ecoava. 6 — Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Mau cheiro. 7 — Bleyar. Caca sem mangas. 8 — Pêlo de certos animais (Inv.). Enganar. Erbio (s. q.). 9 — Ceifar. Greda. branca. 10 — Nome de réptil. Nome de mulher. 11 — Tribo indígena brasileira. Competidor.

VERTICAIS: 1 — Testemunho. Multidão. 2 — Vadia. Tragédia de Shakespeare. 3 — An mal do místico. Czar da Rússia cognominado «O Terrible». Grande. 4 — Artigo definido. Impermeável. 5 — Utensílios domésticos. Anais de niama. 6 — Referente ao Sol. 7 — Oculta. Chere etiope. 8 — Movia os remos. Troça. 9 — Procedi. Feno temperado. Cento e quatro em romano. 10 — Figura das cartas de jogar. Comprime. 11 — Citada. Praia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9246



HORIZONTAIS: 1 — Parga. Traça. 2 — Amar. Siam. 3 — Ros. Pia. AM. 4 — In. Crato. Am. 5 — Solão. Untira. 6 — Ais. MDV. 7 — País. Aara. 8 — Ama. Boa. Nos. 9 — Ri. Parra. SS. 10 — Datar. Abata. 11 — Alão. Amos.

VERTICAIS: 1 — Paris. Panda. 2 — Amara. Amial. 3 — Ros. Loia. Ta. 4 — Gr. Cois. Pão. 5 — Prós. Bar. 6 — Tia. Par. 7 — Atum. Ara. 8 — Rs. Onda. Aba. 9 — Aia. Ivan. Am. 10 — Calar. Rasto. 11 — Amama. Ossos.

HA 30 ANOS

Na sua edição de 2 de Janeiro de 1940, o «Diário de Lisboa» publicava, sob o título «A primeira lampreia», as seguintes poucas linhas:

«SEIXAS DO MINHO — Pelos pescadores do rio Minho, desta povoação, foi capturada a primeira lampreia desta época. Foi vendida por 35 escudos».

MINISTÉRIO DA ECONOMIA SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento na freguesia de Ferragudo, concelho de Lagoa, de uma modificação da linha aérea a 6 kV para o posto de transformação da Mexilhoeira, praticamente sem alteração no comprimento, entre o apoio n.º 5 e o posto de transformação e consistindo na substituição e deslocação do apoio n.º 6 e implantação de um novo apoio com o n.º 7.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 3 de Dezembro de 1969.

O Engenheiro Chefe GUILHERME MARTINS

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÊS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÊS Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ABERTURA DE NOVOS CURSOS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os combóios eléctricos.



COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS

SAIDAS

PORTOS DE DESTINO

«MOÇAMBIQUE»

13 de Janeiro

Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

«LEIXÕES»

13 de Janeiro

Lobito, Lourenço Marques e Beira.

«P. PERFEITO»

22 de Janeiro

Funchal, Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.

«MOÇAMEDES»

24 de Janeiro

Leixões, Cabinda, Sazaire (se necessário) Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçâmedes e, se necessário, Porto Alexandre e Cuio.

• Com escala prévia por Leixões.

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021; PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O PROF. JORGE DE ARAÚJO AO «DIÁRIO DE LISBOA»

«OS MALES DO BASQUETEBOL SÃO COMUNS AO NÍVEL DESPORTIVO DO PAÍS»

• A eles não são alheios problemas educacionais e económicos

A fragilidade das estruturas do desporto em Portugal tem dado origem a uma modesta presença das representações nacionais nas competições europeias das diversas modalidades.

Embora em diversos escalões se tenha reconhecido a necessidade de uma urgente modificação das bases em que se processa a educação física, a verdade é que tudo permanece como dantes, e as equipas portuguesas continuam a competir sem ambições nem outros propósitos que não sejam os de uma presença honrosa. Agora é a selecção nacional de juniores de basquetebol que vai participar, em Madrid, na Taça Latina da modalidade.

Antecipadamente destinada a ocupar uma posição entre os últimos, a equipa foi escolhida e treinada pelo professor Jorge de Araújo, que não se escondeu a abordar, em vésperas da partida para a capital espanhola, alguns dos problemas relacionados com o basquetebol e os benefícios que podem resultar para a modalidade deste contacto internacional.

— É evidente — começou o professor Jorge de Araújo — que o contacto internacional é importante como meio de avaliação do valor evolutivo de uma modalidade; estímulo dos praticantes e aumento do número de vivências sociais e culturais desses mesmos praticantes.

— E prosseguindo: — No entanto, essa importância necessita, igualmente, de uma justificação a nível nacional, através de uma acção baseada num tipo de pirâmide em que a base seja constituída por milhares de praticantes num plano de simples divertimento e compensação, e, portanto, exterior às diferentes formas de competição, e em que os sucessivos «andares» dessa mesma pirâmide sejam formados pelo desporto escolar, pelo federado, existindo, por fim, a cúpula correspondente às seleções nacionais dos diferentes escalões. Resumindo: o contacto internacional justifica-se como forma de concretização de um nível nacional, de uma anterior massificação desportiva, e nunca como meio de justificação aparente de uma determinada existência de modalidades e praticantes.

— Como vê, então, esta deslocação a Madrid?

— Para o desenvolvimento da modalidade ao nível nacional, esta deslocação não traz benefício algum, visto que somente os doze elementos seleccionados, e eu próprio, lucraremos: os jogadores, porque, mercê dessa deslocação, são obrigados a um treino mais intenso, para além do estímulo que retiram para seu futuro de praticantes; eu, porque sou levado a uma cuidada preparação de trabalho a realizar, para além do contacto com outros conceitos e opiniões. Pena é que, no entanto, após este confronto tudo volte à habitual monotonia, só voltando a repetir-se a hipó-

tese em deslocações semelhantes quando se repetirem as condições em que o fazemos agora, ou seja, as despesas correm por conta da Federação Espanhola, à excepção do transporte Lisboa-Madrid e volta.

— E está satisfeito com a equipa?

— Ao nível nacional ela é francamente promissora. No entanto, se quisermos estabelecer qualquer tipo de comparação ao nível internacional, teremos que reconhecer que poucas, ou nenhuma, hipóteses se lhe deparam.

— Poucas possibilidades, portanto, na obtenção de resultados positivos?

— Muito poucas, pois basta dizer-lhe que esta mesma equipa, o ano passado, nos Jogos da F. I. S. E. C., em que só participam equipas escolares, e onde defrontámos a Bélgica, França e Itália, perdemos bem todos esses jogos.

— E, sem detenções, o professor Jorge de Araújo continuou:

— Quero, aliás, referir que se tem divulgado que os componentes da nossa selecção de juniores são já possuídos de uma certa maturidade, pois todos actuam nos seus respectivos clubes na categoria de seniores. Eu, porém, pergunto: que maturidade podem as nossas equipas seniores dar a estes jovens no âmbito internacional, depois do que todos observámos nos recentes encontros Sporting-Real Madrid e Benfica-Fides?

— Grandes males existem, portanto, na estrutura do nosso basquetebol? — insistimos.

— Os males do nosso basquetebol residem, como não podia deixar de ser, no mesmo ponto onde reside o mal de todo o nível desportivo do País, assim como, e isto não é uma simples opinião pessoal, nos problemas do seu nível educacional, económico, etc.

Vários erros de base se têm cometido

O professor Jorge Araújo esplanava o seu pensamento com a habitual clareza que o caracteriza. Sem que o interrompessemos prosseguia:

— Para além do que citei já, existem erros de base que se têm cometido. Começo por referir que se

disputam campeonatos escolares em que é permitido o acesso a atletas federados, sendo, portanto, aqueles campeonatos uma repetição dos federados, com a respectiva redução do número de praticantes. A maioria das pessoas considera que o fomento de uma determinada modalidade reside na sua prática prematura pelos jovens de idades entre os 10 e os 13 anos; ora este período é fundamental, sim, mas para aquisição de uma disponibilidade motora através de uma prática desportiva generalizada, e não de uma especialização por modalidades. Essa especialização com os seus aspectos de treino e de prática intensiva só deve aparecer no decorrer da adolescência, e, portanto, após, e não durante, aquele período crítico. O que se verifica no nosso País é uma procura através dos organismos responsáveis, de uma realização única e exclusiva de um calendário de provas para jovens daquela idade, sujeitando-os desde logo a um trabalho de treino e vivências, de um ambiente, de competição hostil, que lhes é nocivo.

— E, depois de uma pausa:

— Outro caso que posso citar, como exemplo, é o facto de aquilo que eu considero como um dos locais até hoje construídos que melhores condições reunia para a prática desportiva, única e exclusiva, ter vindo a ser gradualmente alterado, de modo a ser transformado num recinto para espectadores, em detrimento dos praticantes. É o caso do pavilhão da Ajuda, que, após a sua construção, se tem adaptado toda a sua estrutura, em prol da construção de locais e protecções para espectadores causadores de acidentes, aqueles que se entregam à sua utilização através da prática desportiva.

— Entrevistamos para perguntar:

— Mas, no seu parecer, qual é a melhor solução?

— É minha opinião — finalizou o prof. Jorge de Araújo — o País já devia ter sido dotado dos recintos dedicados exclusivamente aos praticantes cuja construção e material não deveria ser muito oneroso, para além de estratégica-

mente colocados, junto das escolas primárias em especial, formando verdadeiras células de prática desportiva, como, por exemplo, se faz, actualmente, em Espanha, para não irmos mais longe.

ANTÓNIO SANTOS

SPORTING, 2-BELENENSES, 1 (RESERVAS)

QUEM PODERÁ SER DE «RESERVAS»?

Com toda a sinceridade o confessamos: se não somos de «reservas», depois do jogo de ontem entre Sporting e Belenenses, ainda menos. Não será possível a «conexão» constituída por futebolistas caros proporcionarem espec-

meras) coube ao Belenenses, num remate de Quintão que Carvalho desviou, levando o couro a embater no poste. Não teve sorte o grupo «azul» nessa ocasião.

Contudo, os chutadores «verdes» denunciavam

isso trouxe ao Belenenses o benefício de imediata moralização e os «azuis» evoluíram, a seguir, no relvado, como o não tinham mostrado antes. Valtier atirou ao poste um remate soberbo e os dianteiros de Belém aproximaram-se do último reduto «verde» com assiduidade e decisão.

No entanto, o perigo estimulou também os «leões», resolvidos a não deixar fugir o comando da partida. A entrada de Manuel Duarte e Orlando contribuiu para a subida dos donos do campo, particularmente a daquele.

Nasceu, todavia, de um lance feliz a concretização do triunfo «verde». Manuel Duarte, lá da ponta direita, arrancou um centro-remate que surpreendeu Serrano a sair de sob os postes. Na tentativa de emendar a colocação o guarda-redes «azul» escondeu e não conseguiu evitar a entrada do esférico.

Equipas: **SPORTING** — Carvalho; Celestino, Bastos, Armando (Orlando) e Manica; Barão e Dani; Chico, Ernesto (M. Duarte), Lourenço e O. Duarte.

BELENENSES — Serrano; Murga, Freitas (Franquelim), Cardoso e Esteves; Luciano (Canário) e Quintão; Ernesto, Camolas, Valtier e Godinho.

FRANCISCO CAMILO



Uma fase do encontro entre as «reservas» do Sporting e do Belenenses

táculo mais caro ao espectador?

A primeira parte, então, correspondeu a uma estopada. O recurso à falta apareceu em cada lance e a partida não teve um mínimo de ritmo.

— Chega a ser chocante assistir a estes encontros em que os jogadores em campo estragam a beleza do futebol sem nada se importarem com isso. O jogo maldoso, que não o duro e atlético, tornou-se uma obsessão e é praticado a cada instante com o ar mais natural do mundo. Não se pense, no entanto, que imperou em Alvalade uma toada violenta. O que houve, em excepção profusa, foi o jogo perigoso, o empurrão, a raivada, sem acentuada dose de agressividade mas bastante para fazer do jogo um manancial de «diversão».

A primeira oportunidade de gol (vinham depois inu-

maiores probabilidades de bater Serrano do que os «azuis» o de ultrapassar Carvalho. E, aos 41 minutos, Lourenço desferiu uma «brasa» que Serrano não deteve.

A maior diferença entre os conjuntos residiu nesse aspecto e no rendimento de várias pedras-base.

Mal começara o segundo tempo, Ernesto brando partido de um fora de jogo, repôs a igualdade.

EM S. PAULO (BRASIL)

O MEXICANO MARTINEZ VENCEDOR DA «SÃO SILVESTRE»

SÃO PAULO, 2 — (A.N. I.) — O mexicano Juan Martinez foi o vencedor da corrida de São Silvestre, que pela quadragésima quinta vez se disputou nesta cidade, organizada pela «Gazeta Esportiva».

O segundo classificado foi o inglês Michael Tagg, a cerca de 20 metros, e o terceiro o jugoslavo Daniel Karica, seguido pelo norte-americano Eammon O'Reilly e pelo mexicano Mario Perez.

O japonês Ketsuke Sawari, tido por favorito, comandou no primeiro troço da prova, mas não

aguentou o andamento na segunda parte.

«A 200 metros da meta, senti que ia ganhar, já que as pernas funcionavam perfeitamente, como pistões. O adversário mais perigoso era o inglês, e por isso reagi ao seu ataque final, que não me apunhou desprevenido.»

Foi desta forma que J. Martinez comentou a sua vitória e anunciou que para o ano voltará a disputar a corrida de S. Silvestre.

O português Morujo Julio classificou-se em 28.º lugar na classificação ge-

O BEIRA-MAR GANHOU (2-1)

À «RESERVA» DO BENFICA

AVEIRO, 2 — Uma equipa do Benfica perdeu ontem por 2-1 contra o Beira-Mar, num encontro de futebol disputado no Estádio Mário Duarte desta cidade e integrado nas comemorações do aniversário do clube local.

Sob a arbitragem de Henrique Costa, as equipas apresentaram as seguintes formações:

BEIRA-MAR — José Pereira (Diamantino); Lourenço, Eduardo, Soares e Almeida; Cândido e Abdul; Colorado, Amarel (Mário), Cléo (Nélito) e Jerónimo (Rocha).

BENFICA — Porfírio; Leal (Paivão), Messias, Zeca e Marques; Vítor Martins e Matine; Praia, Abel, Raul Aguas, (António) e Nenê.

Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Seleção de Juniores, 3 - Benfica, 1

Os «miúdos» da selecção já tem «boas» maneiras

Não deu a sensação de formar uma equipa poderosa, esta selecção de juniores constituída pelo dr. David Sequeira. Mas os rapazes já têm maneiras e, alguns deles, embora sem o fulgor de vedetas, parecem capazes de fazer carreira.

Isto foi a ilacção por nós tirada na tarde de ontem, em Alvalade, depois do encontro entre os elementos indigidos para a turma das «equinas» e a representação do Benfica nessa categoria.

O primeiro golo surgiu aos 15 minutos e marcou o Eurico. O benfiquista rematou de longe, a bola foi à trave e, no rescaldo, bateu no ombro de Matos, acabando por entrar.

Os seleccionados responderam no minuto imediato. Cardoso centrou com a conta precisa e Germano cabeceou como um homem...

Estabelecida a igualdade, a selecção buscou imediatamente uma situação de vantagem. Nesse período não concretizou os seus intentos, mesmo num excelente pontapé de Nando, em que a trave sacudiu o estéril para as nuvens. A Eurico sucedeu coisa parecida mas, desta vez, o remate foi de cabeça.

CICLISMO

OS «SEIS DIAS» DE MADRID

MADRID, 2 — (A. N. I.) — Os espanhóis perureña e Lopez Rodriguez ganharam a corrida de ciclismo os «seis dias de Madrid» ao cobrirem em 145 horas, o percurso de 2758 quilómetros com 13 790 voltas do Palácio dos Desportos de Madrid.

No segundo tempo, os seleccionados exibiram-se melhor. Movimentação ágil e de nível assinalável, permitiu-lhes a obtenção de um par de golos.

No primeiro, Belchior visou superiormente um canto alto das redes contrárias, o guarda-redes contiu, erradamente, no seu golpe de vista e consentiu o tento. O outro saiu de um lance bem delineado que mereceu a conclusão vitoriosa verificada, através da «cabeça» bem dirigida de Germano.

Mesmo sem a compleição física ideal (não abunda a força entre os juniores portugueses), o combinado eleito revelou sentido de jogo, defesa que sabe bater-se, média que carrega a sua acção para uma actividade constante e profícua e linha avançada que, se adquirir maior profundidade, poderá cumprir perfeitamente. Individualmente, Germano e Nando deram nas vistas.

Os benfiquistas, desfalcados, produziram trabalho meritório durante a primeira metade. Eurico, quase homem feito, é futebolista com o futuro assegurado e Rachão jogou em alto plano.

Arbitragem fácil de António Anastácio.

As equipas alinharam assim: SELECCÃO — Matos; Fernando, Vitor Alves, Miranda e Lino; Freixo e Belchior; César, Nando Germano e Cardoso.

BENFICA — Moraes; Orlan do, Almeida, Rolo e Belo; Rachão e Ruca; Sanina, Jerónimo, Eurico e Lourenço. Na selecção foram, também, utilizados os serviços de Pal-tasar, Pinhal, Vitor Pereira e Armando. O Benfica fez entrar Eduardo, Luis António e Guilherme.



Outros pontos no esférico, um futebolista júnior domina, em bom estilo, a bola e o adversário.

OS MILÍMETROS IMPORTANTES

Por BANDEIRA DE LIMA

Raras vezes entramos num automóvel ainda que recente, mas com alguns meses de uso, que não encontremos pequenos defeitos de suspensão susceptíveis de efeitos de elevada e não suspeitada monta.

As nossas estradas e as nossas ruas provocam esse pequenos defeitos — é um mal que há que aceitar. Mas, na maior parte dos casos, e dados tanto os efeitos possíveis daquela deficiência como a fácil e rápida reparação, dificilmente entendemos que as pessoas esperem pelos «males maiores» que, inevitavelmente, sobrevêm mais cedo ou mais tarde.

Na realidade, quase tudo principia pela deterioração das borrachas, por intermédio das quais são fixados os diversos elementos das suspensões.

Estas, devido às irregularidades do piso, trabalham, principalmente, em pequenos debatemtos, menores que 2 cen-

tímetros. E a ineficiência daquelas pequenas, e pouco dispendiosas bor-rachas conduz a que, pelo menos, uma parte da suspensão não chegue a funcionar efectivamente naqueles pequenos deba-timentos, que se vêem incluídos nas folgas milimétricas das borrachas deterioradas. E o que dizemos a respeito do funcionamento das suspen-sões é, também, válido para a correcção da geometria de certas direc-ções, que, também, dependem de ligações ba-seadas em borrachas ou «silentblobs».

Vejam, rapidamente, alguns exemplos relativos aos citados casos de funcionamento de suspensões e correcção da geometria.

Uma grande parte das actuais suspensões dianteiras comporta uma barra estabilizadora que funciona à torsão e liga ambas as rodas entre si: destina-se, em curva, a transferir uma parte da carga da roda exterior à curva para a do lado oposto, menos carregada. Essa barra estabilizadora apoia-se em borrachas, as quais, uma vez deterioradas, permitem que outro movimento que não o de torsão seja transmitido ao estabilizador; e, por isso, o efeito de transferência de cargas que lhe está atribuído, diminui. Quanto aos amortecedores, passa-se outro tanto: montados sobre borrachas deterioradas, nos pequenos debatemtos da suspensão, o amor-

AUTOMOBILISMO

FERNANDO BATISTA (AUSTIN COOPER 5) VENCEDOR DO RALLYE DO «FIM DO ANO»

Organizado pelo Clube Arte e Sport, com a colaboração da Câmara Municipal e da Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz e da Sociedade de Turismo Figueira-Prata, terminou ontem, na Figueira da Foz, o 14.º Rallye do Fim do Ano.

Tendo partido de diversos pontos do País, para concentração na Figueira da Foz, onde se disputaram as duas provas complementares, estiveram presentes 42 concorrentes.

A vitória absoluta veio a pertencer a Fernando Batista, que pelo segundo ano

consecutivo é o vencedor desta prova.

Os vencedores das provas complementares foram: Fernando Baptista (perícia e maneabilidade) e César Torres (Slalom).

A vitória em senhoras coube a Maria Teresa Torres, tendo sido Pedro Capela o primeiro em iniciados.

Taça de Portugal

«OS NAZARENOS» VENCERAM (2-1) O ORIENTAL

No encontro de desempate da terceira eliminatória da Taça de Portugal, disputado ontem, na Nazaré, entre as equipas de «Os Nazarenos» e do Oriental, a vitória pertenceu aos primeiros por 2-1, qualificando-se assim para defrontar o Sporting Farense, no jogo referente à quarta eliminatória.

HOJE À NOITE

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão (reservas): Belenenses-Técnico, C. Ouniques-Sporting e Almada-C. N. O. C. A., no pavilhão do Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da Divisão de Honra, 1.ª categoria, última jornada: Sporting-Ate-neu e Nacional-Benfica, às 21 horas; Internacional-Atlético e Belenenses-Algés, às 22 horas, no pavilhão da Ajuda.

TÉNIS DE MESA — Campeonato individual de Lisboa, da 4.ª série, nas mesas da Rec. Apolo, Casa Pia, Rod. Cordeiro, Ávila, Arroios, Arte e Sport, Graça, Andorinha, Belenenses, Mirantense, G. D. Operário, Armadorense, Com batentes, Intendente, Castelo, Madre Deus, Sporting e S. L. Aguias.

— Campeonato de Lisboa, individual, de senhoras, 3.ª jornada da 1.ª fase nas mesas do Ferroviário, Sporting, Benfica e Económicos.



Calços para travões
Discos para Embraiagem
PEREIRA & BESSONE
Av. 24 Julho, 52, 1.º B.

ÀS GRANDES EMPRESAS E COMPANHIAS DE SEGUROS
PRÉDIO NOVO COMPLETAMENTE DEVOLUTO SITO
N/A R. D. ESTEFÂNIA, 24-24/A

COM RENDIMENTO ANUAL APROXIMADO
DE: — 744 000\$00

BASE: — 7 500 000\$00

LEILÃO

DIA 5, às 11 horas

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 2.ª Vara Cível da comarca de Lisboa, nos autos de execução pendentes na 1.ª Secção, será posto em leilão, NO PRÓPRIO LOCAL, o prédio acima referido, que se compõe de cave — loja e sobre loja — rés-do-chão com 1 divisão e 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º andares com 5 divisões, cozinha e 2 casas de banho, descrito na 1.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o n. 5698 a fls. 142 verso do livro B-25 e omissos na respectiva matriz.

N. B. — MOSTRA-SE DAS 14 ÀS 17 HORAS

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23, 1.º — Lisboa — Tels.: 45934-46259

CTT — Correios e Telecomunicações de Portugal

EMPRESA PÚBLICA

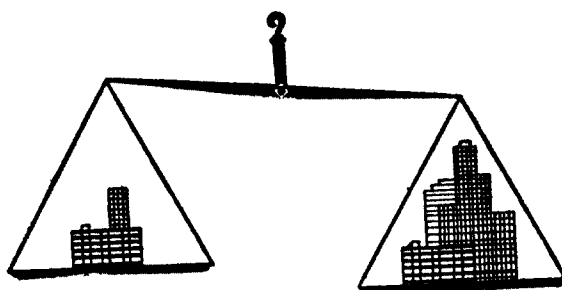
SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

A partir do dia 2 às 24.00 h. os assinantes dos grupos de redes de Caldas da Rainha, Vila Franca de Xira, Aveiro, Coimbra, Mealhada, Pombal, Figueira da Foz, Viseu e Covilhã com acesso ao Serviço Interurbano Automático obtêm directamente os números dos telefones do grupo de redes de Setúbal marcando para o efeito o indicativo 015 seguido do número do telefone desejado.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

1968

742 ANDARES E APARTAMENTOS
CONSTRUÍDOS E VENDIDOS NO VA-
LOR DE 161.011.220\$40



1969

1.050 ANDARES E APARTAMENTOS
CONSTRUÍDOS E VENDIDOS NO VA-
LOR DE 242.800.000\$00

ANDARES • APARTAMENTOS MOBILADOS • MORADIAS

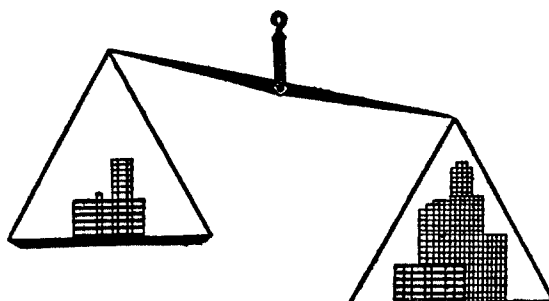
J. PIMENTA, S. A. R. L.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DO PAÍS NO SECTOR DE PROPRIEDADES. A ÚNICA QUE PROJECTA, CONSTRÓI, DECORA, VENDE E ADMINISTRA.

RENDIMENTO DE 6 a 10 %, GARANTIDO DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS À ESCOLHA DO CLIENTE, POR ESCRITURA PÚBLICA, MODALIDADE CONCEBIDA PARA A DEFESA DOS INTERESSES DOS CLIENTES.

1969

Mais um ano, em que vendendo 1.050 unidades, estabelecemos novo máximo e ultrapassámos o nosso plano que era de 1.000 apartamentos e andares.



1970

O maior ano em Propriedades. Previsão para 1.700 unidades a construir em:

Espargal — Paço d'Arcos	= 1.000
Pampilheira — Cascais	= 200
Reboleira — Zona Sul	= 400
Lisboa — Olivais	= 100

O nosso impulso no fomento da habitação é cada vez maior de ano para ano, mercê da nossa iniciativa e da colaboração dos nossos prezados clientes. Não vá em conversas, peça informações nos nossos escritórios ou aos nossos clientes, porque só nós ou eles lhes poderemos contar a verdade.

150 Contos rendem-lhe 950\$00 mensais

Locais onde temos propriedades à venda: REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO D'ARCOS, PAREDE, CASCAIS e LISBOA

Materiais de construção — 1969 — 39.474 contos de vendas

Somos uma empresa virada para o futuro alicerçada em infra-estruturas poderosas.

Paralelamente à nossa actividade industrial desenvolvemos o comércio de materiais de construção em larga escala com Estabelecimentos de venda ao público em: AVENIDA SANTOS MATOS, 10 — AMADORA e RUA D. MARIA I, 30 — QUELUZ e a partir de 22-2-1970 na: PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 15 — LISBOA.

Além destes estabelecimentos possuímos uma equipa de vendedores devidamente especializada nos diversos materiais que fornecemos ao público em geral e à própria indústria de construção civil.

Toda a gama de Materiais de Construção, electro-domésticos, decoração e artesanato, poderá ser adquirida nos nossos estabelecimentos ou através dos nossos vendedores.

FELIZ ANO NOVO

Ao entrarmos em 1970, desejamos a todos os nossos Clientes, Fornecedores, Amigos e ao público em geral um ano cheio de venturas.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

ESCRITÓRIOS: LISBOA — PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, N.º 15-1.º — TELEFONES 45843 E 47843.
QUELUZ — RUA D. MARIA I, 30 — TELEFONES 952021/22; AMADORA-REBOLEIRA, TELEFONE 933670.
PAÇO D'ARCOS-ESPARGAL, TELEFONE 2433511; CASCAIS, RUA REGIMENTO INFANTARIA 19, N.º 30.

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPERIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
TECHNICOLOR—2.ª SEMANA
KATHARINE HEPBURN 6
A LOUCA DE CHAILLOT
com Danny Kaye, Giulietta Masina, Paul Henreid, Yul Brynner, Charles Boyer, Richard Chamberlain, Nanette Newman, John Gavin

ESTÚDIO
(M. 6 anos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
TECHNICOLOR
AS AVENTURAS DE PETER PAN

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (a.p. red.) e 9.30 da noite
EM 3.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL em TODD-AO cor de Luxe
com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
EM 11.ª SEMANA
Vanessa Redgrave, a melhor atriz do ano, no excepcional filme
ISADORA
TECHNICOLOR
Metro Estação Picoas

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30
OLHOS VERDES, LOIRA E PERIGOSA
com Zero Mostel e Kim Novak

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) As 21 horas
A PERVERSA
CATARINA, IMPERATRIZ DA RUSSIA

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30 H.
SHERIFF PRECISA-SE
com James Garner e Joan Hackett

SÃO JORGE
(17 anos) Telef. 5 41 53/4
HOJE: As 15.00, 18.15 e 21.30
JAMES BOND VOLTOU!
MAIS DURO, MAIS VIOLENTO! EM
007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
com George Lazenby — Diana Rigg — Telly Savalas

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
INAUGURAÇÃO DO FESTIVAL DE TEATRO PARISIENSE
As 6.15 da tarde e às 10 da noite
A admirável comédia de Barillet e Gredy

QUARANTE CARATS
ALVALADE
(M. 6 anos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
3.ª SEMANA
SE O MEU CARRO FALASSE...
com Dean Jones, Michele Lee e Herbie

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
3.ª SEMANA
ROGER MOORE na sua mais espectacular aventura!
O «SANTO» EM ACÇÃO
com Sylvia Syms
EASTMANCOLOR

VOX
(M. 12 anos) Tel. 720803
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE EXITO
O GOLPE DE OURO
com Anne Heywood, Richard Crenna e Fred Astaire, numa original história
R. Bulhão Pato (à Av. Roma)

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
CANTINFLAS em
D. QUIXOTE SEM MANCHA

CONDES
Tel. 522523-326710
As 15.15 e 18.15
3.ª SEMANA
(Para todos)
ASTÉRIX E CLEOPATRA
(Colorido)
Só a noite às 21.30 (adultos)
Versão integral — 5.ª SEMANA
A LIÇÃO PARTICULAR

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 21.30
O ÚLTIMO FILME DE JAMES BOND
007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
c/ George Lazenby e Diana Rigg
Panavision — Eastmancolor

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15.00 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
GOODBYE, MR. CHIPS
com Peter O'Toole, Petula Clark e «Sir» Michael Redgrave
QUENZENA INFANTIL
(M. 6 anos — HOJE — 18.30 h.)
A GATA BORRALHEIRA
de Walt Disney
Última exibição em Portugal desta obra-prima

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Tel. 937593
(M. 17 anos) As 21.30 h.
Um filme que define o novo pensamento cinematográfico!
CERIMÓNIA SECRETA
com Elizabeth Taylor — Mia Farrow — Robert Mitchum

ODEON
(M. 6 anos) Tel. 326283
As 15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
SÓ ATÉ DOMINGO: O MARAVILHOSO FILME FAVORITO DAS CRIANÇAS
MARCELINO PÃO E VINHO
grande criação do pequeno actor PABLITO CALVO
A HISTÓRIA DE UM GAROTO PERANTE UM MILAGRE DO DIVINO JESUS

LIZ
(Adultos) Tel. 48580
As 21 horas
UMA CARREIRA SENSACIONAL
MOMENTO A MOMENTO

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
HOJE: As 18.30 e 21.30 h.
EM CONTINUAÇÃO DE ESTREIA
7.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO A ITALIANA
com Marcello Mastroianni

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 826305
HOJE: As 15 e 18 e às 21 e 30
2.ª SEMANA
do filme de grande classe espectacular
A PELE DE UM MALANDRO
com o famoso ídolo CLINT EASTWOOD
HOJE, AS 18.30 — (Adultos)
SESSÃO CLASSICA

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
O MARIDO É MEU, MATO-O QUANDO ME APETECER
O CIRCO DO TERROR

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15
D. QUIXOTE SEM MANCHA
As 21.30 (M. 17 anos)
A QUADRILHA SELVAGEM

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — As 21 e 30: «Nova Companhia de Circo» (6 anos).

TEATROS

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «Esperteza Saloia» (17 anos)

MONUMENTAL — As 21 e 45: «Os elefantes não sentem as pulgas» (17 anos)

VASCO SANTANA — As 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos)

VILLARET — As 21 e 23: «O vision voador» (17 anos)

MARIA MATOS — As 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos)

LAURA ALVES — As 21 e 45: «Forja» (17 anos)

A B C — As 20 e 45 e às 23: «Ena já fala» (17 anos)

VARIEDADES — As 20 e 45 e às 23: «Peço a palavra» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — As 21: «Amad, o para um toragido» (17 anos)

ARCO IRIS — As 21: «Anjos rebeldes» (12 anos)

JARDIM — As 21: «O homem, o arguto e a vingança» (17 anos)

CINEARTE — As 21: «Em território inimigo» (17 anos)

MOSCAVIDE — As 21: «A magia da mulher» (17 anos)

PARIS — As 21: «Charley» (17 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 23: «Grande ajuste de contas»

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Mayerling» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Olhos verdes, lágrima e perigos» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 23: «Grande ajuste de contas»

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Mayerling» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Olhos verdes, lágrima e perigos» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 23: «Grande ajuste de contas»

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Mayerling» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Olhos verdes, lágrima e perigos» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 23: «Grande ajuste de contas»

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Mayerling» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Olhos verdes, lágrima e perigos» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 23: «Grande ajuste de contas»

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Mayerling» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Olhos verdes, lágrima e perigos» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 23: «Grande ajuste de contas»

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Mayerling» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Olhos verdes, lágrima e perigos» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 23: «Grande ajuste de contas»

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Mayerling» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Olhos verdes, lágrima e perigos» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 23: «Grande ajuste de contas»

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Mayerling» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Olhos verdes, lágrima e perigos» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 23: «Grande ajuste de contas»

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Mayerling» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Olhos verdes, lágrima e perigos» (12 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 23: «Grande ajuste de contas»

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Mayerling» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Olhos verdes, lágrima e perigos» (12 anos)

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Cangreiros em Roma» (17 anos)

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O homem de cabeça rapada» (17 anos)

BOM APETITE

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento
RESTAURANTE antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diariamente agorda de lagosta AR CONDICIONADO
ABERTO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63
NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA DOMINGO
CABRITO CONSTITUÍDO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Tel. 536080
POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
A PARTIR DAS 23 HORAS
(M. 17 anos)
COM O CONJUNTO DE HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

DISCOS Estab. **MELODIA**
LISBOA — R. DO CARMO, 28
PORTO — R. DE S. CATARINA, 980
R. DE S. TO ANTÓNIO, 28

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno 1

ALAMEDA — Esperança, R. Carlos Mardel, 01-B (722868)
ALCANTARA — Nogueira, R. do Creche, 2 (63:635)
ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 20 (84338) * Teles, R. João de Barros, 2 (638249)
ALVALADE — Brasília, Av. Rua de Janeiro, 66 (722368) * Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (776358)
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 6-C (682772)
ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho, 0 (40471)
AREIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B (715370) * João XXI, Nova Lisboa, Rua Guilherme Sugga, 2 (727721)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 47-A (763107) * Avenidas, Av. da República, 27-A (533688) * Império, Rua Filipe Folque, 40-A-B (48002) * Palma, Av. Duque de Ávila, 25 (47088)
BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av. Ressaio Garcia, 7-A (51451)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascensão, R. 27, n.º 41 (311216)
BAIXA — Americana, Calç. de Santana, 3 (863984), Costa, Praça da Figueira, 6-B/C (Tel. 328381)
BELEM — Remisio, R. dos Jerónimos, 4-C (631699) * Sepel, Calçada da Boa Hora, 94-A (631958)
BENFICA — Lisboa, R. Claudio Nunes, Lote, 2 (703393) * Seusa, Est. de Benfca, 429-431 (780027)
CAMÕES — Combro, Calç. do Combro, 78 (326059) * Azevedo, R. de Veiga, R. do Misticórdia, 24 (323540)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infancia, 28-A (688857) * Ounq, Rua Freitas Goul, 32-B (671667)
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 01-101-A (682333) * Pátia, Calçada dos Mestres, 30-A (680627)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181)
CONDE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076)
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920)
ESTEFANIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10 (661734)
GRACA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) * Rosa e Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) * Bastos Andrade, Calç. de St. André, 107-111 (860450) * Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333).

LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) * S. Tomé, Est. do Desvio, Lote 2-C (790704)
MADRAGA — Lealdade, R. do Olival, 226 (663441)
OLIVAS — Olivais, R. Alves Gouveia, 9 (31:237)
PALHAVA — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764629)
PATRIARCA — São Margal, R. de 5 Março, 00 (325318)
PENHA DE FRANÇA — Carrande, Rua Padre Sena Freitas, 10-A (842518)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 6-A (728395 e 720703)
SE — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632)
DE ST. APOLÔNIA AO BEATO — Selter, Rua de Xabregas, 63-65 (381:85)
MOSCAVIDE — Império — Rua Oliveira 44 (Tel. 2511820).

Linha de Cascais

ALGES — Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 86 (Telefona 2432034)
OIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — Aisir, Av. Gago Coutinho (Bairro das Coixas de Providência) (Tel. 2472948).
ESTORIL — São João — São João do Estoril (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL — Costa, Av. Sabrosa, 29-B (260085)
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078) A. Costa — Rua Freitas Reis 24-A (telef. 2802 4).

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA — Damala — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523).
QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) * Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Químia — Est. Mem Martins, 285 (T. 29100'21)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
SINTRA — Misericórdia — Largo de Gregório de Almeida, 2

Diário de Lisboa
DL
 Propriedade de
 Renascença Gráfica & A. R. L.
 Sede: Rua L. B. Corina, 44
 Telef. 82 02 71-84 e 82 11 84-8
 End. Tel. LISBOA, Telex 1368
 Lisboa 2 — Portugal

Aumentaram 100% os preços dos parques de estacionamento de automóveis em Lisboa

tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS — O céu estava muito nublado, e o vento era moderado, ou forte, do Leste, e chovia em vários locais a sul do rio Douro.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto: 7°; Penhas Douradas: —2°; Coimbra: 6°; Lisboa: 7°; Faro: 10°; Funchal: 18°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na água do mar: 13,4°; na atmosfera: 8°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

A partir da tarde, céu muito nublado, vento moderado ou forte do quadrante Sul, por vezes com rajadas. Períodos de chuva ou aguaceiros, por vezes fortes, possibilidade de trovoadas.

Amãhã
 Nascer às 8 e 55
 Ocorrer às 18 e 27

DIAS
 Dia 7 Dia 14 Dia 22 Dia 30

MARES:
PREIA-MAR: Dia 2 — 10 e 58 (3,3 m); 23 e 43 (3,3 m).
 Dia 3 — 12 e 12 (3,3 m).
BAIXA-MAR: Dia 2 — 4 e 33 (1,7 m); 17 e 17 (1,5 m).
 Dia 3 — 5 e 48 (1,6 m); 18 e 20 (1,4 m).

de estacionamento de automóveis em Lisboa

Com o princípio do ano, o público (automobilista) foi surpreendido pelo aumento do preço do estacionamento nos parques, que subiu para o dobro na generalidade dos casos, ou seja: de 2\$50 para 5\$00. As senhas de 1\$50 (estacionamento só até um máximo de 4 horas) aumentaram, por sua vez, para 2\$00. O público desconhecia por completo a disposição, e, evidentemente, protestou — evidentemente também, sem qualquer resultado.

As novas tabelas dos parques de estacionamento entraram ontem em vigor, mas foi a partir de hoje que elas se tornaram mais notadas, dado que nos domingos e feriados sobre haver muito menos movimento, a maioria dos parques não funciona.

Além de haver protestos generalizados por parte dos utentes dos parques — que não obstante, claro, continuaram cheios, a abarrotar — houve um ou outro automobilista mais irritado e reivindicativo, que se recusou a pagar. O remédio, como nos disse um dos guardas de um dos parques em que isso se deu (no Terreiro do Paço) foi chamar o fiscal e remeter o caso para a Secção de Trânsito da P. S. P.

Os próprios guardas dos parques de estacionamento só na quarta-feira à noite tiveram conhecimento do aumento do preço do estacionamento — e ainda nem há senhas impressas com o custo das

novas taxas. Assim, os guardas têm de dar duas senhas em vez de uma, como quitação pelo pagamento dos 5\$00. Agora, esperam eles serem aumentados: os seus ordenados são de 1300\$00 mensais e de reforma recebem cerca de 300\$00...

Mas quem ordenou o aumento e por que não houve a devida publicação quanto ao mesmo para o público não ser apanhado desprevenido — eis a (pergunta) que muitas pessoas fizeram. A resposta à primeira pergunta dá-a o Decreto-Lei 49438, de 11 de Dezembro último, que veio permitir a subida de toda uma série de taxas, licenças e emolumentos a pagar aos governos-civis, administrações de bairro, corpos administrativos e serviços policiais. De acordo com aquele decreto, e tabela anexa, nos parques de estacionamento podem ir no máximo, até aos preços que agora se passaram a cobrar nos parques de Lisboa. E a decisão foi tomada na última reunião da Câmara Municipal de Lisboa — no dia 30 de Dezembro último —, mas o público não soube de nada. Não houve qualquer aviso ou comunicado. Aliás, os próprios editais ainda não foram afixados, só agora começam a sê-lo...

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo Domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de conservação e ampliação das nossas redes.

- 3.º Sector — Concelho de Lisboa: Rua do Arco a Alcântara, entre os n.º 21 a 25, e 28 a 52. (Das 8 às 12 horas).
- 8.º Sector — Av.º Madrid, de 13-A a 28-A (Das 8 às 12 horas).
- 1.º Zona — Concelho de Oeiras, Bureca: Rua Tristão Vaz, Estrada n.º 6, Rua Egas Moniz, Rua António Ferro, Rua Padre Cruz, Rua Padre Francisco Moreira da Silva, Rua Trindade Coelho e Praceja Conde de Arnoso. (Das 8 às 15 horas).

- 2.º Zona — Amadora: Rua da Aviação Portuguesa, Rua Pais Ramos, Rua Alexandre Sales e Av.º Brito Pais. (Das 8 às 15 horas).
- 3.º Zona — Concelho de Oeiras: Algés, Rua João Chagas, Av.º dos Combatentes da Grande Guerra (parte e imediações). (Das 8 às 15 horas).
- 4.º Zona — Dafundo: Bairro de São Mateus e imediações. (Das 8 às 17 horas).
- 5.º Zona — Concelho de Cascais, Cascais: Rua Afonso Lopes Vieira, Rua Cesário Verde, Rua do Cobre e Av.º do Ultramar (parte). (Das 8 às 15 horas).
- 6.º Zona — Alcáideche (parte Sul). (Das 8 às 12 horas).
- 7.º Zona — Concelho de Sintra, Algueirão: Rua Luís de Camões e transversais, Rua Vasco

- da Gama e transversais, Rua Eng.º Gomes da Silva, Av.º D. Afonso Henriques e Rua Capitão Américo dos Santos. (Das 8 às 15 horas).
- 8.º Zona — Carrascal e Morelino. (Das 8 às 15 horas).
- Concelho do Cartaxo: Cruz do Campo e linha de Alta Tensão entre Cruz do Campo e Cartaxo. (Das 8 às 13 horas).
- Concelho de Vila Franca de Xira: V. Franca de Xira: Povos (parte), A-dos-Bispos, Cachoeiras, Rondônia, Quintas, Casal da Coxa. (Das 8 às 11 horas).
- Concelho da Arruda dos Vinhos: Rádio Farol da Quinta da Serra e Antas. (Das 8 às 11 horas).
- Concelho de Alenquer: Cadafais, Santana da Carnota. (Das 8 às 11 horas).

De vez em quando

A propósito da mudança de horário dos comboios da linha do Estoril, que afectou realmente a maioria dos seus utentes (e não a minoria, como querem fazer-nos acreditar), e do substancial aumento de preços dos respectivos bilhetes (mais substancial do que nós próprios julgávamos ser possível) ouvimos hoje dezenas de queixumes e protestos dos passageiros de um minicombio que se encheu na Parede, se superlotou em Carcavelos e veio apinhado de Algés até ao Caís do Sodré. Mas houve um que pôs o dedo na ferida: «A culpa não é da empresa. Eu cá se fosse administrador fazia o mesmo. A culpa é de quem permitiu que estes aumentos se fizessem e aprovou os horários.» Voz do povo...

V. D.

Rotary Clube de Lisboa

Consagrada ao Dia dos Reis realiza-se, no próximo dia 6, uma reunião de companheirismo do Rotary Clube de Lisboa.

A reunião efectua-se às 12 e 45, no decorrer de um almoço, no Hotel Tivoli.

ano NOVO ano bom

TAP
 TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

MARCA-TM-69

Temas em discussão:

• A CRIANÇA E O LIVRO, MESA-REDONDA EM QUE INTERVIERAM ANTÓNIO TORRADO, CALVET DE MAGALHÃES, LÍLIA DA FONSECA, MÁRIO CASTRIM, MATILDE ROSA ARAÚJO E RUI GRÁCIO • REALIDADES E PERSPECTIVAS DO CINEMA AMADOR, ESTUDO ELABORADO PELA SECÇÃO DE CINEMA DO ATENEU DE COIMBRA • ACUDA-SE AO ENSINO TÉCNICO, CARTA DE UM LEITOR.



A PROPÓSITO DA GRÉCIA...

Uma certa ideia da Europa

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

Dois factos de relevância irrecusável para o futuro da Europa, e que importa não deixar de assinalar, tiveram lugar nos últimos tempos. Um situa-se predominantemente no plano económico, o outro no plano político. Referimo-nos, por ordem cronológica respectiva, à reunião da Comunidade Económica Europeia, que se realizou na Haia, e à reunião do Conselho da Europa, efectuada há poucos dias em Paris. A primeira, ao admitir o princípio do alargamento do Mercado Comum à Grã-Bretanha e a outros países da Associação Europeia do Comércio Livre, de que Portugal faz parte, terá inevitáveis incidências no desenvolvimento de todas as parcelas integrantes dos dois espaços económicos, que assim tendem a fundir-se, acentuando a sua sobreposição às fronteiras nacionais dos actuais e próximos associados. A segunda, ao condenar a inexistência de instituições políticas democráticas num dos países membros, forçando praticamente o governo militar da Grécia a retirar-se do Conselho, pôs pela primeira vez de forma aguda no após-guerra o problema da incompatibilidade entre os princípios proclamados pelos regimes ocidentais e a persistência, neste mesmo ocidente europeu, de regimes em que esses princípios são violados.

Não havendo propriamente relação de causa a efeito entre estes dois factos, que se inscrevem cada um deles em órbitas diversas, a sua coincidência não deixa de constituir só por si um acontecimento em que há interferências recíprocas evidentes, por paradoxal que a alguns isso possa parecer. A história quase nunca obedece a uma lógica linear, e muito menos determinista, e não raramente vários problemas se lhe põem, por vias obliquas, ao mesmo tempo, vindo acentuar contradições que permaneciam subterrâneas ou ocultas.

Sem pretender fazer aqui um comentário especificamente político das consequências decorrentes de uma tal coincidência, queremos apenas salientar estes factos como ponto de partida para algumas reflexões que transcendem o plano circunstancialmente imediato.

Se a realidade internacional mais recente por de mais nos habituou ao predomínio das razões de Estado e dos interesses das grandes potências — sejam eles económicos, estratégicos ou ideológicos — sobre o direito e a moral, criando, por vezes, a impressão da impotência das opiniões públicas perante factos consumados, como a guerra do Vietnam, a invasão da Checoslováquia ou o conflito do Biafra, para só citar alguns exemplos, poderia pensar-se que, num momento em que problemas económicos e financeiros prementes preocupavam os Governos dos países do Ocidente da Europa, e em plena euforia de um acordo em que não se pode, todavia, dizer que primassem os interesses dos pequenos povos ou simplesmente dos povos *tout court*, uma vez mais um povo oprimido como o da Grécia seria abandonado à sua sorte. Ora aconteceu — e para ter disso consciência bastará ter-se lido a Imprensa Internacional de todos os quadrantes políticos — que certos Governos sobre os quais «outro poder mais alto se levanta» tiveram que associar-se, finalmente, mesmo se com hesitações e reticências, ao movimento geral de repulsa perante a violação dos Direitos do Homem e das mais elementares normas democráticas pelos coronéis gregos. Os observadores e comentaristas atentos, das mais variadas tendências, não deixaram de insistir no facto de que a primeira prova por que passava a Europa em fase de «consolidação» e de «abertura» seria a posição assumida perante a questão da Grécia. A contradição entre certos princípios e uma certa realidade vinham, assim, à tona: seria possível, na perspectiva de uma Europa não apenas económica mas política — e para já no seio de um organismo criado para defender o primado do direito e da democracia — tolerar um regime que se situa nos seus antipodas? A evidência dessa incompatibilidade intrínseca fez inclinar a balança no sentido da exclusão da Grécia, e foi numa última, mas demasiado tardia, tentativa para salvar a face, que esta abandonou o Conselho «in extremis».

Continua na página 8

Na passagem do ano



Prognósticos felizes para o ano 2000

Desenho de João Abel

espelho da imprensa

«O problema das rendas altas»

«Cônscio de que a nossa Associação de há muito traçou caminho face ao gravíssimo problema habitacional supomos, todavia, que nunca será demais renovar considerações sobre tão importante assunto, dada a campanha fomentada nos meios «senhoriais-proprietários» para aumento de rendas de casa.

Acompanhando-a, portanto, na sua luta pelo bem-estar dos inquilinos portugueses e pela manutenção das rendas actuais, abordaremos o tema das rendas altas, que a maioria da população se vê obrigada e forçada a pagar por não ter outra saída para o conseguimento de uma casa de renda modesta.

Com efeito, verifica-se que muitas rendas em prédios novos e até em velhos (estes, passando por novos com uma ligeira ensaboadela pelo exterior), estão alcançando preços fantásticos, verdadeiramente incomportáveis para o nível de vida que se está operando. Sem reboço e sem vergonha pede-se por quatro assoalhadas, cozinha e casa de banho a «aliciante» e «bem modesta» quantia de 4000 escudos por mês!!!

É verdade, quatro mil escudos por mês!!!

Pergunta-se:

Estaremos ainda nos princípios do século XIX, nos tempos do famoso Pinhal de Azambuja?

Calcorreando Lisboa, interrogando porteiros e porteiras por que preço o senhorio do prédio aluga o andar ou andares vagos, logo a resposta vem pronta: — 3000..., 4000 escudos!!!!...

Isto se diz porque os factos assim o demonstram e estão á vista.

Tudo supõe que esta situação habitacional não pode e nem deve continuar. O Governo, as Camaras Municipais e as demais entidades superiores têm o dever de conter esta maquiavelica e desenfreada especulação — especulação, aliás, que surge não só da parte dos construtores como também de proprietários-senhórios.

As rendas de casa e tudo o mais que constitui o bem-estar do cidadão, deve situar-se ao nível dos vencimentos de quem trabalha e tudo produz: — casas, fatos, calçado, etc., etc. Por isso, julgamos ser de salutar justiça aplicar-se um equilíbrio entre o que se ganha e o que se deve gastar, porque ganhar pouco e gastar 3000 ou 4000 escudos só em renda da casa é caminhar-se para a despersonalização do indivíduo, que a ninguém aproveita. É a ruína do cidadão.

Por tudo isto, urge colocar-se o problema da casa — a que todo o ser humano tem incontestável direito — no seu devido lugar: rendas compatíveis e aumento da produtividade da construção em condições higiénicas favoráveis, de maneira que todos os portugueses sem distinção de classe, possam ter um lar condigno e livre do pesadelo da elevada renda da casa.

O contrário, poderá ser o imprevisível que está perturbando e inquietando toda a gente.

A. DIAS

(Do Boletim da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, de Dezembro de 1969).

O vencimento que merece

«O Governo preocupa-se com os servidores do Estado e das autarquias locais, concedendo-lhes o que vai podendo, e preocupa-se, sobretudo, com o que espera deles e eles têm obrigação de não lhes recusar. Por motivos conhecidos, e de que já aqui nos temos ocupado algumas vezes, deu-se, nesta classe, durante os últimos quinze ou vinte anos, um abaixamento de qualidade, cujas consequências consideramos difíceis de reparar nos tempos mais próximos. Mas é indispensável repará-las e que a reacção para isso necessária não demore. O funcionalismo não dispõe, tão absolutamente como entende, do direito de justificar o desinteresse pelo seu cargo com a modestia da remuneração. Ao ser admitido, prestou juramento solene a que fica obrigado até à exoneração. Também era preciso que isto se não esquecesse.

A reestruturação dos quadros, a mecanização, a simplificação de processos constituem factores imprescindíveis para um maior rendimento dos serviços, mas a valorização profissional do funcionário é ainda o elemento principal. E há-de continuar a ser. Por isso, aquele que, aceitando uma função pública, trai, na prática, o juramento prestado, nem um vencimento pequeno merece. Quando se queixa, devia olhar, em primeiro lugar, para si e examinar, conscientemente, até que ponto terá contribuído com o seu desinteresse, as suas negligências e a sua errada noção dos próprios deveres e direitos para os entes que se opõem à concessão de mais substanciais regalias.»

(Do editorial de «O Século», de 28-12-69)

ASSIM VAI MUNDO

Sabedoria?

«Rockefeller concedeu uma bolsa ao director do Radical Theatre Reportory, o Open Theatre recebeu 65000 dólares da Ford, que subvenciona o New Lafayette Theatre, no coração do Harlem, o Negro Ensemble e o Chelsea Theatre, onde os artistas negros pregam a exterminação da raça branca». (Do Monde)

Candura? Masoquismo? Sabedoria? Mescla de tudo isto? Outra coisa? Qual é a opinião do leitor?

Moderno

O patronato moderno (U. S. A, Suécia, Alemanha Federal), prefere um sindicalismo forte, bem implantado nas empresas, com a função de despoletar pela negociação os conflitos sociais á nascença, transformando a luta das classes em relações contratuais periodicamente renegociadas entre a organização patronal e a dos trabalhadores. (Michel Bosquet).

Prematuro

«São autênticos revolucionários ou barreiras dilatórias, Kerenskys do imperialismo norte-americano, para atrasar a revolução popular? Se são honestos e autenticamente revolucionários — poderão resistir á pressão dos grandes interesses dos Estados Unidos? Se estão ao serviço das oligarquias — poderão defender-se da pressão popular quando esta se sentir defraudada? Pronunciarmo-nos sobre qualquer destas questões é, natu-

ralmente, prematuro. Mas não faltará muito tempo para se desmascararem» considera Juan Aldebaran, a respeito dos «novos militares hispano-americanos, numa crónica recente da revista espanhola «Triunfo».

De facto, o que está a acontecer no Peru e na Bolívia não é muito claro, ainda que se esteja a tornar cada vez mais claro. (V. no ultimo numero de «Mesa Redonda» o artigo sobre o Peru).

Discos

A empresa hungara Kultura exportou, durante o ano corrente, cerca de 500 mil discos para cerca de cinquenta países, entre os quais os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Itália e a França. Só com as obras completas de Bartok foram publicados dez discos.

Milionários

Já uma vaga de contestação entê os milionários italianos. Entendendo que os impostos sobre o rendimento a pagar á municipalidade foram demasiado agravados, os nababos de Roma recusam-se a pagá-los. A lista dos contribuintes ricos mais descontentes comporta nada mais nada menos do que 390 nomes.

Entre os contestantes figuram o príncipe de Torlonia, a quem o ano passado foi aplicado um imposto sobre um lucro de 300 milhões de liras; os produtores de filmes Carlo Ponti e Dino de Laurentis; Sophia Loren; Gina Lollobrigida e muitos magnates da industria e do comércio.

Degradação?

A sra. Golda Meir, primeiro-ministro de Israel, declarou, segundo o jornal «New York Times», que o apoio dos Estados Unidos ao seu país se tinha degradado, numa política tendente a levar o Governo de Tel-Aviv a fazer a paz com os Estados Arabes. E a sra. Meir classificou de traição a política de qualquer Governo israelita que consistisse em aceitar a paz entre Israel e a Jordânia, com base nas propostas de Washington.

Até que ponto se deve atribuir este alarme do primeiro-ministro israelita ao resultado da conferência de Rabat? Uma forma de chicotear a opinião pública norte-americana?



ASSIM VAMOS NÓS

Quarenta anos...

O deputado e vereador da Câmara Municipal de Lisboa enq. Santos e Castro, na reunião municipal de 18 de Dezembro último, ocupou-se de novo da necessidade de apressar a construção da rede do Metropolitano, acentuando que «todos os esforços deverão ser mobilizados no sentido de lhe dar rápida realização».

Outra afirmação: «Por este caminho, está-se construindo um metropolitano, segundo um plano elaborado há vinte anos, que só estará concluído daqui a outros vinte anos. Isto quer dizer que estamos a executar um empreendimento que não serviu a geração que o planeou, não serve a actual e não servirá o futuro satisfatoriamente, pela desactualização, quando estiver concluído».



Sim, quarenta anos é muito tempo. Construir-se-á, mais uma vez, para ontem, e não para hoje e para amanhã, como se impõe. E também se impunha, quanto a nós, a actualização dos velhos projectos, que já suficientemente demonstraram uma visão acanhada e sem perspectivas do futuro.

Derrota

No número anterior deste suplemento publicámos aqui algumas passagens de afirmações feitas, no almoço nacionalista de Aveiro, pelo chefe daquele distrito, subordinadas ao título «Vitória». Mas, pelo menos, parte da intenção com que fizemos tais transcrições cifrou-se numa «derrota», em consequência de uma «gralha» que totalmente deturpou o sentido de uma das frases. Assim, onde o dr. Vale Guimarães dissera: «dignidade não pode traduzir, e não traduzirá, para o adversário, minimização ou menos respeito por ele» saiu: «dignidade não pode traduzir, e não traduzirá, para o adversário...»

Com esta rectificação tentamos transformar a involuntária «derrota» na «vitória» que pretendíamos acentuar. Embora tais erros gráficos sejam de lamentar, estamos certos de que os leitores atentos se aperceberam da verdadeira intenção dos fragmentos transcritos.

Emigrantes

No plano geral, aproxima-se do milhão e quatrocentos mil o número de portugueses espalhados actualmente pelo Mundo.

Na Europa, ultrapassou-se o meio milhão: todos eles saídos, praticamente, na década de 1960. A França absorveu 424 500 destes.

A reunificação e fixação de famílias, bem como a permanência do fluxo migratório, com rumo além-Pireneus, leva-nos a rever a ideia quanto á nossa emigração europeia, até agora considerada simplesmente temporária.

Para estudo e reflexão do caso migratório, o Episcopado português determinou que o dia 11 de Janeiro seja celebrado como o «Dia Nacional do Emigrante».

tem
a
palavra
o leitor

Acuda-se ao Ensino Técnico Profissional

A carta do nosso leitor **Valdemar Quinta Ferreira**, que publicámos no dia 5 de Dezembro, subordinada ao título «O esquecido ensino nocturno», teve o condão de activar a atenção por aspectos e sectores do ensino normalmente ignorados ou relegados, injustamente, para posições marginais.

A seguir, inserimos o texto que, sobre o assunto, nos enviou, com pedido de publicação, o nosso leitor **António Cabrita Marques**, de Lisboa, cujos pontos de vista nos parecem de indiscutível interesse:

Com o título de «O esquecido ensino nocturno», e autoria do sr. Valdemar Quinta Ferreira, publicou «Mesa-Redonda» uma carta em que se focavam

as anomalias que se verificam nos cursos nocturnos do ensino técnico.

O «D.L.» em nota que pospõe a carta, diz que «é absolutamente desejável que o suplemento «M.R.» dedique a este aspecto do problema educacional a maior atenção», e aproveita para dizer, também, que o leitor não é inteiramente justo quando afirma que o assunto não tem merecido a atenção que lhe é devida.

Não se poderá negar que o «D.L.» não tenha dado certa atenção ao assunto, mas temos de concordar que o lamento daquele leitor é plenamente razoável. Simplesmente, eu desejaria que o problema fosse posto sob um ponto de vista muito diferente do do sr.

V. Q. F., esperando, por isso, que «M.R.» possa reservar espaço para estas notas.

ATENÇÃO ESPECIAL AOS CURSOS NOCTURNOS

De certo que não sou a pessoa mais indicada para tratar deste assunto num jornal, mas, á falta de quem melhor se proponha fazê-lo, servir-me-ei o melhor que puder da experiência que a frequência (precisamente em regime nocturno) do Curso Geral de Comércio me ensinou para expor aquilo que me parecem ser os verdadeiros males (alguns) de que enferma o ensino técnico (necessariamente, o ramo «comercial»).

Entendo, primeiro que tudo, que se deve, de qualquer forma, uma palavra de gratidão ao sr. Valdemar Quinta Ferreira, pois, não obstante só agora ter iniciado a frequência de um curso deste ensino, e perante a apatia de tantos e tantos seus colegas com mais obrigações de o fazer, por mais adiantados no estudo e, por isso, porventura mais conhecedores das anomalias que os prejudicam, ter tido a coragem de vir junto do público dar a conhecer o problema.

Mas, com efeito, entendendo não ter o sr. V. Q. F. entrado bem no âmago dos problemas que afectam o ensino técnico. E, sobretudo, embora compreenda que se deve dar uma atenção especial aos cursos (aos alunos) em regime nocturno, acho que para este caso não interessa grandemente estar a distinguir entre cursos da noite e cursos de dia — está em causa, sim, o próprio ensino técnico.

Diz o sr. V. Q. F. que o aluno nocturno tem jus a «um trato mais carinhoso, como recompensa do esforço despendido» e é merecedor do reparo de alguém pelo «simples facto de um indivíduo trabalhar durante o dia, e á noite ir estudar». Não o negarei, mas pergunto: será isso, realmente, que mais nos interessa obter? Para mais, não serão, igualmente, merecedores de carinho e atenção, tal como alunos, aqueles que frequentam cursos diurnos? Aliás (se bem que com uma diferença bastante significativa, claro) creio, até, que há hoje uma tendência educacional no sentido de o estudante ser simultaneamente operário, ou melhor dizendo, trabalhar, também, na especialidade para que estuda. É que lá virá o tempo em que será um encargo muito grande para um país (enfim, já o é hoje, e evidentemente) manter durante anos e anos milhares de indivíduos que nada produzem...

COMPREENSÃO E JUSTIÇA E NÃO COMPAIXÃO

E bem verdade é que mesmo os alunos diurnos

se encontram também afectados por grande número de problemas mais importantes que dificultam o estudo aos da noite. (Pois, não são as condições das salas de aula, das instalações sanitárias, das salas de estudo, das relações entre professores e alunos mais ou menos idênticas para uns e outros?!).

Não é, pois, verdadeiramente, de compaixão (de carinho) que nós necessitamos — necessitamos, sim, é de: compreensão e justiça.

Porque, se falarmos em compreensão e justiça, sim, então teremos de perguntar onde isso existe quando tivermos presente que, representando, actualmente, os alunos do ensino técnico dois terços do total dos alunos do ensino secundário em todo o País (portanto, um terço, apenas, de alunos liceais), verificando-se, afinal, que estes, os liceais, após a conclusão do seu curso secundário têm á sua disposição toda uma série de caminhos para prosseguir (mas, diga-se em

economia, finanças ou contabilidade. Sabe-se bem que isso se deve em regra á sua baixa condição social, que lhe não permite seguir um curso mais oneroso. Daí que se não possa aceitar como razoável e dar-se-lhe apenas aquelas hipóteses para continuar os estudos. Demais, se houvesse nisto alguma dúvida lá estaria o facto de, mesmo com as grandes dificuldades que se lhes põem, muitos e muitos (se é que seja legítimo falar aqui em muitos e muitos!) alunos, preferirem o Instituto de Económicas em favor de outros cursos superiores — Direito, sobretudo.

SUJEITAR O ALUNO A UM AMBIENTE INSUPORTÁVEL...

É este, sem dúvida, um dos maiores males dos muitos que complicam a vida do estudante do ensino técnico profissional. Dar-se-lhe remédio é uma necessidade premente e um acto de justiça.

para ter entrada numa escola superior se veja obrigado a estudar, pelo menos, durante nove anos (e os de dia, oito) enquanto que pelo liceu essa condição é obtida com sete anos de estudo? Não parece que não fosse fácil modificar esta situação uma vez que a chamada Secção Preparatória para os Institutos (um ano, após a conclusão dos cursos) poderia deixar de existir, integrando-se a sua matéria nas disciplinas do curso. E acompanhando esta modificação uma outra que se impõe ser feita urgentemente: acabar com o famigerado exame de admissão aos institutos — um aluno que frequenta e conclui um curso que é o antecedente de outro necessitará de ser sujeito a provas suplementares? Isso é reconhecer a insuficiência do que se ensinou nesse curso! — Seria lógico que um aluno que completa o quinto ano do liceu, para ingressar no sexto tivesse de fazer, para além dos exames inócentes áque-



abono da verdade, que ainda assim são bem insuficientes), nós, a grande maioria, que depois de concluídos os cursos secundários, e a fim de obtermos equivalência ao 7.º ano liceal, ainda temos de transitar para os institutos médios (em que em todo o País só há dois comerciais e três industriais) estamos limitados a um reduzidíssimo número de cursos médios-superiores (cursos de Contabilidade, Finanças, Economia — para o ramo Comercial; para os do Industrial a situação é sensivelmente idêntica, só que os cursos, como é evidente, são outros). Cursos de «Letras», «Direito», etc., estão fora do nosso alcance, ou, então, se quisermos mesmo frequentá-los teremos de nos sujeitar a grandes perdas de tempo, sacrifícios e dispêndio de dinheiro.

Porque, não devemos deixar de atender a isto: não é geralmente significativo o facto de um jovem começar os seus estudos pelo curso comercial (ou industrial, embora aqui o caso já não seja tão verdadeiro) pois isso não quer dizer que ele se incline para

Do muito mais a apontar há o problema da preparação de muitos professores, que em muitos casos já o são sem ainda sequer serem formados; há a falta de vocação para o ensino de muitos outros que como tal vão sujeitar os alunos a um ambiente insuportável, conduzindo-os muitas vezes a atitudes desagradáveis; há a falta de inspecção ao trabalho do professor, permitindo-se que este resvale para o desleixo e se dê a atitudes contrárias ás boas regras educacionais. (Dou um exemplo: certo professor negava-se a responder a perguntas porque, dizia, não era para isso que estava na aula mas apenas para expor a matéria); há a péssima qualidade didáctica da maioria dos livros adoptados, não obstante, muitas vezes, haver outros sobre a mesma matéria bastante aceitáveis, rejeitados não se sabe por que estranha razão; etc., etc. E não se poderá deixar de dizer que o curso (comercial) precisa de ser completamente remodelado.

Pois será razoável que um aluno deste curso (em regime nocturno)

le ano, exames de admissão ao sexto ano?

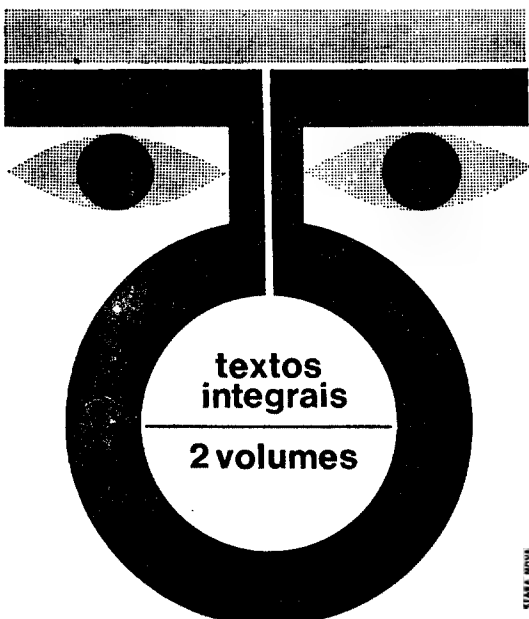
Mas, ainda assim, ainda que por razões de força maior (por razões do mal que já vem de trás) se tivesse que manter a chamada Secção Preparatória por mais alguns anos, o que urge fazer imediatamente é modificar a sua estrutura. Como está actualmente ela é olhada pelos alunos como um fosso que se colocou entre a escola e o instituto. Um fosso que amedronta e afasta a maioria dos pretendentes a ultrapassá-lo e submerge a maioria ainda dos que a tanto se aventuraram. Basta dizer que turmas que começam com quarenta alunos chegam a acabar com o írisório número de cinco, e menos. Finalmente, os poucos que se apresentam á admissão ao Instituto ainda dão origem a notícias nos jornais em que se fala, como se falou agora, acerca da admissão ao Instituto Comercial do Porto, em reprovações na ordem dos 90%. Isto prova bem quanto é difícil a Secção e quanto ela está desmuniada em relação ao baixo grau de aprendizagem

Cont. na prág. 4

NOVIDADE "SEARA NOVA"

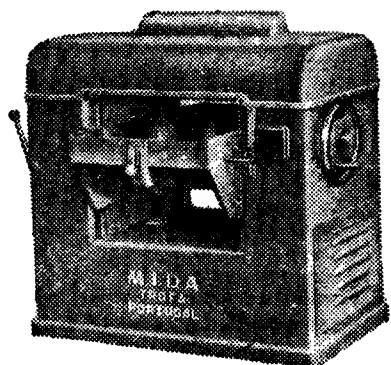
II Congresso Republicano de Aveiro

TESES E DOCUMENTOS



obra fundamental de análise à vida portuguesa

«MIDA»



DESENGROSSADEIRA
Mod. 510 - 610 - 810

UMA FABRICA
ALTA-
MENTE ESPE-
CIALIZADA
NO FABRICO
DE MAQUINAS
PARA AS
INDÚSTRIAS
DE:

- * SERRAÇÃO
- * CARPINTARIA
- * MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

Filial em Lisboa:

Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

«Le Monde»: novo director — a mesma orientação



Jacques Fauvet

O jornal «Le Monde» completou 25 anos de existência no passado dia 19 de Dezembro. 25 anos na vida dura e agitada de um jornal onde a independência e a seriedade na recolha e no fornecimento da informação constituem as leis maiores.

«Le Monde» viu a luz num dia frio de Dezembro de 1944, quando as grilhetas das tropas invasoras mal haviam desaparecido entre os marcos esbatidos das ruas traçoelras. A França surgia da honra que toca o espírito de resistência e de luta ao inimigo dominador e sanguinário e logo se aposara da mente de alguns homens que se bateram na chamada da noite a ideia de criar um jornal digno da cultura e das tradições francesas. Os colaboradores e os que vergaram o joelho e a alma diante do exército invasor tinham os dias contados por força da lei. Mas o próprio general de Gaulle reconhecia a necessidade para o seu país de ter entre os jornais a criar, um órgão que fosse a expressão da influência da língua francesa no mundo, do pensamento e das responsabilidades culturais da França. Um jornal como existiam nalguns grandes paí-

ses, em casos naturalmente limitados pelas exigências que supõem.

Esse jornal nasceu sob a orientação esclarecida e lúcida de Hubert Beuve-Méry, com uma grande parte da Redacção e do equipamento que pertenceram ao antigo quotidiano parisiense «Le Temps».

Porque queria ser economicamente independente e sacrificar apenas no altar da Verdade e do serviço público, nasceu pobre e teve de fazer apelo à coragem, à vontade intrepida e à abnegação dos seus redactores. Os primeiros anos foram de sacrifício material, de construção séria e sólida de um futuro e de um prestígio de que só a confiança e a adesão dos leitores podem ser garantidas. Essa confiança e essa adesão foram conseguidas no decurso destes 25 anos. A prova está a atitude de um grupo de leitores que em determinado momento de crise se associaram e se quotizaram para colocar ao dispor do jornal os fundos de que este pudesse vir a necessitar para continuar a servir, na independência e na integridade de processos a causa da informação. Não de uma informação qualquer, mas de um jornalismo sério, documentado, rápido, especializado e completo. A prova o prestígio do jornal está, também, a curva ascendente da sua tiragem. «Le Monde» tinha em 1945 uma tiragem diária de 108 mil exemplares e tira agora cerca de 470 mil exemplares.

O corpo redactorial (agora constituído por 141 jornalistas profissionais) lançou-se à tarefa de elaborar um jornal de características inconfundíveis e de conteúdo sólido, pela minúcia de informação e pelo detalhe de elementos interpretativos. Dominado por estes objectivos, não perdeu nunca a cons-

ciência do papel que desempenha no quadro da Imprensa francesa e da Imprensa internacional. Mostrou-o em 1951 aquando de uma crise surgida no seio da empresa que levou à demissão de Beuve-Méry. A ameaça da solidiedade da Redacção com o seu director e do não-aparecimento do jornal, levou a constituir-se uma sociedade de redactores. Essa forma de participação na sociedade comercial proprietária do «Monde» alargou-se mais tarde com a criação de mais duas sociedades: uma de funcionários e outra de empregados. O sistema tem sido valorizado pela

introdução de sucessivos aperfeiçoamentos aconselhados pela experiência. E a fórmula logrou estender-se a numerosos quotidianos franceses, tanto de Paris como de cidades de província.

A comemoração do 25.º aniversário coincidiu com a mudança de director. Beuve-Méry passou o leme da grande barca a Jacques Fauvet, que era o chefe de Redacção e seu braço direito. Por determinação da sociedade anónima, tomada em assembleia geral extraordinária, o nome de Hubert Beuve-Méry continua a figurar no cabeçalho do jornal como seu fundador. E não

só o nome. Também a experiência e o conselho válido e fundamentado de Sirius foram prometidos por Beuve-Méry no encontro de confraternização que assinalou a passagem das bodas de prata.

Jacques Fauvet constituiu uma garantia de que «Le Monde» manterá a orientação seguida até agora e de que perdurará o critério na escolha dos seus jornalistas e colaboradores. E não só o critério de escolha, como o ambiente de trabalho e de relações. Um ambiente onde vigora o respeito mútuo, a disciplina, o sentimento de responsabilidade e de serviço atento e dedicado.



H. Beuve-Méry

o culto e a busca constantes da verdade, a emulação que se baseia no estudo, no esforço incessante de valorização, na inteligência, na cultura, no reconhecimento e na admiração do talento.

JOÃO GOMES

Tem a palavra o leitor

Cont. da pág. 3

que se faz no curso. Parece, pois, que haveria que diminuir as matérias naquela e alargar as das disciplinas respectivas integrantes do curso — se outra solução melhor não fosse encontrada...

Bem, tenho presente os limites de espaço do jornal e compreendo não dever alargar-me muito mais nas minhas considerações. No entanto, ainda desejaria chamar aqui a atenção para o seguinte: os alunos do liceu, caso queiram continuar os estudos para além do 5.º ano, podem não fazer até ao sétimo em grande número de cidades (e creio que até em muitas vilas) por esse País fora — com regozijo o digo! — mas nós como já frisei, apenas o podemos fazer em Lisboa e no Porto (em

Coimbra, também, para os «industriais»). Isto é uma desigualdade gritante, tanto mais de realçar quanto é certo que é precisamente o aluno do ensino técnico que menos pode suportar a sua estadia prolongada numa daquelas cidades, quando nelas não habita.

Enfim, Roma e Pavia... mas há necessidades que tardam de mais, e a criação de institutos comerciais e industriais pelas diversas capitais de distrito (pelo menos) está a demorar demasiadamente. É que se o Povo quer cultura, ela deve ir ao seu encontro, pois de outra forma não será possível elevar o seu nível de vida.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1969.

a) António Cabrita Marques

o banco para toda a gente



Todos os caminhos vão dar ao banco. O banco tem todos os caminhos para lhe dar. A poesia do banco é o dia-a-dia de quem passa e descansa no BANCO...

O BANCO PARA TODA A GENTE.

O BANCO renovou-se, modernizou-se, apetrechou-se de forma a poder oferecer TÉCNICA MODERNA.

Criou para si, qualquer que seja a sua profissão, o seu ramo de comércio ou indústria um SERVIÇO PERSONALIZADO.

Para a resolução do seu problema a nossa RAPIDEZ DE DECISÃO.

Não esqueça... EXISTIMOS PARA O SERVIR.

BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente

A criança e o livro

Conclusão da mesa-redonda efectuada na Cooperativa Ludus e na qual tomaram parte António Torrado, Calvet de Magalhães, Lília da Fonseca, Mário Castrim, Matilde Rosa Araújo e Rui Grácio. Inteiro como moderador Correia da Fonseca

RUI GRÁCIO — Parece que não temos razão para recusar o maravilhoso, ainda que esse maravilhoso nos pareça absurdo do ponto de vista de uma verosimilhança natural e científica. Seja qual for a idade, o homem compraz-se no maravilhoso. Nós adultos podemos sorrir desse maravilhoso, mas se tiver qualidade artística e humana, nós sorrimos com prazer e proveito. Recordo, por exemplo, uma novela de Marcel Aymé, que talvez não seja um escritor de primeira fila, mas é, sem dúvida, um escritor de qualidade e dotado de uma imaginação descafeinada. Numa novela, ele conta-nos que um grupo de pessoas vai por um jardim e a páginas tantas encontra... um centauro. Eu sei que não há centauros, mas achei, no contexto da novela, o episódio delicioso.

A criança, mais empenhada e empolgada do que nós, que nos distanciamos do maravilhoso, lê, vive, saboreia aquilo que lê, embora ela saiba — frequentemente sabe! — que não é possível, que não é crível. Mas lê com gosto. Entra no jogo.

CORREIA DA FONSECA — Neste debate luto, com um reflexo pessoal quase involuntário: não é verdade que pela janela por onde entram as fadas, entram todos os restantes mitos? Também posso formular a pergunta de outro modo: — Não é verdade que uma certa literatura infantil do fantástico foi consequência próxima de escritores de ideologia reacçãoária, ao passo que uma literatura infantil que parte ao encontro da vida criticamente vivida é criação de escritores desligados de ideologias reacçãoárias?

MATILDE ROSA ARAÚJO — Assim se pensou, em par-

te, na U. R. S. S., mas, pelo que sei, talvez por se considerar que já não constituiria uma ameaça, actualmente os escritores russos para crianças estão tentando arrear caminho. Histórias infantis, desenhos animados, filmes e peças de teatro para crianças estão



Rui Grácio

a aproveitar o tema inesgotável da tradição popular, onde o maravilhoso desempenha o principal papel.

● O MARAVILHOSO NOS CONTOS TRADICIONAIS

CORREIA DA FONSECA — Talvez seja fácil confundir o maravilhoso considerado abstractamente, como processo, e as obras concretas em que se realiza. Talvez me deva defender dessa confusão que me assalte. Eu diria que não é o maravilhoso que é condenável, mas a utilização que dele se faz. O escritor pega no maravilhoso para quê? Para con-

tar a criança histórias de facilidades quase imorais, de varinhas de condão que pactuam com a preguiça ou a estimulam, ou para contar às crianças histórias que as acrescentem? Nenhum maravilhoso será demasiado para levar a criança a amar a paz, a desejar crescer interiormente, a transformar-se num poeta perante o mundo... O maravilhoso como processo e os efeitos do maravilhoso em determinadas obras, averiguadamente nefastas, é que poderão dar origem a confusão. Mas que essa confusão possa acontecer já me parece um sinal de perigo.

MÁRIO CASTRIM — Temos-nos colocado numa posição de hostilidade em relação aos contos tradicionais que, à luz de um critério tocado de racionalismo, reprovamos. Pois bem. A mim não me parece, num ponto de vista pragmático, que os contos tradicionais tenham dado resultados desastrosos ao longo dos séculos. Parece-me antes que provaram a sua eficiência através da aceitação pela infância de imensas gerações.

LÍLIA DA FONSECA — Não sabemos. Se queremos contribuir para a melhoria do mundo futuro, temos de proceder de maneira diferente. O que sabemos nós da semente que certos contos lançaram na vida de muitas crianças? Os resultados, esses conhecemo-los. Certos contos que consideramos clássicos, embora tenham sido escritos pelo escritor A ou pelo escritor B, que conquistaram o nome através das idades, devem ser excluídos da literatura infantil do nosso tempo. Temos de seleccionar os contos tradicionais em função de um novo critério sobre o maravilhoso.



ANTÓNIO TORRADO — Se por esse critério de saneamento da literatura infantil tivéssemos de rejeitar a «Alice no país das maravilhas», o «Feiticeiro do Oz», os livros de Monteiro Lobato ou de Selma Lagerlöf, eu pediria que não contássemos comigo. Sei que assim não é. A renovação da literatura infantil tem de partir de nós, dos que escrevemos, sem perdermos de vista a exemplaridade de alguns belos livros que



Calvet de Magalhães

ocupam lugar de direito tanto na História da Literatura Infantil como na História da Literatura.

MATILDE ROSA ARAÚJO — O maravilhoso pode ser uma riqueza ou uma pobreza. Como receita fácil pode ser uma pobreza, um expediente que vai limitar muito a fantasia da criança. Essa receita fácil existe à mão de muita gente que tenha um determinado «jeito» para escrever e nós sabemos os resultados. Mas também temos livros adstritos à realidade, jogando com um certo didactismo para a criança através da realidade que não deixam de ser também receita fácil. De certa maneira também são pobreza.

É uma questão de qualidade, qualidade no encontrar ou na verdade ou na fantasia (preferia chamá-lo mitificação do que é real) um caminho de conhecimento de sensibilização da criança, de abertura, correspondendo ao desejo que a criança tem de tudo imaginar, de tudo recriar em si, desejo de a tudo dar uma forma sua, o tal paraíso de que os adultos fazem uso... e abuso.

CALVET DE MAGALHÃES — A literatura representa um modo poderosamente

educativo para cultivar o amor, a liberdade, a esperança, a poesia viril, séria e alegre, as qualidades humanas mais puras; isso basta para se criar uma qualidade. Não vejo que seja necessário, proposadamente, engendrar o maravilhoso. Concordo com a Matilde, é uma questão de qualidade, tanto pode ser rico como pobre. Simplesmente considero que uma preocupação obstinada, uma forma unilateral de enriquecer as qualidades humanas não respeita o autêntico interesse criado que é necessário estimular nas crianças.

ANTÓNIO TORRADO — Na exigência de uma literatura infantil de qualidade estamos todos de acordo. Creio mesmo que, por essa via, poderemos atingir a unanimidade acerca da intervenção do maravilhoso nas histórias para crianças. Porque está tudo no fazer, no como fazer. No meu caso, para levar a criança a participar na história, sem explorar a sua credulidade incondicional, procuro chamar, pela oralidade da narração, a criança a inventar a história comigo, a participar com o autor no maravilhoso do acto da criação. Nós, autor e leitor, estamos

Cont. na pág. 10

uma paisagem sobre o futuro

EDIFÍCIO PANORAMA

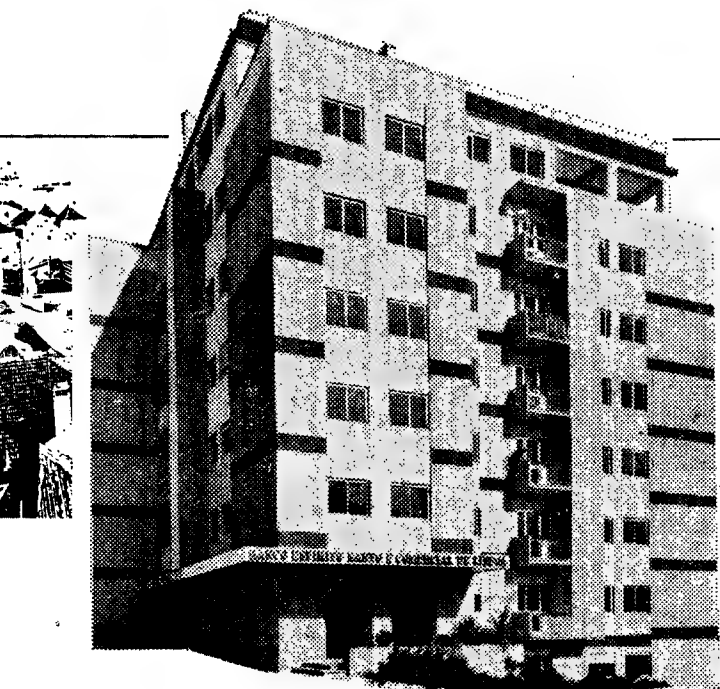
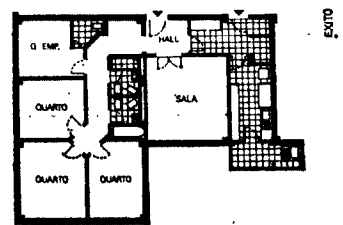
Um panorama para o futuro do seu capital



EM PAÇO DE ARCOS

UMA VALORIZAÇÃO RÁPIDA DO SEU CAPITAL

- EXCEPCIONAL LOCALIZAÇÃO
- JARDIM INFANTIL PRIVATIVO



EDIFÍCIO PANORAMA Propriedade construída pelo Eng. civil J.J. Luz ■ Av. Senhor Jesus dos Navegantes (Junto à Igreja Nova) PAÇO DE ARCOS

Realidades

EST

António Campos durante as filmagens de «A Invenção do amor»



O que é, como se processa e que função desempenha hoje o cinema amador em Portugal? Eis uma questão insuficientemente debatida, mas que, dado o crescente número daqueles que dedicam ao cinema uma boa parte dos tempos livres, justifica um debate que clarifique os seus limites, as suas possibilidades e, sobretudo, de onde se parta para uma revisão do esquema em que, até agora, tem vivido o cinema amador.

Dada, porém, a multiplicidade de vias que se oferecem ao cinema amador, tanto no que respeita aos seus objectivos, como aos meios de o empreender, convém definir o âmbito a que esse cinema se deve

ou pode circunscrever e lançar as bases teóricas para a criação efectiva das estruturas que o arranquem da mediocridade a que, quanto a nós, e salvo poucas excepções, está votado.

Mais do que delinear a especificidade do cinema amador, importa socializá-lo, isto é, fazer dele agente de cultura cinematográfica em geral, pela inserção em organismos autogénios que o apoiem e divulguem, proporcionando aos seus cultores as facilidades que só com o concurso de todos podem alcançar.

O cinema amador não se caracteriza exclusivamente por viver à margem do cinema-indústria, nem tão pouco se lhe podem atribuir

limites passáveis da captação de interesse e meios de possibilidade.

Fundamentalmente, que o cinema amador deixe de ser uma actividade de ecoturismo pela produção de cinema, vejam-se desdobrar um cartão de participação e assinem um cinema profissional nos limites da menor

A TELEVISÃO NAS AMÉRICAS

O mais influente meio de propaganda

A Televisão converteu-se, na última década, no mais importante órgão de difusão dos Estados Unidos. As agências publicitárias e os especialistas concordam em que esta é a forma mais penetrante e influente que se pode utilizar com vista à propaganda e à formação de uma atitude. Os estudos acerca da opinião pública indicam que para a maioria dos norte-americanos a Televisão não só constitui uma forma de entretenimento como um meio essencial na obtenção de informações. Wilson Dizard afirmava no seu livro «Televisão: Uma Opinião Mundial», que mais do que qualquer outro meio, a Televisão tem o poder de identificar e de definir o nosso ambiente. O seu poder para atrair a atenção de milhões de pessoas, durante largos períodos de tempo, supõe algumas consequências políticas. O sentido desta observação atinge um significado tanto maior se atendermos ao facto de o poder que controla os meios de comunicação, tanto nos Estados Unidos como na América Latina, estar concentrado nuns quantos homens e em suas empresas. Como as possibilidades de um programa de televisão dependem, consideravelmente, dos anúncios, existe uma poderosa competição entre algumas cadeias de Televisão a fim de obter com estes a maior audiência possível. Assim, o objectivo de utilizar a Televisão com fins culturais e sociais seria naturalmente prejudicado. Todos os meios de difusão (Televisão, Rádio, Imprensa periódica, etc.) propagam um conteúdo político. Além das imagens e das notícias que apresentam, tal conteúdo vale pelos que são sonhados. Não existe, na prática, qualquer suposta diferença de orientação política entre as três maiores cadeias de Televisão dos Estados Unidos (ABC, CBS e NBC).

GRANDES LUCROS

O desenvolvimento da Televisão na América Latina passou por diferentes fases. Os países importantes e mais desenvolvidos como a Argentina, o Brasil, Cuba, o México e a Venezuela encetaram o processo no princípio dos anos 50, principalmente com o capital de capitalistas crioulos. Os investimentos iniciais foram consideráveis e os lucros obtidos foram maiores do que aqueles a que os capitalistas latino-americanos estavam acostumados; tais empresários compreenderam, no entanto, que a Televisão permitiria lucros não só em termos monetários como também na qualidade de um mecanismo capaz de moldar

as opiniões e de aliviar, através da diversão, as frustrações do povo.

Existem duas razões básicas devido às quais as proprietárias dos meios de difusão dos Estados Unidos não fizeram importantes investimentos durante os primeiros tempos da Televisão na América Latina. Primeiro, as facções conservadoras da comissão de directores das empresas proprietárias duvidavam de que na América Latina existisse um mercado suficientemente grande para que os resultados fossem positivos. Argumentavam que os próprios latino-americanos deveriam correr os riscos iniciais. Se a Televisão fosse capaz de obter a necessária audiência nesses países subdesenvolvidos do Sul então as companhias norte-americanas (CBS, NBC, ABC) participariam.

A segunda e provavelmente a mais significativa das razões pelas quais estas companhias não fizeram investimentos nos primeiros tempos da Televisão latino-americana explica-se pela estrutura económica do sistema capitalista americano. Mais ainda: na década de 50 a indústria da Televisão não tinha uma necessidade económica que a estimulasse a expandir-se nos mercados estrangeiros.

Durante essa década, continuava a desenvolver-se o mercado da Televisão. O povo norte-americano exigia mais televisores e mais programas. As estações locais de televisão necessitavam de equipas especializadas e de assistência técnica. Também havia carência de patrocinadores e, por isso, enviavam as agências publicitárias ao encontro dos clientes, que aguardavam com ansiedade. Por último, nos fins dos anos 50 e princípios de 1960, a procura declinou. O mercado de aparelhos de televisão e outras equipas de programação e transmissão começou a saturar-se; a produção de programas e de películas fazia-se a preços muito elevados. Era evidente para os empresários responsáveis pela produção de lucros que a única forma de resolver este problema consistia em aumentar a distribuição dos programas de Televisão. Já em 1960, a América Latina demonstrou às empresas proprietárias de meios de difusão norte-americanas que era terreno seguro e frutífero.

INTERESSES COMERCIAIS

A presença crescente das companhias norte-americanas provoca um ímpeto renovado na vida da Televisão na América Latina que, na realidade, estimularia o uso

da TV para vender os seus produtos (através de anúncios).

Os investimentos directos privados norte-americanos na América Latina aumentaram de 4,4 biliões de dólares em 1950 para 11,5 biliões em 1966. Em 1967 os Estados Unidos exportaram para a América Latina produtos no valor de 4,1 biliões de dólares.

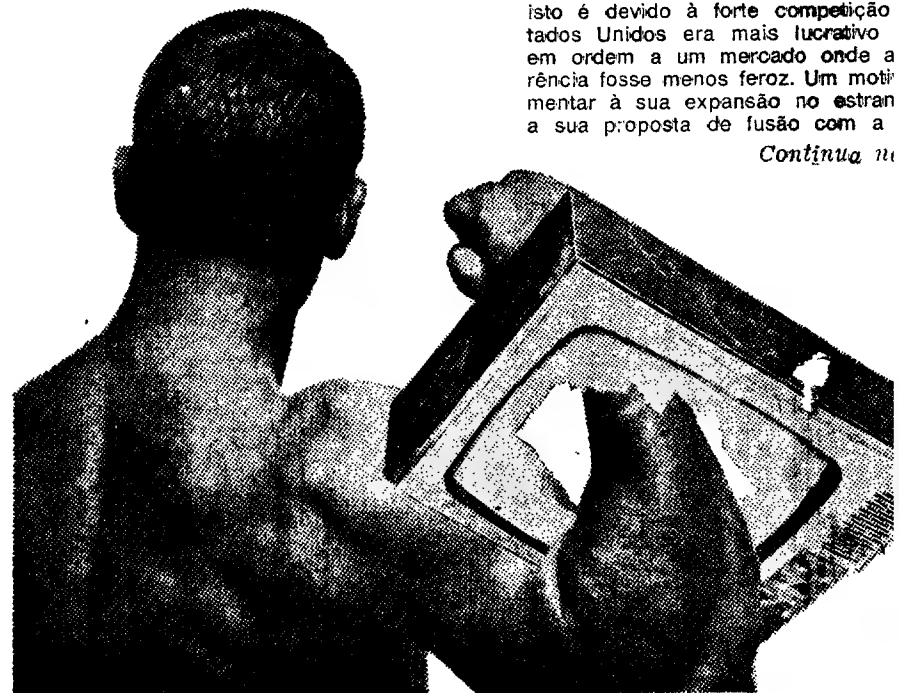
Apesar do desenvolvimento dos sistemas de Televisão nos seus países, levado a cabo por homens de negócio latino-americanos, estes foram sempre influenciados, e frequentemente limitados, pelas indústrias de aparelhos electrónicos e de meios de difusão dos Estados Unidos.

Os materiais de programação, a assistência técnica e os televisores vinham dos Estados Unidos. Muito mais importante porém é o facto de, atendendo ao custo assaz elevado do uso dos meios disponíveis, cerca de 80 por cento dos programas apresentados na América Latina serem produzidos nos Estados Unidos (tal como «The Flintstones», «I Love Lucy», «Bonanza», «Route 66», etc.). Os realizadores iniciais de Televisão na América Latina

puseram em relevo as possibilidades de difusão no domínio da televisão. Contudo, uma vez começadas as operações, a Televisão educativa foi de Dizard afirmava que «a maioria das produções de Televisão dos países desenvolvidos são dirigidas, directamente ou indirectamente, por interesses comerciais. E, inicialmente, estavam interessados em ter solventes as suas empresas. Programas educativos constituíram um limitava os meios de que dispunha para produzir dividendos».

A ABC, uma das três cadeias de maior importância nos Estados Unidos, foi a pioneira da penetração no mercado estrangeiro, através da sua participação na Worldvision (Mundial) — uma série de estações de Televisão no estrangeiro, as quais a ABC realizou investimento para explicar o começo da primazia no campo internacional, pois é economicamente mais débil do que a NBC e a CBS, além de ser a menos por três mais importante cadeias de Televisão dos Estados Unidos. É provável que a decisão de se expandir no estrangeiro tenha baseado nestas mesmas limitações. Isto é devido à forte competição dos Estados Unidos era mais lucrativo em ordem a um mercado onde a concorrência fosse menos feroz. Um motivo para a sua expansão no estrangeiro a sua proposta de fusão com a

Continua na



es e perspectivas do cinema amador

ESTUDO ELABORADO PELA SECÇÃO DE CINEMA DO ATENEU DE COIMBRA

limites congénitos inultrapassáveis, pois depende só da capacidade empreendedora daqueles que por ele se interessam, conseguir os meios que ampliem as suas possibilidades.

Fundamentalmente, para que o cinema amador não deixe de o ser, basta que evite obediência às regras da economia mercantil; mas pela própria existência do cinema profissional ele deve desempenhar uma função bem diversa, ganhando um carácter peculiar quanto à produção, à distribuição e ao público.

Assim, podemos visionar um cinema amador isento das peias do cinema profissional, com certeza menos opulento, mas não de menor significado cultural.

Pense-se, por exemplo, no teatro amador (ressalvando, desde já, o vício da competição e equiparação com o teatro profissional, que desejariamos não ver nunca transferido para o cinema amador...).

Num país em que o cinema profissional está limitado pelas malhas apertadas dos interesses capitalistas e sendo na maioria de importação, fica aberto um vasto campo ao cineasta amador para a criação de um cinema de raiz nacional, sobretudo pela realização de um inquérito aos nossos problemas, mas também pela aquisição de uma experiência individual e pela divulgação do cinema junto de grandes camadas para as quais ele ainda é inacessível: e é ferimo-nos, sobretudo, aos meios rurais, mas também às pequenas vilas e cidades onde está por chegar um cinema que humanize consciencializando, distraia humanizando.

Eis, portanto, em traços gerais, a perspectiva em que gostaríamos de ver enquadrados o cinema amador.

Os Festivais de Cinema Amador

Os festivais são a manifestação pública mais importante do cinema português de amadores. É por isso que vamos partir deles para a análise que nos propusemos fazer do cinema amador. Desde logo nos merece algumas considerações a constituição dos júris, pois nos parece que, salvo algumas excepções, a sua formação obedece a critérios que não têm em conta exclusivamente a valorização artística dos filmes apresentados. Será por isso que os críticos estão ausentes dos júris dos festivais? A título de exemplo cite-se a constituição do júri do Concurso Nacional de Filmes de Amadores de 1968, organizado pelo Clube Português de Cinema de Amadores (C. P. C. A.), «membro permanente da U. N. I. C. A. (União Internacional de Cinema de Amadores)»: «Ex.^{mos} Senhores Dr. Félix Ribeiro, Director da Cinemateca Nacional, que presidiu, Vitoriano Rosa, da Revista Plateia, Eng.^o Lemos Pinheiro, do C. C. B. (Cine Clube da Beira), Rogério Ceitil, do C. G. A. (Clube Galitos de Aveiro), Carlos Mascarenhas de Azevedo, da Revista Cinema de Amadores, Júlio Rabaca e Dr. Francisco Alves da Costa, do C. P. C. A. (Clube Português de Cinema de Amadores). Fizera também parte do apuramento de classificação e pontuação os Senhores Coronel Luciano Alves e António Bernardo, respectivamente presidente e secretário-geral do Clube Português de Cinema de Amadores, Mário de Aguiar, da Revista Plateia, e Capitão Baptista Rosa, da Radiotelevisão Portuguesa.» (1) A citação é longa, como numeroso é o júri. Mas valeu a pena pelo esclarecimento que nos oferece.

Quanto aos regulamentos dos festivais nacionais, há que salientar um pormenor curioso: a inserção de uma norma que permite ao júri

«excluir os filmes que, pelo seu conteúdo, ofendam a moral ou envolvam propaganda política.» (2) Qual o alcance desta cláusula? Não o sabemos. Verifica-se, todavia, a sua inexistência nos regulamentos dos festivais internacionais, mesmo quando realizados em território português. (3) E até se conhece o grau de dependência que costuma acompanhar estas exclusões. Mas continuemos...

Pelo número de festivais que se realizam poder-se-ia pensar que se estavam lançando os fundamentos de um cinema digno desse nome, razão porque todos poderíamos dormir descansados: a seu tempo, o cinema amador não deixaria de dar os seus frutos, como resultado do aperfeiçoamento de uma aprendizagem técnica e de uma bagagem cultural que incluiria um conhecimento das funções e objectivos da obra de arte em geral e do cinema em particular.

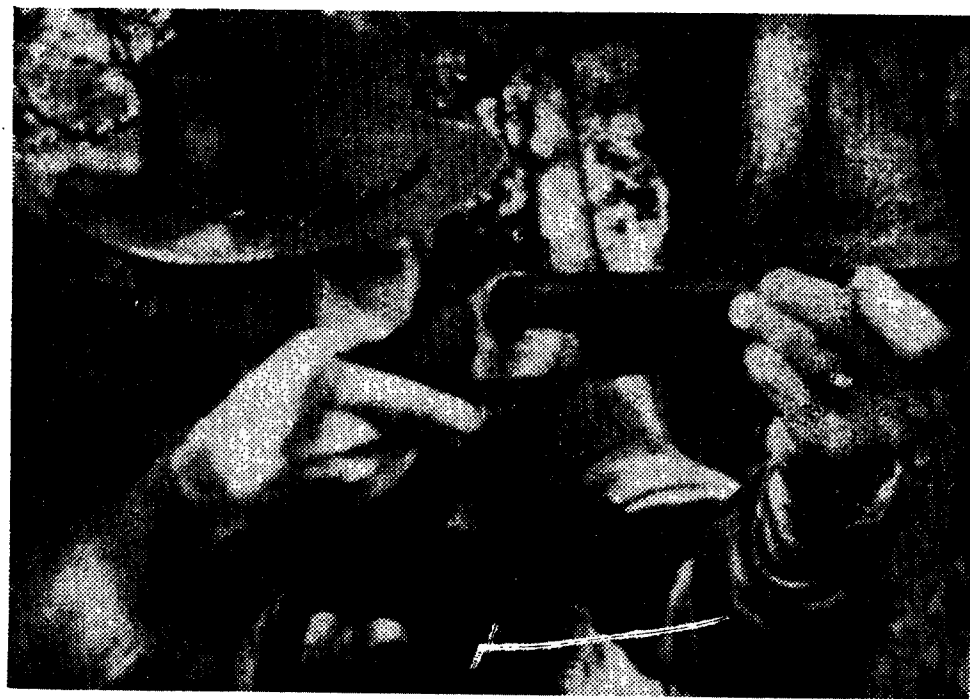
Ora, na verdade, o panorama que se nos apresenta é bem diferente. Em regra, para o cineasta amador o cinema é um *hobby*, um passatempo caro, convenhamos, colocado num plano igual ao do comboio eléctrico que o burguês instala em sua casa. É, pelo menos, esta a impressão que colhemos dos festivais a que tivemos a ocasião de assistir, concretamente o que resultou de uma iniciativa da Federação Portuguesa de Amadores (em formação). De resto, este último festival, ou melhor, a sessão organizada para projecção dos filmes e entrega dos prémios, foi justamente uma ilustração da perspectiva assumida pelos cineastas amadores. Tratou-se de uma reunião em família, com os cumprimentos respectivos, os sorrisos, o encontro de pessoas onde se adivinhava um convívio frequente. Não temos conhecimento que do programa do festival fizesse parte qualquer sessão de estudo dos filmes apresentados, ou discussão dos problemas inerentes à situação do cineasta amador. Tem interesse atentar, todavia, numa afirmação do relatório do Júri, lido por ocasião da entrega dos prémios, em que se dizia: «os temas do cinema amador, não se podem desenvolver no cinema comercial.» Estamos perante um cinema predestinado?

O Cinema Amador, os Cineclubes e a Crítica

Traçado em linhas gerais o perfil característico do cinema amador, incluindo as iniciativas que o divulgam e que até certo ponto o definem, importa vermos porque se chegou a esta situação e quais as possibilidades de a superar.

Antes de mais nada, há que assinalar o divórcio existente entre o cinema amador (e os seus organismos representativos) e o movimento cineclubista, votado à divulgação do cinema profissional e de autor. A raiz desta divergência pensamos vê-la na posição que o cineclubismo foi levado a tomar, logo de in-

cio, face ao que se afigurava mais urgente: divulgar o melhor cinema, na medida do possível, salvando-o do anonimato das sessões comerciais, estudá-lo, criar um público interessado e esclarecido que permitisse às agências distribuidoras, salvaguardando o respectivo lucro, a importação de obras de melhor qualidade. Estes os objectivos, ditados pela situação concreta do cinema em Portugal, aquando do início do movimento. Quanto a nós, são incalculáveis os benefícios desta orientação e, a tal ponto, que se não pode pensar uma história do cinema em Portugal que não inclua o cineclubismo, que não analise as suas repercussões que vão até à constituição de um núcleo de autores e de críticos que colocam, apesar de tudo, o panorama actual do cinema português num plano qualitativo forçosamente superior àquele que a acção dos cineclubes. Isto porque, para nós, são bem concretos os seus efeitos.



Uma imagem do filme «Uma batida às raposas»

Na altura da formação do movimento cineclubista, já existiam em Portugal organismos de cinema amador, e, tendo em conta a complementaridade das suas actividades que, em última análise, visam fins comuns, parece-nos estranho não se ter assistido à fusão e integração destes organismos num único movimento que, tivesse por objectivo a dignificação do cinema. Mas a esta via, e no âmbito do cinema amador, preferiu-se a da criação de organismos de cúpula que o promovessem e divulgassem mas que acabaram por não intervir directamente na formação dos cineastas. Eis porque a sua acção educativa foi diminuta e acidental, pelo que se não pode falar de um movimento onde está ausente a intenção de criar estruturas de base.

O cineasta amador é um herói que faz filmes como pode e o melhor que pode e depois os envia aos festivais. Chegado aí, pode ser ou não premiado, ser ou não elogiado. Raramente analisado. E quanto a ser acompanhado no seu traba-

lho, é preocupação que não faz parte das coordenadas por que se regem os organismos existentes.

Passaram-se os anos. Hoje os cineclubes, sobretudo os da província, encontram-se perante uma situação de crise e são já sensíveis às tentativas de autocritica que levem à sua reestruturação. Se é certo que ao cineasta amador, afastado dos grandes centros, falta apoio eficaz, é o momento oportuno para que os cineclubes incluam nos seus futuros esquemas de acção a promoção na base do cinema amador, sem dispensar a necessária acção formativa essencial. Constituir equipas de cineastas, se põe problemas de organização, irá no entanto enriquecer imenso as possibilidades até agora, na generalidade, tão limitadas do cinema amador. Julgamos que a definição de objectivos, a reunião de fundos para a produção, a utilização do material por um maior número de pessoas, a exibição dos filmes para

nema amador? Haveria todo o interesse que se fossem destacando os autores mais capazes e se analisasse a sua obra. Além da sempre necessária crítica global, evitar-se-ia o preconceito de que o cinema amador é necessariamente igual a cinema de segunda.

Os cineastas

Dentro do cinema português, é sem dúvida o de António Campos aquele que tem sido mais discutido e analisado, embora não participando, talvez significativamente, dos festivais. Na verdade, parece-nos ser este o realizador mais dotado e com uma obra sem paralelo em Portugal, não só pela intuição cinematográfica que está na base dos seus primeiros trabalhos, a que se seguiu um estudo e pesquisa que lhe abriram outras perspectivas, mas pela observação rigorosa da realidade, um autor que persegue e regista algumas das nossas contradições, os motivos de pensarmos e

agirmos em relação aos factos, aos acontecimentos quotidianos do homem.

Depois dos seus dois filmes de 8 mm («O Tesouro» e «O Senhor») onde já se adivinhavam as suas qualidades de documentarista, pois a acção não raro é motivada pela ambiência socio-geográfica, típica de certas regiões do país, em estúdio de acentuado atraso, António Campos realiza em 16 mm aquele belo filme «Almadraba Atuneira», que alguém comparou já à famosa película «La Terra Trema», de Visconti. Trata-se dum fresco notável sobre a pesca do atum, as relações entre o pescador e a empresa, o círculo apertado à volta do homem, alagado e ofendido por uma exploração que nada lhe consente. Aqui já António Campos evidencia uma dinâmica focal que surpreende, a obstinação com que enquadra o homem e o impenetrável nas imagens. Depois disto, só alguns planos de «A Invenção do Amor» (o último filme que dele vimos)

Cont. na pág. 8

Uma certa ideia da Europa

Continuação da pág 1

Qualquer que seja o efeito que esta decisão tenha sobre a evolução da realidade grega — e ela acentuará, fatalmente, o isolamento de um regime militar que constitui um anacronismo entre as nações europeias, como o não pode, aliás, deixar de ser qualquer regime autoritário — criou-se, assim, um precedente que, certamente, desencorajará todos os que alhures procurem seguir o exemplo dos coronéis helénicos. Ao arripio de uma liberalização e democratização efectiva da vida política. É verdade que o Conselho da Europa não agrupa a totalidade dos países do Ocidente europeu, mas os princípios que ele acaba de reafirmar constituirão, inevitavelmente, uma condição para que a integração económica e política, e, particularmente, a admissão de certos membros no desejado concerto da Europa, possa processar-se normalmente e sem dificuldades institucionais graves. Pense-se, por exemplo, no problema que um dia poderá levantar a eleição de um parlamento europeu se não houver uma real democracia plu-

ralista em todos os países empenhados na construção da Europa, seja ela mais ou menos pequena ou grande — e é ainda demasiado cedo para fazer previsões sobre a sua extensão, natureza e estruturas.

Sabe-se que o general de Gaulle, além de «uma certa ideia da França», tinha uma determinada concepção da Europa, que, com a sua grandeza habitual, ele visionava, num futuro longínquo, «do Atlântico aos Urais», embora contentando-se a curto prazo com a «Europa das pátrias». Certos acidentes que não foram apenas de percurso, como os acontecimentos de 1968 em França, o esmagamento pelos tanques soviéticos da «Primavera de Praga» e a sua própria derrota no referendo, puseram prematuramente termo às suas ambições. Enquanto a independência continuar a ser negada aos países ditos socialistas, apesar das tentativas feitas por alguns destes de conciliarem o socialismo e a liberdade, enquanto, por outro lado, persistirem no Ocidente europeu regimes de força e a independência económica de todos os países não for assegurada, não é provável que essa concep-

ção consiga vingar. Seja qual for a ideia que lhe esteja ou venha a ser substituída, e os interesses que nela predominem, a verdade é que há, pelo menos, uma certa ideia da democracia — se não a da Europa dos meios económicos, em todo o caso a da Europa dos povos — que a opinião pública dos países ocidentais evoluídos não deixará de tentar, apesar de tudo, fazer prevalecer, como aconteceu no caso da Grécia. Daí o seu precioso valor de exemplo.

Se, como disse o grande filósofo Husserl, «a Europa tem um lugar de nascença» — não apenas um lugar geográfico, mas «um lugar espiritual de nascença» —, que se incarna numa nação — e «esta nação é a Grécia antiga dos séculos VII e VI a. C.», a Grécia da filosofia, que não a Grécia dos escravos — não poderemos nós hoje, que esse lugar é profanado sem pudor, ver na condenação dessa mesma profanação do espírito originário europeu o primeiro sinal do seu ressurgimento?

JOSÉ AUGUSTO SEABRA



Imagem do filme de Júlio Bernardo: «Ferragudo»

Cinema amador

Cont. da página 7

conseguem superar, em força e intenção, os que «Alma d'ra Ba Atuneira» nos apresenta. Mas, mesmo assim, apesar de «A Invenção do Amor» ser um filme discutível, em nada se pode comparar aos malabarismos pretensiosos da maior parte dos nossos cineastas amadores (e se fosse só destes...), à confusão dos quais António Campos opõe austeridade, uma banda sonora com altos momentos e algumas imagens que deixam entrever a marca dum realizador de quem se aguarda ainda uma obra totalmente conseguida.

Depois de António Campos, afigura-se-nos ser Júlio Bernardo o que realiza um cinema mais honesto e mais válido, segundo o critério que reputamos dever exigir-se a todo o artista que publicamente apresente os seus trabalhos. Isto porque todas as experiências são válidas, como é consabido, mas só podem interessar como tal e não apresentadas ostensivamente como obras de arte definitivas como nos tem sido dado observar (4).

Júlio Bernardo caiu neste pecado ao apresentar «Mascarada», seu primeiro filme de enredo e a cores, embora ele próprio reconheça tratar-se de um filme pouco significativo, tematicamente afastado dos seus restantes filmes.

Onde Júlio Bernardo se revela exemplar é, sem dúvida, como documentarista. Aqui nos surge a camara com a sua força e poder, o impacto das imagens e sua verdade contrastada. Tal se manifesta em «Ferragudo» (1963), canto de trevas com seu ritmo lento e certo, agora com uma banda sonora que sublinha o esforço, o que há de doloroso no trabalho desumano; em «Uma batida às raposas» (1964-65), menos conseguido mas com pormenores que marcam um estilo, uma perspectiva que equaciona a perversidade e sadismo que não estão ausentes do acto de caçar; e, sobretudo, em «Há Peixe no Cais» (1966), com uma montagem certa, nervosa e ágil, e alguns momentos que se contam entre os melhores que o cinema português já realizou.

Uma característica do cinema de Julio Bernardo é o aproveitamento exaustivo do recurso antitético, com que o autor critica ou condena, tomando posição no que lhe parece dever ser corrigido. Recorde-se, entre muitos exemplos, a criança que colhe flores sob os tiros da caçada («Uma Batida às Raposas»), a mancha da raposa e os cavalos em liberdade (mesmo filme), ou os pés dos pescadores, caminhando para a faina, e a imagem das gaivotas, voando contra o azul («Há Peixe no Cais»). Síntese dos filmes de Julio Bernardo: um cinema de contrastes.

★ Ao falarmos dos cineastas amadores, seria injusto não referir os nomes de Fernando Ferreira (autor de «A Pinha de Natal»); de José Barbosa, com o seu filme «Os Pequenos Pintores do Castelo»; e de José Cardoso, do Cineclub de Beira, de quem não vimos «O Anuncio» mas que nos impressionou favoravelmente no seu outro filme «Pesadelo».

Igualmente seria notada a não inclusão dos nomes de Vasco Branco e Nuno Vieira da Fonseca, precisamente os realizadores mais vistos e premiados na série de «festivais». Todavia, os caminhos destes dois últimos autores não nos parecem definidos e programados e, se tecnicamente muito aceitáveis, os seus filmes navegam numa confusão de formas mal assimiladas, sem uma linha certa e arrumada, o que lhes transforma as qualidades em virtuais aptidões para um cinema que há muito se aguarda.

SECÇÃO DE CINEMA DO ATENEU DE COIMBRA

1) In Revista «Cinema de Amadores» n.º 146, Abril/Julho de 1968, pág. 2687 (propriedade da Sociedade Pathé-Baby, Lda.)

2) Regulamento do Concurso Nacional de Filmes de Amadores de 1969, idem n.º 149, Janeiro/Março de 1969, pág. 2757.

3) V. Regulamento do V Festival de Cinema de Amadores do Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação.

4) A que acima defendemos não anula a distinção entre cinema experimental e mera experiência cinematográfica, antes pelo contrário.



Porque o SUPER IMP entende a juventude dos 18 aos 80. Arranca com ela para um mundo novo. Mais vibrante e melhor vivido.

Amplas janelas com vidro de elevador e portas largas para uma família jovem. Janela de abrir na retaguarda. E um motor nervoso e submisso como um animal de raça.

Entre nele. Domine-o. E sinta-se ainda mais jovem.

Conheça também o SUNBEAM CHAMOIS de acabamentos luxuosos

...em todo o país encontrará a estrela CHRYSLER!

Concessionários em Lisboa:
J. COELHO PACHECO, COMERCIAL S.A.R.L.
R. Braamcamp, 92 - Lisboa 1
SIDIAL
Av. de Roma, 15 B - Lisboa 5

AGENTES EM TODO O PAÍS



CHRYSLER
DE PORTUGAL



«Há peixe no cais», outro filme de Júlio Bernardo

O mais influente meio de propaganda

Continuação da pág. 6

International Telephone and Telegraph Corp.), anunciada em Setembro de 1965. Esta união resolveria os problemas económicos da ABC e tornaria possíveis consideráveis contratos no estrangeiro, pois a ITT é o maior sistema internacional de telecomunicações existente no Mundo. Outro aspecto essencial da fusão proposta reside no facto da ITT ser uma das cinco ondas transmissoras americanas autorizadas pela Comissão Federal de Comunicações para adquirir canais de Televisão da COMSAT (Communications Satellite Corp.), com objectivo de vendê-los ao público (as quatro restantes são a AT & T, RCA, Western Union e The Hawaiian Telephone Co.). A fusão forneceria um importante comprador à ITT, tanto de canais de satélites como dos seus próprios equipamentos de televisão.

Infelizmente para ambas as companhias, em Janeiro de 1968 a ITT foi obrigada a desistir dos planos de fusão. Apesar da F. C. C. ter aprovado, por duas ocasiões, o plano de fusão no espaço de dois anos, o Departamento da Justiça opôs-se à mesma.

PENETRAÇÃO E DOMÍNIO

Contudo, apesar deste contratempo, a ABC Worldvision continuava a desenvolver-se. Em meados de 1968 a Worldvision vangloriava-se de possuir 64 estações de Televisão em 27 países (16 das quais na América Latina), cuja emissão ultrapassava 20 milhões de horas. O método utilizado pela ABC para criar este império da Worldvision é bastante comum. Primeiramente a ABC realizou investimentos na estação de Televisão. Este investimento está relacionado com os serviços que a ABC Internacional pode oferecer à estação de Worldvision.

Por exemplo, a ABC pode oferecer apoio financeiro, serviços técnicos e administrativos, programas para a formação de pessoal, um serviço de compra de programas e, acima de tudo, actuar como representante de vendas da estação. A ABC considera essenciais estas duas últimas funções para o êxito do sistema Worldvision, pois as estações têm que estar de acordo quanto à aceitação dos programas e dos anúncios seleccionados previamente pela ABC (1).

Portanto a função realizada pela Worldvision para a ABC consiste em centralizar três tarefas muito importantes e lucrativas: compra de programas, representação de vendas e organização de cadeias difusoras.

Num certo sentido a ABC Internacional está a tornar-se uma agência publicitária mundial. «Contudo a perspectiva da ABC é contrária ao que fazem as agências. A ABC intenta criar um meio de difusão único no mundo, que possa ser adquirido por um publicitário internacional de maneira centralizada, apesar das agências publicitárias procurarem estender os seus serviços ao estrangeiro a fim de se aproximarem da variedade dos meios de difusão existentes em todo o mundo. Não obstante, ambas confiam na existência de um considerável grupo de companhias internacionais que elaboraram planos para o mercado e incluem grandes porções do globo» (2).

O papel que a ABC Internacional jogou na América Latina e a forma como organizou e desenvolveu as suas operações, constitui uma síntese da maneira como os meios de difusão, e em particular a TV podem ser utilizados pelas companhias norte-americanas para servir de arma de companhia à penetração, domínio e eventual adulteração das economias estrangeiras.

FOMENTAR UM CONSUMO ARTIFICIAL

Em 1960, após uma enorme persuasão por parte de funcionários do Governo de homens de negócios norte-americanos, os países centro-americanos acordaram em criar um mercado comum económico. Este sistema permitia aos homens de negócios dos Estados Unidos estabelecerem-se num país da América Central e vender os seus produtos em todos os países, sem pagamento de tarifas e, segundo informações do Departamento do Comércio norte-americano, centenas de companhias norte-americanas afluíram em manada a fim de aproveitar o novo mercado.

Também em 1961, após um ano de existência, a ABC Internacional antecipou 250 mil dólares e realizou investimentos em cinco estações centro-americanas de Televisão — uma em cada um dos cinco países.

Este grupo foi denominado Central Americana TV Network (Cadeia Centro-Americana CATVN). Como se pode adivinhar, a CATVN, através da ABC Internacional, mantém um programa centralizado de vendas de publicidade e um sistema distribuidor

de películas. A ABC Internacional publica uma lista de 31 companhias que anunciam através do sistema Worldvision, realizando quase todos os negócios na América Central. A ABC, através das suas estações de Televisão, fomenta um consumo artificial que, na maioria dos países do Terceiro Mundo, não devia ter prioridade sobre a educação, a saúde e o desenvolvimento económico básico. Contudo, isto parece ser o que se verifica na América Latina. As companhias norte-americanas continuam a prosperar e o papel da ABC nesse processo é denunciado pelas suas próprias palavras:

«Agora as estações Worldvision chegam a um universo integrado por cerca de 15 milhões de locais (1963) onde entra a Televisão. O poder aquisitivo deste auditério, que cria uma tendência, é superior a 136 bilhões de dólares disponíveis. Eles são os primeiros a desenvolver a lealdade às marcas de fábrica, que estabelecem os padrões para as restantes».

E quando os Estados Unidos exerceram maior pressão nos países sul-americanos, a fim de convencê-los da necessidade de criar uma Associação Latino-Americana de Comércio Livre, em Janeiro de 1968, a ABC Internacional criou o LATINO (Organização de Cadeias Internacionais de Televisão Latino-Americana) que seguiu as mesmas linhas do CATVN e que é integrada até agora pela Venezuela, Equador, Uruguai, Argentina, Chile e México. Nem a CBS, nem a NBC participaram no mercado internacional à escala em que o fez a ABC. Ambas gozam de uma boa posição financeira — as acções são elevadas e os capitais são grandes (670 milhões para a CBS e dois bilhões e 84 milhões para a RCA, que é a companhia gêmea da NBC). As companhias também obtêm lucros em consequência do aparecimento de conglomerados. Entre os subsidiários da RCA encontram-se Hertz, Commercial Credit Co., Random House, Sunbury and Dunbar Music, Inc., Defense Electronic Products e dois centros Job Corps Training. A família da CBS está rodeada ainda pela editora Holt, Rinehart and Kingston, Inc., pela Creative Playthings, Inc., Baily Films e pelos New York Yankees.

FALTA DE ATRATIVO A INVESTIMENTOS

Apesar dos investimentos da CBS e da NBC no estrangeiro não serem elevados, os meios de que dispõem tendem a situar-se em zonas estratégicas. A CBS possui companhias produtoras em Buenos Aires, Caracas e Lima; as da NBC encontram-se em Monterrey, México, Caracas, Saigão e no Médio Oriente.

A especialidade da NBC no exterior são os contratos de serviços de direcção e programação, em vez de investimentos directos em estações de Televisão. A NBC Internacional trata directamente com os radiodifusores estrangeiros a fim de lhes vender os seus programas, que são exibidos em 82 países. Os serviços de direcção incluem desde a assistência até ao estabelecimento de um sistema completo de Televisão num país.

Segundo a NBC, um «contrato extenso» significa analisar os objectivos do país cliente (porque motivo deseja a Televisão?), realizar uma vigilância técnica, sugerir um programa completo, criar um corpo para a realização de programas (três membros do pessoal da NBC, um administrador-geral, um director do sector de engenharia e um director administrativo serão responsabilizados pelo projecto), desenhar, construir e equipar os estúdios de Televisão e, por último, supervisionar e assistir à transmissão da estação.

O contrato para a instalação de um sistema completo, estende-se em geral por cinco anos. A influência do estilo, as prioridades e estrutura da NBC (em especial a sua preferência por estações não estatais) serão postas inevitavelmente em relevo num sistema de Televisão do país cliente. Uma revista comercial sugeriu que o interesse da NBC em desenvolver sistemas de Televisão à volta do mundo não consiste tanto em obter o «controle» mas sim estimular o pedido de aparelhos de Televisão, de que a RCA é o principal produtor.

A CBS concentrou na América Latina a sua limitada expansão no estrangeiro. Contudo a sua política global é ainda vacilante. O factor principal está em que tanto a CBS como a NBC têm uma série de prioridades diferentes da ABC. Merle S. Jones, presidente da CBS-TV e director da CBS (também é o director da Proarte, de Buenos Aires, da Provental, de Caracas, da Pantel, de Lima, da Companhia Televisora de Trinidad e Tobago e dos Teleprogramas Iberoamericanos do Panamá) define a limitada presença da CBS no estrangeiro não como uma falta de interesse, «mas o

facto indelével é que as oportunidades não surgiram na forma como concebemos uma oportunidade. Travamos conversações preliminares na América do Sul — Colômbia, Brasil e Chile —, mas simplesmente não foram oportunidade atraentes. Quando se viaja pelo mundo comprava-se que a Televisão é dirigida pelo Estado ou é semi-estatal e não oferece o necessário atractivo à realização de investimentos... Preferimos permanecer livres para o mercado completo».

EFEITO PREJUDICIAL?

É provável que a CBS e a NBC considerem que o papel da ABC no exterior é, acima de tudo, o de uma agência publicitária internacional interessada na compra e venda de programas e de tempo para publicidade.

Aliás, a ABC viu-se obrigada a adoptar semelhante função devido à debilidade no campo da transmissão de Televisão relativamente à CBS e à NBC. O que parece ser certo é que a CBS e a NBC se consideram transmissores e, portanto, desejam o «controle» das estações de Televisão no estrangeiro. E como não podem obter o referido «controle» preferem esperar por momento mais oportuno.

Time-Life Broadcast é outra companhia importante dos Estados Unidos que realizou investimentos na América Latina (Argentina, Brasil e Venezuela). Os interesses da Time-Life no Rio de Janeiro tornaram-se objecto de uma controvérsia, em 1965, quando Carlos Lacerda atacou o Governo brasileiro por não actuar contra a participação «inconstitucional» da Time-Life na Televisão-Globo (nenhum estrangeiro pode possuir, nem participar na orientação administrativa de empresas jornalísticas). Time-Life investiu cerca de seis milhões de dólares na principal estação de Televisão do Rio, que é propriedade da mesma família que edita «O Globo», o jornal de maior circulação no Brasil.

Caracas e Venezuela são exemplos de participação intensiva das companhias norte-americanas no mercado da Televisão. A Time-Life e a CBS são proprietárias de 20 por cento dos interesses na companhia produtora Provental. O resto está nas mãos

de Goar Mestre e de outros capitalistas locais. (Mestre foi um importante negociante de Havana que desenvolveu e controlou a maior parte da Televisão cubana antes da Revolução. Em 1958 estabeleceu na Argentina, Proarte (Canal 13), associada de novo com Time-Life e com a CBS). A NBC fez investimentos em Rádio Caracas-TV (canal 2), que é membro da ABC Worldvision.

A ABC controla uma parte da Venevision (Canal 4), da Venezuela e Screen Gems tem interesses no (Canal Onze).

O efeito que a Televisão produzirá na América Latina é ainda indefinido mas, provavelmente, não será benéfico para os seus povos. O ênfase que a Televisão consagra ao consumo não só levará a aumentar as frustrações de muitos latino-americanos como continuará a prejudicar, como o fizeram no passado as companhias norte-americanas, o desenvolvimento dessas sociedades. Os valores evidenciados pelos programas de Televisão e pelos anúncios importados dos E. U. A. afectarão, de maneira decisiva, a integridade cultural dos povos latino-americanos. Shigeto Tsuru, economista japonês, referiu-se a este aspecto de forma pessimista e afirmou que os meios de difusão servem aqueles que os controlam.

Neste mundo de comunicação de alta potência, seria talvez mais correcto falar de uma nova forma de «auto-alienação» dos que vivem em regime capitalista. Se em qualquer lugar da Terra existisse uma sociedade que fizesse uso total dos técnicas altamente desenvolvidas das comunicações de hoje, com o único propósito de satisfazer as necessidades culturais da população, seria uma valiosa experiência para todos nós visitá-la — nós que todos os dias, hora a hora, não podemos libertar-nos da investida, astuta ou cruel, da comercialização moderna de uma sociedade capitalista.

JON FRAPPIER

(1) «Por exemplo, ABC pode vender artigos Batman a um anunciante e utilizar o Batman conjuntamente com as empresas designadas em qualquer país que o anunciante deseje e no qual exista a Worldvision». A Televisão à volta do Mundo, por Ralph Tyler (em «Televisão Magazine», Outubro 1966, pág. 33).

(2) Artigo citado, pág. 61.



CLARO QUE NÃO! HOJE EM DIA, A SENHORA EXIGE UM PROCESSO RÁPIDO E MODERNO PARA A LAVAGEM DA SUA ROUPA, EXIGE

RuTon

só RuTon lhe oferece muito mais

ECONOMIA • SEGURANÇA • EFICIÊNCIA e SIMPLICIDADE

NA MAQUINA DE LAVAR ROUPA **RuTon** É TUDO AUTOMÁTICO



A criança e o livro

Cont. da pág. 5

ambos a debatermo-nos com a nossa imaginação para darmos uma continuidade à história, para lhe acharmos um fim. Assim a narração desenrola-se em dois planos que constantemente se cruzam. Levará isto a um desencantamento? Não o creio. Levará sim a um certo distanciamento e a uma maior expectativa perante a história, maravilhosa sim, mas como história.

RUI GRÁCIO — A observação e o processo parecem-me muito interessantes. Se a criança é reptada a imaginar também, se ela é solicitada a criar, fica a compreender melhor que aquilo que lhe é proposto não passa de uma criação. Nesse caso, de facto, distanciam-se. E provocar a sua participação activa e criadora não pode senão aprovar-se.

DA CASUALIDADE MÍTICA À CASUALIDADE CIENTÍFICA

RUI GRÁCIO — A psicologia infantil diz-nos que a criança aceita o maravilhoso por si. O pressuposto de que a criança já não aceita o maravilhoso, porque o mundo técnico está cheio de maravilhas, de enigmas, de coisas prodigiosas, que teriam destronado as varinhas de condão, não me parece justificado.

Diz Henri Wallon que na segunda infância, cito de memória, a criança não tem capacidade para dar uma explicação natural das coisas. A causalidade natural, que é a nossa e a do pensamento científico, não é acessível à criança. A forma de aceder à compreensão naturalística de que as coisas se transformam, se determinam, a forma de aceder a isso é a forma mítica. Ela está mais habilitada a entender uma varinha de condão, por exemplo, do que uma causalidade natural que a ciência desmonta. Esta mitificação dos processos naturais é o modo de a prepararmos para ela vir a entender, na futura objectividade a partir dos 6-7 anos, o que no mundo real existe de maravilhoso.



António Torrado

Portanto, da causalidade mítica acederá por si à causalidade natural. Apartá-la desta evolução, argumentando que o mundo de hoje já se não compadece com o maravilhoso tradicional, não me parece certo.

Reconheço, no entanto, nesta atitude algo que me parece verosímil. Muitas das histórias populares, que os grandes escritores recolheram, não com intenção de as legar às crianças, mas para as fixarem e transmitirem aos presentes e aos vindouros, traduzem um tipo de civilização que já não é nosso. Revelam um tipo de civilização em que a humanidade, desmunida e impotente perante a Natureza, tinha de depositar as suas esperanças na magia. As suas aspirações eram comprometidas pela fragilidade do seu poder económico, pela ausência de recursos técnicos ao seu dispor. Por isso criava mitos que compensavam essa humanidade do que não podia realizar pelo seu esforço. Ora estes dados não são os presentes. Hoje o homem tem recursos que outrora só eram possíveis por intermédio de entidades míticas.

Por outro lado, era um mundo hostil aquele em que a humanidade vivia. Mundo de hostilidade em que o negrume dos campos constituía um risco, em que as ameaças espreitavam por todo o lado, em que o homem vivia na sombra e não podia, por exemplo, prever o tempo, os flagelos, nem era capaz de dominar as

grandes epidemias. Todos os pavores que o cercavam, mitificavam-se em bruxas, em gigantes, em carnificinas de toda a ordem, em monstros que comiam pessoas (quem sabe se não eram transposições míticas de hábitos canibalescos?). Por tudo isto, as histórias da tradição popular exprimem um mundo que está muito distante de nós. Mas não quero dizer que esse maravilhoso, esse sobrenatural, que não corresponde à verosimilhança das leis naturais e dos recursos técnicos do nosso tempo, não continue a ter uma significação e um interesse tanto para a criança como para o adulto.

A criança aceita, é crédula. A confusão entre o real e o imaginário faz parte da sua natureza. Começa a desprender-se desse confuso, mas há um período durante o qual se mantém numa certa ambivalência, numa certa ambiguidade, em que a criança sabe que é imaginário, mas aceita como se fosse real. Não é iludida. Limita-se a entrar no jogo. O maravilhoso assim entendido tem uma função, corresponde a estados psicológicos em que o maravilhoso nutre a imaginação da criança.

O maravilhoso que eu rejeitaria, sem bem saber rigorosamente se esta atitude tem qualquer fundamento de ordem científica ou ética, é o da morbidez do terror. Todos nós, na nossa infância, nos ressentimos com as histórias terríficas que nos contaram.

COMO ENSINAR O MEDO

MÁRIO CASTRIM — Mas a criança precisa de saber que há medo, precisa de senti-lo. Tem de haver alguma maneira de ensinar o medo à criança, para pô-la de sobreaviso contra situações extremas. Não medo ao escuro em si, mas medo ao escuro, porque podem estar pessoas no escuro, porque pode tropeçar...

CORREIA DA FONSECA — Não será tanto o medo que é desejável, mas a consciência de perigo.

LÍLIA DA FONSECA — Posso contar a este propósito uma peça a que assisti na Alemanha. Quando lá estive, a opinião pública andava alarmada com uma série de raptos de crianças, principalmente de meninas, por automóveis que passavam na estrada. Então as autoridades pediam, por intermédio das casas de cultura e de juventude, que os marionetistas escrevessem uma peça, para ser apresentada nas escolas, que pusesse as crianças de sobreaviso. Uma das peças chamava-se «Gaby e o automóvel vermelho». Estão a ver que, neste caso, o lobo mau aparece de um automóvel, e quanto que o papel do bom lenhador, que salva o capuchinho, é desempenhado pelo carro da Polícia que persegue e prende o automobilista corruptor. A completa actualização do maravilhoso clássico! E a peça foi deli-



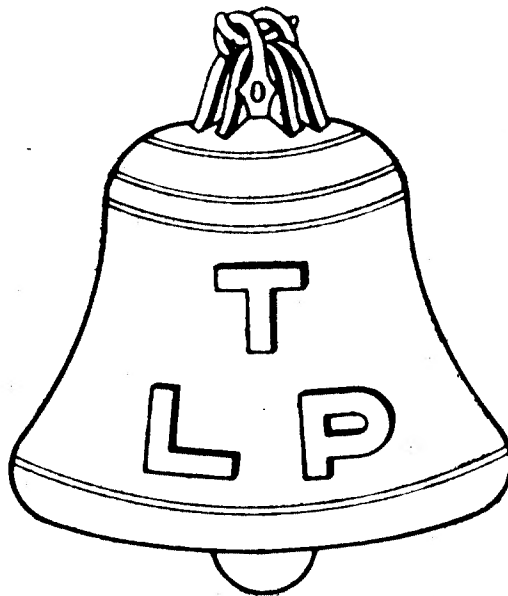
Matilde Rosa Araújo

rantemente acolhida pelas crianças das escolas. Numa delas, de crianças de idade muito juvenis, 6-7 anos, onde a vi, uma espectadora dos seus seis anos contou-a, depois, muito emocionada, ao Kasper (o fantoche clássico alemão) que, à beira da cena da sua barraca, a escutava e lhe ia dando as devidas necessidades. É esta actualização que eu preconizo, que tenho estado a estudar junto das plateias infantis e que vejo que em nada compromete nem oblitera a evasão e o sonho tão necessários aos mais jovens.

RUI GRÁCIO — É difícil dizer às crianças que há pessoas más, porque as crianças não têm experiência do mal, ou os seus cri-

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

EMPRESA
PÚBLICA



AO SERVIÇO
DA NAÇÃO

Cumprimenta os seus Assinantes e apresenta os melhores votos de um Feliz Ano Novo.

térios do bem e do mal não são inicialmente os nossos; mas as histórias podem conter advertências, devem, indirectamente, provocar medo. Com este aspecto formativo das histórias concordo plenamente. Ainda há duas ou três semanas num «círculo de pais», verifiquei que se chegou justamente a essa conclusão.

A literatura pela imagem

O problema levantado pela vaga irreversível da «literatura» pela imagem foi abordado apenas em dois dos colóquios. O prof. dr. Vítor Fontes salientou o dado fundamental de que «a imagem suprime a interpretação e convida à contemplação», considerando «mínimos» os benefícios da «literatura de quadrinhos». A dr.^a Maria Leonor Viana Botelho encarou a «leitura» em quadrinhos como cindível em «válida» e «não-válida». Acentuou a necessidade de compensar com obras-imagens de qualidade a oferta perniciososa que os «trusts» de além-Atlântico exportam para todo o mundo. E fez uma alusão (a que importará talvez atender como base para um trabalho de discriminação) aos álbuns «Astérix» e «Tintin».

CORREIA DA FONSECA — A «literatura pela imagem» (designação que se utiliza aqui, aliás, com todas as reservas) parece reclamar a atenção urgente dos educadores em geral e da LUDUS em particular. Digo LUDUS em particular,

porque receio que, ladeando o problema, e preocupando-nos apenas com a restante literatura infantil, a nossa acção de esclarecimento junto da generalidade dos pais esteja a ser incompleta e ineficaz. Poderia mesmo dizer que aquilo que a maioria dos pais conhece da literatura infantil são as histórias de quadrinhos que, a meias, lêem, com os seus filhos. Se techamos, por princípio, todas as portas e não nos detivermos numa análise construtiva deste fenómeno do nosso tempo, estamos, desde logo, a renunciar a um extenso sector de auditores e a deixar as crianças, que elegem as histórias de quadrinhos como única leitura, entregues a si próprias e ao



Correia da Fonseca

seu mundo de fantasia tantas vezes medíocre.

LILIA DA FONSECA — A perspectiva das histórias aos quadrinhos ainda não foi estudada em profundidade, naquilo que elas interferem com a educação e a formação da mentalidade das crianças, com aquele intuito de se resolver o problema que se me afigura sério. Porque, veja-se: as histórias inundam o mercado, a sua existência e difusão criou necessidades no público consumidor, que não é apenas constituído por crianças. Formaram-se inclusivamente, em determinadas elites cultas do estrangeiro e também de Portugal, correntes de interesse pelas histórias em quadrinhos. Futilidade? Derivativo intelectual? Mundanismo? Reacção, por fastio, à literatura escrita? Tudo isto tem de ser considerado no âmbito de pessoas que, como eu, vêm nesta espécie de subliteratura uma fórmula perniciososa da literatura para a infância e a juventude.

ANTÓNIO TORRADO — Vamos, porém, distinguir aqui as histórias por imagens (sobretudo eróticas) escritas e desenhadas para adultos, das histórias em quadrinhos dos livros e revistas infantis e juvenis. As primeiras não são da nossa conta, as segundas já serão da nossa conta e preocupação, se conseguirmos apreciá-las, sem preconceitos, sem quixotismos. Apontá-las, antecipadamente, como um perigo não nos

levará a lado nenhum, nem ninguém, ou quase ninguém, nos daria ouvidos. Pela minha parte, sinto muitos escrúpulos em rejeitá-las a priori. Li-as quando era criança. Ansiosamente aguardava o «Mosquito» ou o «Diabrete» da semana seguinte e ainda hoje, de vez em quando, folheio as antigas colecções, não sei se por nostalgia, por ociosidade ou por parvoíce... Seja como for, não sinto que a leitura das histórias aos quadrinhos (assim se dizia) me tenha feito mal.

LILIA DA FONSECA — Mas, no seu tempo, esperava uma semana até saber a continuação da história e, no intervalo entre dois números, lia livros, tenho a certeza. Não foram as histórias aos quadrinhos que o formaram, mas os livros que leu. Que vemos hoje? Séries completas, atraentes, fáceis e muito mais acessíveis no preço do que um livro de histórias.

ANTÓNIO TORRADO — Se os leitores responsáveis, renunciando um pouco ao lucro imediato, lançassem colecções de livros muito ilustrados e com histórias claras, directas, desenvolvidas, que prendessem logo as primeiras imagens e às primeiras palavras a atenção dos jovens leitores, livros em grandes tiragens, portanto baratos, livros distribuídos pelas mesmas tabacarias e bancas de jornais que vendem histórias aos quadrinhos, sempre queria ver se seria ou não possível inverter os interesses do público que agora é desfavorável e impermeável à literatura infantil de qualidade!

RUI GRÁCIO — Temos de reconhecer que o factor qualidade, tal como o factor preço são quase sempre decisivos. Se hostilizamos a má literatura infantil, porque é deformativa, viciosa ou convencional e desprovida de talento, pelas mesmas razões hostilizaremos a «literatura» aos quadrinhos má. Algumas publicações infantis, ou melhor, juvenis periódicas que tenho visto, nomeadamente alemãs, conseguem manter um equilíbrio entre a mancha escrita e o espaço da ilustração. Para qualquer livro, a qualidade gráfica parece-me essencial.

CALVET DE MAGALHÃES — A influência do verdadeiro professor é preponderante. Guiada por ele, a criança começará a orientar as suas preferências pela boa via. Mas, para que isso se consiga com êxito, tem de ser encaminhada desde a tenra idade, antes que se dê a outras «evasões». Há que ensiná-la a amar o livro e é necessário dar-lhe tempo, ócios produtivos para a leitura, não lhe sobrecarregando as tarefas escolares. Reparem que a criança, ao adquirir um livro de histórias por imagens, não se demora a escolher. Mas se tiver de comprar um livro, ela escolhe, desconfia, toma conta de que está a proceder a um acto de responsabilidade. É muito mais fácil comprar uma revistinha de «cow-boys». Tenho ob-



Mário Castrim

servado que os meus alunos só lêem os livros conhecidos ou aqueles que o mestre apresenta, lendo-lhes, por exemplo, um capítulo. Por este meio consegue-se despertar curiosidades, incitar a criança à boa leitura.

CORREIA DA FONSECA — Um dos óbices que ponho à «literatura de quadrinhos» é o de não encontrar nela a descrição de estados de espírito senão esquemáticamente. O Tintin pensa? em que pensa ele? Sorri, ri, franze o sobrolho, zanga-se, fica espantado... E que mais? Mais nada. O jogo mimico é insuficiente, a imagem só nos pode transmitir um pouco da intimidade de cada personagem. Receio que este esquematismo, aliado ao esquematismo de situações, esvazie os leitores e lhes deprima ou aniquile a vida interior, estandardizando-os, principalmente se não tiverem, como compensação, acesso a outras leituras mais ricas.

CALVET DE MAGALHÃES — As histórias aos quadrinhos devem ser consideradas, mesmo para as crianças, como literatura de evasão. Elas encontram, em tais histórias, o conflito que vivem psicologicamente, conflito que reside na sua capacidade em harmonizar a obrigação de se dominarem e o desejo de se afirmarem. É justamente o que sucede aos heróis das bandas desenhadas. O Tintin não constitui excepção a esta regra: tudo, no aspecto deste ser sem idade, o aparenta com uma criança. É dotado, todavia de uma inteligência de um homem, para não dizer de um super-homem, além de possuir conhecimentos vastíssimos. Ora este quadro exemplar é extremamente aliciante para a criança, que se sente diminuída e inferiorizada num meio de criaturas sempre mais aptas do que ela.

LILIA DA FONSECA — Parece-me que estamos a juntar elementos para o «processo» da «literatura» aos quadrinhos, embora não possamos chamá-la a depor... Se o fizéssemos, teríamos de chamar à presença deste «júri» a grande indústria gráfica estado-unidense que, pela via do Brasil, inunda o mercado português, responsáveis, em parte, pela literatura de fantasia que inunda o nosso País.

ANTÓNIO TORRADO — Concorde em absoluto. As nossas crianças vêm-se obrigadas a viver situações e ambientes que estão muito longe dos que lhe são próprios. Isso acentua o artificialismo da relação leitor-história. Não só a violência, a paisagem humana e as obsessões que tantas vezes transparecem nas histórias aos quadrinhos americanas lhes são alheias, como a linguagem e até as exclamações e onomatopéias (Bang! Plof! Zzzzz...). Mas não estaremos nós a criticar o processo, a técnica narrativa das histórias aos quadrinhos pelos resultados que conhecemos? Não seria possível pensar, inventar, desenhar outras, não sei quais, mas outras histórias aos quadrinhos, possivelmente sem «balões» sobrepostos à imagem, sem a agressividade como eixo único da narrativa, e mais ricas, mais belas e mais naturalmente infantis? Creio que sim. Há algumas propostas nesse sentido, aqui em Portugal. Lembro, por exemplo, uma ou outra história do «Fagulha» e um livrinho esquecido do Eduardo Teixeira Coelho,



Lília da Fonseca

admirável desenhador que em França, em Itália e no Brasil viu reconhecido o seu mérito.

CORREIA DA FONSECA — Vemos assim que há unanimidade em relação à aceitação das histórias de quadrinhos. Há aceitação, porque não nos sobram forças nem razões para rejeitá-las em bloco. Enfim, é preciso aceitar a «literatura» pela imagem, ainda que não tenha sido desejada, pois por mais que queiramos, não podemos alhear-mo-nos da sua popularidade. O fenómeno aí está. Tiremos então partido dele, orientemos este meio de expressão no melhor caminho e depois se verá... Demos aos escritores e artistas gráficos empenhados neste novo tipo de expressão a possibilidade de mudarem o curso das histórias de quadrinhos. A mim, em particular, a empresa parece-me por demais difícil, principalmente no nosso meio, onde as carências técnicas desanimam quase sempre as melhores boas vontades.

já pensou que...

...AO ADQUIRIR UMA MÁQUINA DE LAVAR ROUPA LIBERTÁ-SE DE UM SEM NÚMERO DE PROBLEMAS DE ECONOMIA E DE TEMPO.

A SUA EMPREGADA DOMÉSTICA PODERÁ SER DISPENSADA DESTA TAREFA, A SUA ROUPA SERÁ LAVADA QUANDO DESEJAR E COM EXTRAORDINÁRIA RAPIDEZ, A SUA QUANTIDADE TAMBÉM NÃO TERÁ IMPORTÂNCIA E A CHUVA DEIXARÁ DE SER UMA PREOCUPAÇÃO.

E QUANTAS COISAS PODERÁ FAZER ENQUANTO A HOOVER TRABALHA? PERGUNTE AS SUAS AMIGAS QUE JÁ POSSUEM MÁQUINAS HOOVER E FICARÁ MARAVILHADA COM AS SUAS OPINIÕES!



A HOOVER RECOMENDA skip

MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS



LEOPOLD SHIROI, LDA. LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8. 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELÉF. 727654-727665-713057



Carros e furgonetas
amplas facilidades
de pagamento,
peças legítimas
estação de serviço
e oficinas

Alteração profunda da economia indiana?

WILLIAM V. CONGHLIN

Agora que Indira Gandhi conta com um Partido do Congresso depurado dos elementos da ala direita, irá ela dominar o partido e a nação?

Esta é a questão crucial, neste momento, em que se anuncia uma reunião da ala esquerda do partido, em Bombaim. Espera-se que Indira Gandhi apresente nessa reunião os termos de uma nova política económica, política essa, por certo, de sabor esquerdista. Mesmo alguns funcionários americanos residentes em Nova Delhí são de opinião de que isso é necessário para salvar a Índia da depressão.

Mas o primeiro-ministro, que se revelou um estratega consumado na

maus lençóis. O ministro do Comércio Externo revelou, há dias, que o crescimento de exportações tinha descido de 13,6% no período de Abril-Outubro de 1968 para 1,8% no mesmo período deste ano. Este resultado veio negar as previsões: esperava-se uma taxa de crescimento de 7%.

O Governo empreendeu esforços muito especiais para manter em certos campos o nível de exportações, a fim de evitar essas quebras. Mas essas medidas levarão o seu tempo a dar fruto.

VIRAGEM A ESQUERDA

Além disso, o êxito da tão anunciada «revolução

Por outro lado, a nacionalização dos bancos e a declaração governamental de que a nacionalização não pode ser excluída noutros domínios, parecem ter tirado aos capitalistas estrangeiros o desejo de colocarem o seu dinheiro em empresas privadas, enquanto a situação não se esclarecer.

Ao mesmo tempo, parece ter havido uma nítida viragem à esquerda na política externa do país. A revelação de que o Governo da sr.^a Gandhi parece ter o propósito de elevar a sua representação diplomática em Hanói à categoria de Embaixada foi seguida da actual visita dos representantes do Governo

clarar que não satisfaria qualquer das suas dívidas externas.

OS ADVERSÁRIOS ACUSAM...

Mas o incidente mais embaraçoso para o Governo talvez seja o da derrocada de um edifício em construção em Trivandrum, no Estado comunista de Kerala, derrocada causou nove mortes, no princípio deste mês. Veio a saber-se que o edifício seria o Centro Cultural, e que estava a ser construído pelo Governo soviético, que não se preocupou com a formalidade de obter o consentimento do Governo de Indira Gandhi para a construção do Centro. Os russos pediram ao ministro dos Negócios Estrangeiros autorização para abrir o Centro, mas não esperaram por resposta para darem início às obras. Os E. U. A. tinham recebido, no ano passado, uma recusa ao seu pedido de abertura de um centro similar, em Bhubaneswar.

O ministro dos Negócios Estrangeiros convocou o embaixador soviético, Nikolai Pegov, exigindo-lhe uma explicação e anunciou à Embaixada soviética que não permitiria a abertura do centro. Mas o mal já estava feito. Os adversários do Governo acusaram os russos de terem tanta confiança no gabinete de Indira Gandhi que se sentiam autorizados a passar por cima de formalidades diplomáticas e a fazer o que quisessem na Índia.

IRONIA OU PREVISÃO?

Na semana passada, a ala direita do Partido do Congresso (chefiada pelo antigo presidente Siddavanhalli Nigalingappa), reunida em Ahmedabad, contestou a legitimidade do Governo da sr.^a Gandhi.

São todos estes os problemas que a assembleia desta semana terá que resolver. Pairando acima dos partidários de Indira Gandhi, em Bombaim, estarão desenhos de mãos segurando o povo da Índia, alusão à missão do Partido. Ironia ou previsão? O futuro o dirá.

(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«Diário de Lisboa»).



Bernadette Devlin: o combate dos pobres contra os ricos

Os caprichos do acaso fizeram com que Bernadette Devlin nascesse a 23 de Abril, que é, ao mesmo tempo, o dia de S. Jorge, padroeiro da Inglaterra, e o aniversário do grande levantamento de Dublin contra o poder britânico, em 1916. Aos 22 anos, fez saltar todas as barreiras da celebridade, desde a sua eleição triunfal (Março de 1969) até à sua participação nas barricadas do Bogside, o bairro católico de Londonderry, em Agosto passado, e que deram à situação do Ulster uma tal publicidade que Londres teve de intervir e substituir-se, de facto se não de direito, ao regime de Stormont, odiado pelos católicos.

E, no entanto, na sua breve autobiografia, ora traduzida em francês (1), Bernadette Devlin esforça-se por deixar bem claro que o seu combate não é o dos católicos contra os protestantes — divisão artificialmente conservada por todos que nela têm interesse — mas sim o dos pobres contra os ricos, o dos «desprezados» contra os exploradores, sem distinção de religião. Tornou-se socialista, não por ter estudado Marx ou Lenine, que confessa conhecer mal, mas sob pressão dos acontecimentos.

Filha de um carpinteiro de Cookstown e de uma senhora que pertencia à pequena burguesia católica local, teve que suportar com o irmão e as quatro irmãs, a hostilidade da boa sociedade, que não tolerava este casamento desigual. No seio desta família turbulenta, mas feliz e unida, roçando constantemente a pobreza, Bernadette foi educada no culto da história e da mitologia irlandesas. Na escola Saint-Patrick de Dungannon, onde fez os seus estudos secundários, não hesita, contudo, em erguer-se contra o fanatismo anti-ingles da madre superiora, que ela, no entanto, muito admira. É católica, mas não é irlandesa: pouco se preocupa com os ritos e as rivalidades tradicionais com os protestantes; afirma que a Igreja traiu a sua missão e é cúmplice da ordem estabelecida. Em Belfast, na Queen's University, onde entra em 1965, descobre a política activa sob a forma de marchas pelos direitos civis, a primeira das quais se realizou em 24 de Agosto de 1968. Não podemos deixar de as comparar às que se realizaram, há uns dez anos, nos E. U. A.: a mesma não violência dos manifestantes, as mesmas brutalidades da polícia, a mesma cumplicidade com os elementos extremistas (os sequeiros do rev.^o Paisley cumprem muito bem o papel da Ku-Klux-Klan). Em todo o caso, passado menos de um ano, a campanha para os direitos civis irá produzir a insurreição de Agosto de 1969.

Bernadette Devlin toma frequentemente a palavra nas manifestações; encontramo-la na primeira fila quando se trata de vencer os cordões da polícia. Chega a altura de uma eleição parcial para substituir o conservador de posse do lugar do Mid-Ulster. Bernadette é escolhida para fazer a paz entre todos os candidatos antiorangistas. Perante a surpresa geral, vence por 4000 votos, após uma entusiástica campanha. Ai a temos, menina-prodígio do Parlamento, assediada pelos fotógrafos e pelos candidatos ao matrimónio. No entanto, ela não tem qualquer confiança na instituição parlamentar e não distingue entre um trabalhista e um conservador. Rompe com todas as regras da decência, ao participar em Londonderry na resistência às forças policiais (e nomeadamente aos «B special» tão detestados), arreMESSANDO tijolos e cocktails Molotov. Nunca tal se tinha visto em Westminster.

A imprensa, que a tinha por menina dilecta, acusa-a a gora de irresponsabilidade e infantismo político. A verdade é que ninguém lhe pode ter demonstrado que a acção directa pode compensar.

BERNARD CASSEN

(1) Bernadette Devlin — Mon âme n'est pas à vendre, Le Seuil.



A sr. Indira Gandhi e o presidente do Partido do Congresso, Saddavvanshali Nijalingappa. Apenas uma cisão entre a ala direita e a ala esquerda do mais velho agrupamento político da Ásia

maneira como soube manobrar os seus adversários, no auge da crise política, vai enfrentar grandes problemas neste período que se avizinha. De momento, o menor desses problemas é o facto de, pela primeira vez na história do Partido do Congresso, ela contar com uma minoria no Parlamento. Mas tem suficiente apoio da ala esquerda para afastar qualquer tempestade nestas semanas mais próximas. Pelo menos até à próxima sessão do Parlamento, a sessão da discussão orçamental (na qual será chamada a pagar as suas dívidas políticas) não terá que reencar desafios à sua supremacia política bem firmada.

DIMINUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES

Nos domínios da economia e da política externa é que o primeiro-ministro se acha agora em

verde» da Índia foi posta em questão, na semana passada, quando o presidente da Associação de Fertilizantes da Índia revelou que o consumo de fertilizantes se situava a níveis muito inferiores aos esperados. Declarou que a diminuta capacidade das fábricas de fertilizantes tinha aumentado de tal maneira os preços, que só os fazendeiros ricos poderão adquiri-los, deixando, assim, os pequenos fazendeiros na dependência dos métodos tradicionais.

Se tivesse havido uma verdadeira revolução nos métodos agrícolas da Índia, a procura de fertilizantes seria dupla, afirma. Alguns observadores ocidentais acusam a falência das fábricas do sector público que, incapazes de se ajustarem à situação do mercado, são responsáveis pela impossibilidade de os pequenos fazendeiros adquirirem os fertilizantes.

Provisório «vietcong» do Vietnam do Sul. Esta visita foi uma resposta ao convite feito pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Dinesh Singh, durante a sua viagem a Hanói para os funerais de Ho Chi Minh.

Numa altura em que o Congresso dos E. U. A. está a mostrar um entusiasmo mínimo pelo auxílio externo, verifica-se na Índia uma hostilidade cada vez mais acentuada por parte da ala esquerda, contra os E. U. A., que acusam de usar do auxílio prestado ao país como alavanca de comando da política externa indiana. O auxílio dos E. U. A. à Índia totaliza, em todas as suas formas, mais de nove biliões de dólares. Um participante num a discussão em mesa-redonda, na emissora radiofónica controlada pelo Governo (Ali India) convidou, na semana passada, o Governo a renunciar a todo o auxílio externo e a de-

